

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE**

FÁBIO RICARDO GIOPPO

O BEM E O MAL: UMA LEITURA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

**PONTA GROSSA
2014**

FÁBIO RICARDO GIOPPO

O BEM E O MAL: UMA LEITURA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre junto à Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Oliveira

**PONTA GROSSA
2014**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Gioppo, Fábio Ricardo

G946 O bem e o mal : uma leitura em Grande Sertão: Veredas/ Fábio Ricardo Gioppo. Ponta Grossa, 2014.
109 f.

Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Oliveira.

1.Literatura brasileira. 2.Análise do discurso - bem e mal. 3.Linhas de segmentaridade. I.Oliveira, Silvana. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade. III. T.

CDD: 401.41

FÁBIO RICARDO GIOPPO

O BEM E O MAL: UMA LEITURA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Dissertação apresentada para obtenção do título de grau de Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 24 de junho de 2014.

Silvana Oliveira
Doutora em Teoria e História Literária
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Antonio Augusto Nery
Doutor em Estudos Literários
Universidade Federal do Paraná

Miguel Sanches Neto
Doutor em Teoria e História Literária
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Para Larissa, Sarah e Lara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado a vida. Agradeço a meu pai (in memoriam) Aljoir e à minha mãe Tere por terem me trazido à vida. Agradeço à minha família, Larissa, Sarah e Lara, por fazer com que minha vida tenha sentido. Agradeço ao meu irmão Fabiano Gioppo e à sua família (Marlei, Natália e Rafael) pelo suporte. Agradeço a todos os meus professores por terem me mostrado mais sentidos para a vida. Em especial, agradeço à minha orientadora Silvana Oliveira e ao professor Miguel Sanches Neto por fazerem parte de minha caminhada desde a graduação até aqui. E ao professor Antônio Augusto Nery pela amizade. Agradeço a todos os meus colegas do Mestrado, em especial à Thatiane Prochner pela ajuda. Agradeço também à Vilma, secretária do Departamento, pela força.

...mas livra-nos do mal.
(Mateus 6: 13)

...não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço.
(Romanos 7: 19)

RESUMO

O romance *Grande Sertão: veredas* é o palco de inúmeras batalhas, mas a principal delas e que podemos observar no campo da palavra é a luta que Riobaldo trava consigo mesmo na busca por desvendar sua condição de pactário ou não. Por meio da discussão dos conceitos filosóficos de Bem e Mal desenvolvidos por Baruch de Spinoza (2013) e da noção de rizoma e linhas de diferença em Gilles Deleuze & Félix Guattari (1995), observaremos como se desenrola o movimento do Bem e do Mal nas narrativas empreendidas por Riobaldo ao longo do seu relato maior. O trabalho começa por estabelecer as definições de Bem e Mal, em Spinoza, para em seguida estabelecer relações entre essas definições e os princípios norteadores do rizoma em Deleuze & Guattari. A partir daí, anotamos as narrativas riobaldianas de modo a perceber a dinâmica das linhas de diferença operando nas suas reflexões sobre o Bem e o Mal nas ações humanas. O diabo no meio do redemoinho é a imagem que potencializa a compreensão de que o que é bem pode tornar-se mal, mas também o que é mal pode tornar-se bem, daí a percepção de que no interior do sertão não há lugar apenas para o exercício do ódio, traição e morte, mas também para a sua reversão. A narrativa de Riobaldo aparece-nos, portanto, como um exercício ético que retoma sua vida e a reflete na busca pela compreensão e pela redenção de si mesmo diante do Bem e do Mal.

Palavras-chave: *Grande Sertão: veredas*; Bem e Mal; linhas de segmentaridade.

ABSTRACT

The novel *Grande Sertão: veredas* is the stage of numerous battles, but the principal fought battle that we can notice is the one Riobaldo locks with himself in seeking to unravel his condition of covenanting or not. Through philosophical concepts of Good and Evil developed by Baruch Spinoza (2013) and rhizome notion by Gilles Deleuze & Félix Guattari (1995), we will observe how Good and Evil movement unfolds itself in Riobaldo's undertaken narratives along his greatest report. The work begins with the definitions from Good and Evil by Spinoza, and then to the establishment of the relations between these definitions and the rhizome's guiding principles by Deleuze & Guattari. Thenceforth, we notice Riobaldian's stories as a way to realize the difference lines' dynamic operating in his reflections about Good and Evil in human's actions. The devil in the whirlwind is the image which potentiates the comprehension that good can become evil, but evil also can become good; soon it is possible the perception that inside the backcountry there is no place just for hate exercises, betrayal and death, but also its reversal. Riobaldo's narrative seems to us, therefore, like an ethic exercise that resumes his life and reflects it in the search for comprehension and redemption of himself in front of Good and Evil.

Keywords: *Grande Sertão: veredas*; Good and Evil; segmentarity lines.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: OS ESTUDOS ROSIANOS E SUAS POSSIBILIDADES.....	12
CAPÍTULO 2: ANOTAÇÕES SOBRE O BEM E O MAL EM SPINOZA, DELEUZE & GUATTARI E GUIMARÃES ROSA.....	19
Uma pequena trajetória teórica.....	22
A voz de quem narra <i>Grande Sertão</i>	23
A vida de Spinoza.....	24
Ética jagunço-sertaneja.....	25
O bem e o mal em Spinoza e suas relações com <i>Grande Sertão</i>	33
O mal para Riobaldo.....	39
Um provável pacto.....	42
O homem natural e o jagunço.....	44
O bem e o mal em movimento no Verde-Alecrim.....	46
Felisberto.....	52
As linhas de segmentaridade em Deleuze & Guattari e a história de Maria Mutema.....	55
A teoria dos rizomas e a ação rizomática na cena da matança dos cavalos.....	67
O conceito dos Afetos, em Spinoza.....	75
CAPÍTULO 3: BEM, MAL E ÉTICA EM <i>GRANDE SERTÃO</i>	80
Aleixo e os meninos.....	81
Pedro Pindó.....	83
Mudanças ocorrem no meio da travessia.....	84
Anotações sobre <i>A terceira margem do rio</i>	87
Desejo de liderança e o pacto.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	108

INTRODUÇÃO

O foco do nosso trabalho é a abordagem do tema do bem e do mal na saga e no discurso do narrador do romance *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Riobaldo conta a um interlocutor a história de sua própria vida. E com base nesses relatos é que vamos perceber a reflexão sobre o bem e o mal em passagens muito pontuais: Felisberto no Verde-Alecrim; a história de Maria Mutema; a matança dos cavalos; a história do Aleixo e de seus filhos; a história de Pedro Pindó.

Embora concentremo-nos nesse estudo direcionado, ao abordar histórias específicas e analisar a dinâmica do bem e do mal no interior delas, não deixaremos de analisar também a mudança subjetivo-identitária em ação na vida do narrador. Analisaremos o seu relacionamento com Hermógenes – uma figura representativa do mal dentro da narrativa - e faremos também uma abordagem, durante o nosso texto, sobre o “provável pacto” estabelecido, por Riobaldo, com o demônio. Afirmamos provável o pacto, entre aspas, porque da mesma forma que o narrador não sabe se houve pacto ou não houve, não pudemos encontrar elementos suficientes para dizer que houve e que não houve o pacto. Não queremos tomar uma posição única no que se refere à existência ou não do pacto, pois podemos, por meio de elementos da narrativa, defender tanto uma posição quanto outra. Há quem defenda a existência do pacto, há quem julgue a não confirmação dele; nós tentaremos mostrar que as duas possibilidades estão autorizadas pelo texto.

Riobaldo talvez tenha encontrado o seu consolo e pacificação interior com relação ao pacto nas conversas com compadre Quelemém e também com o seu interlocutor na narrativa: “Tem cisma não. Pensa para adiante” (GSV, p. 607)¹, afirma o compadre Quelemém, quando Riobaldo o interroga sobre a provável venda da alma ao diabo. “Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe” (GSV, p. 608), isso foi o que o narrador disse ao seu interlocutor no fim da história. O que existe, e Riobaldo assim conclui, é homem humano, o mal e o diabo são elementos humanos, com os quais é preciso conviver, refletir.

Percebemos então que a “voz” desse interlocutor (o) culto, da cidade, ratifica

¹ A edição utilizada para as análises apresentadas nesta dissertação foi publicada em 2006, pela Editora Nova Fronteira. Abreviaremos o título da obra em todas as suas citações no decorrer do trabalho para GSV, seguido dos números das páginas.

a ideia inicial de Riobaldo, a qual permeia toda a obra. Nosso trabalho tem a proposta de, no primeiro capítulo, relacionar quatro autores que se destacam na produção de João Guimarães Rosa. Entendemos que há outros importantes estudiosos que se destacam no estudo das produções rosianas, porém nosso objetivo não é enfatizar o estudo sobre a obra de Guimarães Rosa, mas sim destacar as principais tendências de abordagem da sua obra que podem relacionar-se com a nossa proposta de estudo. Esses quatro autores distintos que escolhemos têm, no escopo de seus trabalhos, as mais variadas preocupações temáticas. Desde o estudo da biblioteca de Rosa, até o estudo dos personagens rosianos comparados a pessoas públicas da época em que Rosa escrevia. A intenção desse capítulo é proporcionar uma pequena vista sobre a grandiosidade das possibilidades de estudos e pesquisas quando se trata de João Guimarães Rosa.

O segundo capítulo do nosso trabalho apresentará alguns conceitos filosóficos, a partir dos quais faremos nossa análise do texto *Grande Sertão: veredas*. Trataremos de expor os conceitos de Bem e Mal e Afetos, baseando-nos no filósofo seiscentista Baruch de Spinoza, e também exporemos os conceitos de Linhas de Segmentaridade e Rizoma, baseando-nos nos conceitos propostos por Gilles Deleuze & Félix Guattari. Aliaremos, ainda no segundo capítulo, os conceitos filosóficos citados acima à dinâmica do Bem e do Mal em *Grande Sertão*, de modo a propor uma relação entre a literatura e a filosofia. Para isso, já trataremos de analisar várias histórias presentes no romance estudado com o intuito de esclarecer as manifestações do Bem e do Mal na experiência do narrador.

O terceiro capítulo, aos moldes do segundo, dará conta de perceber como a dinâmica do Bem e do Mal se dá, pontualmente, em algumas histórias narradas por Riobaldo e faremos também uma relação do romance com um outro importante conto de Guimarães Rosa: *A terceira margem do rio*. Ainda no terceiro capítulo, veremos como se dá o provável pacto de Riobaldo com o demônio. Para isso, analisaremos as atitudes do narrador após o provável pacto e proporemos uma leitura dessa aliança nas *Veredas-Mortas*, a partir de uma perspectiva rizomática, tomando como base de nossa interpretação, os conceitos de linhas de força, ou de segmentaridade, propostos por Deleuze & Guattari.

Por fim, em um último momento, faremos nossas considerações finais, visando um breve resgate de todo o percurso a que nos propusemos durante essa travessia.

CAPÍTULO 1: OS ESTUDOS ROSIANOS E SUAS POSSIBILIDADES

Antônio Cândido em seu texto “Homem dos avessos”, publicado na Coleção Fortuna Crítica (1991), afirma que:

Na extraordinária obra-prima *Grande Sertão: veredas* há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar. (CANDIDO, 1991, p. 294).

Com essas palavras de Antônio Cândido, encorajamo-nos a nos lançar na leitura de *Grande Sertão: veredas* para a abordagem da dinâmica do bem e do mal na vida e no discurso de Riobaldo. Entendemos que muitos estudiosos já desenvolveram trabalhos admiráveis sobre a do autor João Guimarães Rosa, e muitos outros trabalhos baseados na sua principal produção – *Grande Sertão: veredas* - ocupando-se dos mais variados aspectos que se apresentam nele. Estudiosos como Suzi Frankl Sperber, Eduardo F. Coutinho, Willi Bolle, Luiz Roncari sustentam abordagens que nos interessaram e orientaram no percurso empreendido até aqui.

Da estudiosa Suzi Frankl Sperber, destacamos a obra *Caos e Cosmos. Leituras de Guimarães Rosa*, de 1976. A professora Suzi Frankl Sperber é professora titular da Universidade Estadual de Campinas e mantém uma produção teórica e crítica sobre arte e literatura junto aos Institutos de Arte e Instituto de Estudos da Linguagem daquela Universidade. Seu trabalho é marcado pela intensa atividade de orientação e supervisão acadêmica nos vários níveis, desde a graduação até pós-doutoramento. A autora realizou, nesse estudo de 1976, uma pesquisa da biblioteca do autor Guimarães Rosa e vê quais teriam sido suas leituras e suas influências. A autora percebe que a biblioteca de Rosa privilegia e até certo ponto enfatiza questões “religiosas”. Não é à toa que percebemos em *Grande Sertão: veredas*, obra sobre a qual nos debruçamos, um amálgama de referências religiosas que potencializam, relativizam e reorganizam vários sistemas religiosos. E isso percebemos no modo como Riobaldo se relaciona com a religião, ou melhor dizendo, com as religiões, pois ele bebe de diversas fontes (do espiritismo, do

catolicismo, do cristianismo evangélico...) como veremos mais adiante dentro da escrita de nosso trabalho.

Sperber (1976) destaca, por exemplo, que no estudo da Bíblia, as anotações de Rosa apontam para uma direção que mostra a influência do texto sagrado na vida cotidiana das pessoas, e ela escreve:

As observações marginais – ingênuas – parecem indicativos de um cristianismo *sui generis*. Um cristianismo de fé e oração, um cristianismo em que o Espírito Santo teria algo de milagroso, de mediador com a transcendência – inerente à sua natureza intrínseca – mas não forçosa e indissolúvelmente ligado ao Pai e ao Filho (SPERBER, 1976, p. 40).

Sem dúvida, o trabalho de Sperber demonstra a importância que Rosa dá à religião e ao místico. Os estudos de Sperber avançam ao longo de sua carreira para outros aspectos da obra de Guimarães Rosa, em livros como *Signo e Sentimento*, de 1982 e tantos outros textos produzidos como artigos científicos abordando a obra de Rosa. Os aspectos anotados pela autora se revelam em grande parte da obra de Guimarães Rosa, inclusive em *Grande Sertão*, com destaque para o relacionamento do humano com um ente sobrenatural. E é relacionado a esse viés místico e religioso que o trabalho de Sperber ressalta, através de seu livro supracitado, que podemos perceber uma relação direta com aquilo que escreveremos. Entendemos que grande parte do nosso trabalho, desenvolvido por meio dessa dissertação, tem sua relação maior com teóricos filosóficos. Nosso esforço se concentrará em relacionar a literatura com a filosofia, de modo a explorar também o cunho místico-religioso das reflexões do narrador.

Outro estudioso que desenvolve um respeitável trabalho sobre a obra *Grande Sertão: veredas* é Eduardo F. Coutinho. Eduardo de Faria Coutinho é professor titular de Literatura Comparada da UFRJ e pesquisador I A do CNPq, onde desenvolve o projeto *A Literatura Comparada e suas Relações com os Discursos sobre a Literatura* (Teoria, Crítica e Historiografia Literárias). É um dos mais reconhecidos especialistas brasileiros em literatura comparada. Entre seus livros publicados destacam-se *The “Synthesis” Novel in Latin America: A study on Guimarães Rosa’s Grande Sertão: Veredas; Literatura Comparada na América Latina: Ensaio e Literatura Comparada: Reflexões*.

Coutinho, além de escrever os livros supracitados, é o autor do livro *Grande Sertão: veredas. Travessias*, pela Realizações Editora, sobre o qual falaremos um

pouco a seguir. Coutinho, ainda, foi o escritor responsável por fazer uma rigorosa seleção de textos que compõem um volume de estudos sobre Guimarães Rosa, e que foi publicado na *Coleção Fortuna Crítica* – vol. 6, pela editora Civilização Brasileira.

Sobre este trabalho, em uma nota introdutória do volume, o crítico afirma que Guimarães percebe que a linguagem da literatura de sua época estava de certa forma cristalizada e apenas obedecia a certos padrões repetitivos de ideias e fórmulas feitas. Então:

Guimarães Rosa rompe peremptoriamente com o automatismo dessa linguagem, e, ao explorar as diversas potencialidades latentes no signo linguístico, o “ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido”, constrói as suas narrativas de maneira altamente poética, penetrando através das aparências até o miolo das coisas, e induzindo o leitor a um processo de reflexão que só a verdadeira arte tem poder de propiciar. (Coleção Fortuna Crítica, 1991, p. 13)

Coutinho demonstra estar alerta à importância da obra de Guimarães Rosa não somente no que diz respeito à beleza poética da escrita desse autor, mas também ao valor linguístico que tais obras tiveram e têm para a literatura brasileira. E sobre esse valor da linguagem que Coutinho ressalta na obra de Rosa, ele afirma que:

[...] ao deixar de lado a linguagem envelhecida e sedimentada e ao restaurar o poder de revelação do *dictum* poético, o autor alça todo um protesto contra a sociedade da qual aquela linguagem é uma manifestação típica, e oferece conseqüentemente uma visão crítica da realidade que se acha na base de qualquer tipo de literatura verdadeiramente revolucionária. Para Guimarães Rosa, é “somente renovando o idioma que se pode renovar o mundo”. (Coleção Fortuna Crítica, 1991, p. 13)

Coutinho ainda ressalta que o valor da obra de Rosa se dá em vários outros campos e não apenas nessa revolução linguística feita pelo autor de *Grande Sertão*. Coutinho afirma que Guimarães “transcende os parâmetros do Regionalismo tradicional ao substituir a ênfase até então atribuída à paisagem pela importância dada ao homem – pivô de seu universo ficcional” (Idem, p.14). E Coutinho reforça essa ideia ao afirmar que “é somente assumindo a identidade regional que a

literatura brasileira pode atingir o seu caráter de universalidade e inscrever-se de maneira definitiva no âmbito da tradição ocidental” (Idem, p.14).

Em sua obra *Grande Sertão: veredas. Travessias*, Eduardo F. Coutinho apresenta um panorama da vida e obra de João Guimarães Rosa e demonstra a importância da produção de Rosa no contexto da literatura brasileira e latina americana como um todo. Ele nos apresenta as “tendências principais que precederam a publicação do romance rosiano no quadro da literatura latino-americana...” (COUTINHO, 2013, p. 51).

Embora o estudo de Coutinho, em sua grande parte, valorize os aspectos linguísticos, regionais e sociais presentes na obra de Rosa, relacionando-os com o contexto histórico brasileiro, durante o qual Rosa escreve, ele também demonstra em seu trabalho uma preocupação em analisar criticamente o texto literário como obra de arte escrita. Sobre a obra *Grande Sertão: veredas*, Coutinho desenvolve uma análise crítica que contribuiu muito para o nosso presente trabalho. Ele analisa o percurso de vida do narrador-personagem e suas aventuras e sobre isso ele escreve:

[...] a narrativa, que Riobaldo acaba de iniciar, constrói-se em torno de duas linhas ou planos básicos, associados a dois momentos distintos de sua vida e marcados por duas atitudes diferentes de sua parte – um tempo passado, durante o qual ele vivenciou os fatos narrados agora, predominantemente marcados por sua ação no sertão, e um tempo presente, caracterizado por uma atitude especulativa, em que relata esses eventos a um interlocutor e os revive no próprio ato da narração. Embora essas duas linhas não sejam separáveis – ao contrário, interpenetram-se a todo instante na narrativa e é da dependência mútua estabelecida entre elas que se desenvolve a tensão de todo o relato. (COUTINHO, 2013, p. 83)

O estudioso Eduardo Coutinho desenvolve uma análise aprofundada, na obra *Grande Sertão: veredas. Travessias*, não só sobre o personagem Riobaldo, mas também sobre outro personagem, o qual não é o foco principal do nosso trabalho, Diadorim.

Outro estudioso da obra de Guimarães Rosa é o escritor Willi Bolle. Nascido em Berlim, Alemanha, estudou Letras e História na Freie Universität de Berlim, de 1964 a 1966, quando veio para o Brasil, com 22 anos de idade, para fazer pesquisas sobre a obra de Guimarães Rosa. Formou-se em Letras pela Universidade Estadual de São Paulo, em 1968. Doutorou-se em 1971, na Universidade de Bochum,

Alemanha, com uma tese sobre a evolução da técnica narrativa nos contos de Guimarães Rosa. Lecionou Teoria Literária no Setor de Pós-Graduação da PUC-SP, de 1972 a 1978. Desde 1977, é professor de Literatura Alemã na USP, onde defendeu, em 1984, a tese de livre-docência sobre Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar, e onde tornou-se titular em 1990. É ator formado pela Escola de Arte Dramática (EAD-USP, 1983-1986). Foi professor convidado na Stanford University, no Zentrum für Literaturforschung de Berlim, na Freie Universität de Berlim, na UNICAMP, UFPE (Recife) e UFPA (Belém). Entre 2001 e 2003 foi presidente da Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos (ALEG). Em 2004, iniciou um trabalho de leituras dramáticas de *Grande Sertão: Veredas* com alunos de Letras da USP e os contadores de histórias de Cordisburgo.

A obra de Bolle que muito contribuiu para o nosso trabalho foi *grandesertão.br*. Nela o autor propõe um “retrato” do Brasil por meio da obra de Rosa. Através de uma comparação entre o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e o livro *Grande Sertão: veredas*, Bolle propõe uma forma de enxergar momentos decisivos na história brasileira, além de entender como funcionam as estruturas de poder no interior do Brasil, por meio da literatura rosiana. Bolle afirma que Rosa:

Organiza a sua narração em forma de redes temáticas. Um network, no qual o sertão é o mapa alegórico do Brasil; o sistema jagunço, a instituição entre lei e crime; o pacto com o Diabo, a alegoria de um falso pacto social; a figura de Diadorim, o desafio para desvendar o dissimulado e o desconhecido; e a fala do povo, o próprio labirinto da língua... Essa rede ficcional serve de *médium* para observar e investigar a rede dos discursos sobre o país. (BOLLE, 2004, p. 9)

Com profundidade, Bolle, em um extenso trabalho de quase 500 páginas, escreve desde a estrutura de formação do país até à função da paixão amorosa e paixão estética, e para isso ele analisa o sistema do funcionamento da jagunçagem existente nos Gerais, e também o comportamento do personagem Diadorim. Ele compara o pacto que Riobaldo faz com o diabo, com a própria história do Brasil. Ele analisa topograficamente cada passagem mencionada em *Grande Sertão: veredas*, disponibilizando, em seu livro, figuras e mapas dessas regiões nos Gerais, Goiás e Bahia. Enfim, Bolle, através de seu livro “*grandesertão.br*”, nos proporciona uma bela ferramenta de entendimento sobre a obra prima de Guimarães Rosa.

Algo que Bolle ressalta na sua obra, o que é a sua tese discutida é que:

O romance de Guimarães Rosa é o mais detalhado estudo de um dos problemas cruciais do Brasil: a falta de entendimento entre a classe dominante e as classes populares, o que constitui um sério obstáculo para a verdadeira emancipação do país. (BOLLE, 2004, p. 9)

Sem dúvida, Bolle, em *grandesertao.br* (2004), consegue analisar a fundo os personagens e suas vivências não só por meio de uma crítica literária preocupada com a ficção somente, mas também pela relação da análise literária artística a uma abordagem aprofundada do sistema social brasileiro, nos seus mais variados estratos.

Outro estudioso da obra de Guimarães Rosa é o escritor Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Roncari é professor livre-docente da área de Literatura Brasileira, da FFLCH/USP, desde 1988. É autor do romance *Rum para Rondônia* (São Paulo, Siciliano, 1992) e de *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos* (São Paulo, Edusp, 1995 e 2002, 2 ed. Revista e ampliada). Atualmente, é bolsista do CNPq e desenvolve um novo projeto de estudo sobre a obra de Guimarães Rosa.

A obra de Roncari que tem muito destaque sobre o estudo de Guimarães Rosa é *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder*. Nessa obra, Roncari relaciona determinados personagens de Rosa com figuras públicas da época da escrita de seus textos. Uma forma bastante peculiar de analisar a obra de Rosa foi a maneira que Roncari encontrou para destacar que esse grande autor de nossa literatura tentava, por meio de sua escrita, aproximar a ficção da realidade vivida no Brasil.

Mas o maior esforço de Roncari está no seguinte trecho:

Confrontando os modos como os grandes intérpretes do Brasil veem e avaliam a nossa formação político-social, o que pude verificar e tentei mostrar neste livro foram as proximidades da visão de Guimarães principalmente com as de Alberto Torres, Alceu Amoroso Lima e Oliveira Vianna, embora não estivessem ausentes dela as de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Paulo Prado e outros. O que não quer dizer que o autor as reproduzisse; apenas demonstrava mais afinidades com umas do que com outras, apoiando-se mais numas do que noutras, particularmente, no tratamento dos seguintes assuntos da vida brasileira: a miscigenação racial e o mulato; a estratificação e a hierarquia; a organização familiar; os problemas do arrivismo e da ascensão social; a transição dos costumes senhoriais aos burgueses; a crítica ao dinheiro, como o sangue corrosivo do capitalismo, corruptor e dissolvente dos valores

da tradição; a concepção das elites e as suas funções civilizatórias e modernizadoras; o conflito social, não apenas no plano da vida socioeconômico, mas também cultural; as ambiguidades geradas pelo choque entre civilização e barbárie, cultura e rusticidade, ordem e desordem; a insuficiência dos costumes tradicionais e patriarcais; e as alternativas do processo de modernização: imitação artificial do importado e ruptura com o velho ou a assimilação do novo sob o controle da tradição. (RONCARI, 2004, p. 21)

Roncari consegue, através de seu estudo, relacionar a obra de Guimarães Rosa com a formação daquilo que podemos chamar “nacional”. E é dentro desse estudo que há, até certo, ponto uma denúncia de grande parte das mazelas brasileiras, e isso tudo Roncari consegue identificar, aliando literatura e história.

Da retomada desses estudiosos resultou para nós a percepção da grandiosidade da obra de Rosa e do desafio que qualquer abordagem de sua produção representa. Estamos, portanto, diante do desafio de anotar, refletir, compreender e propor leituras para um dos maiores escritores da literatura em língua portuguesa.

CAPÍTULO 2: ANOTAÇÕES SOBRE O BEM E O MAL EM SPINOZA, DELEUZE & GUATTARI E GUIMARÃES ROSA

Neste capítulo, a intenção é estabelecer um percurso pela produção de Spinoza (1632 - 1677) e também pela produção de Gilles Deleuze (1925 - 1995) e Felix Guattari (1930 - 1992), de modo a orientar a abordagem da temática do bem e do mal no romance *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. O pensamento dos filósofos aqui citados será anotado com o intuito de refletir sobre os sentidos assumidos por eles no que tange ao tratamento da temática do bem e do mal. Essas anotações serão tomadas como referência para a abordagem do romance, na medida em que compreendemos que se trata de uma narrativa na qual o bem e o mal não operam como princípios absolutos, mas são antes movimentos da ação humana que estão sempre sob o efeito da reflexão e da tomada de posição do narrador no momento em que narra, a *posteriori*, a sua história.

Riobaldo é o narrador-personagem do livro *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Ele conta sua história para um interlocutor “assisado e instruído” (GSV, p. 10), “com toda leitura e suma doutoração” (GSV, p. 14), ou seja, a um interlocutor letrado, cheio de conhecimento e vindo da cidade, ao qual o leitor não tem acesso, a não ser pelas marcas de diálogo que o texto apresenta. Riobaldo, agora velho, assume a tarefa de contar a história de sua vida, desde a infância, juventude e maturidade. Essa narração se demora muito mais tempo nas passagens de sua vida no meio da jagunçagem, mesmo tendo passado poucos anos atuando como jagunço. Ele conta nos mínimos detalhes as aventuras, façanhas e batalhas pelas quais passou. Conta também das amizades que teve, dos amores que viveu e dos acertos e erros que cometeu.

Este narrador, no momento em que conta, está com aproximadamente 60 anos, e teve tempo suficiente para passar e repassar mentalmente os episódios aos quais se reporta. Do começo ao fim do texto de aproximadamente 600 páginas na edição em que trabalhamos, temos os relatos a partir do olhar desse ex-jagunço, o qual no momento da narração é um abastado fazendeiro, que teve a oportunidade de aprender a ler e a escrever, e até mesmo teve a experiência de ser professor de um dos mais temidos e reverenciados líderes de jagunços daquela época: Zé Bebelo.

A experiência docente, se podemos assim chamá-la, durou pouco, aproximadamente um mês, pois o aluno não tinha vocação para a submissão de aprendiz, mas para mestre “Mas, com menos de um mês, Zé Bebelo se tinha senhorado de reter tudo, sabia muito mais do que eu mesmo soubesse.” (GSV, p. 129) e depois desses poucos dias de aprendizado, de superação do mestre, Riobaldo afirma que: “(Zé Bebelo) sendo feliz de nessas dificuldades me ver, eu já ignorante, esmorecido e escabreado. Só aí, digo, foi que ele ficou gostando de mim.” (GSV, p. 129). Essa experiência de vida na fazenda de Zé Bebelo foi decisiva para a caminhada de Riobaldo.

Durante os acontecimentos narrados, percebemos inúmeros traços da personalidade de Riobaldo, de menino medroso a grande chefe Urutu-Branco. Atrevemo-nos a dizer que conhecemos a vida de Riobaldo, através dos relatos minuciosos dos trechos marcantes de sua vida. Mas é arriscado afirmar que o conhecemos, pois ele mesmo se declara um fugidor, “eu sempre fui um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga.” (GSV, p. 184). E dentro do presente estudo que nos propomos a realizar, vemos nesse traço da personalidade do narrador-protagonista, a fuga, uma forte identificação com os conceitos de linhas de força propostos por Deleuze e por Guattari (1995), sobre os quais nos aprofundaremos mais adiante, porém é necessário já indicarmos que, na vida de Riobaldo, entendemos muitas das suas atitudes e podemos inferir sentidos a partir das decisões que tomou durante a vida porque ouvimos dele as suas justificativas. Mas não podemos nos atrever a dizer que o que ele fez foi certo ou errado, pois nem ele mesmo sabe. E todas as histórias contadas pelo narrador não devem ser ouvidas com inocência, imaginando que quem narra é um jagunço comum.

Lembre-mo-nos sempre que Riobaldo viveu parte de sua vida, uma pequena parte dela, no meio da jagunçagem, sendo um jagunço letrado, diferente de seus amigos de batalha. Willi Bolle, em seu livro *grandesertão.br* (2004) nos diz isto, que o narrador de *Grande sertão: veredas* “não é nada “simples”, mas uma pessoa que conhece muito bem a gramática e a retórica, uma figura altamente elaborada, um jagunço letrado.” (BOLLE, 2004, p. 41). E lembremo-nos também que o narrador, no momento narrativo, é um latifundiário, dono de grandes terras, divididas em partes para seus amigos ex-jagunços (cf. GSV, p. 24).

Riobaldo apresenta dúvidas o tempo todo. Ele quer ter certeza de suas ações, como quem não quer errar, ou não quer admitir ter errado. Talvez por isso hesite em

muitos momentos. Em primeiro lugar, porque ele escolhe viver em um meio muito perigoso e violento. Vive atravessado por uma lei jagunça que exige fidelidade do jagunço a seu líder. Por outro lado, ouvimos Riobaldo narrar que a traição é uma espécie de realidade comum no meio jagunço. Tanto é verdade que o maior dos líderes jagunços, uma espécie de Messias do sertão, Joca Ramiro, é assassinado por Hermógenes, (o qual é chamado de Judas pelo narrador) que era um de seus braços fortes.

Riobaldo narra o amor proibido que tem por Reinaldo/Diadorim: um outro jagunço. Mas a história dos dois não é uma simples coincidência, ou melhor, para Riobaldo é sina, o destino que armou para ele esse amor. Quando Riobaldo era garoto, com seus quatorze anos mais ou menos, é enviado por sua mãe até o porto de-Janeiro a fim de esmolar para pagar uma promessa realizada. E nos dias em que esteve esmolando, conheceu um menino, “Terceiro ou quarto dia, que lá fui, apareceu mais gente [...] de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro.” (GSV, p. 102). Os dois viveram uma aventura de barco, atravessando um rio caudaloso de uma margem à outra até uma espécie de ilha.

Lá, são avistados e interpelados por um negro, que imagina que os dois estão fazendo bobagens (praticando sexo) ali sozinhos e quer participar também. “Hem, Hem? E eu? Também quero!” (GSV, p. 108), disse o mulato. O menino, agora amigo de Riobaldo, chama o negro para mais perto “Você, meu nego? Está certo, chega aqui...” (GSV, p. 108), esfaqueia-o e volta-se para o barco tranquilamente, enquanto o negro some mata adentro. Os dois voltam para a margem depois dessa aventura, e se reencontram anos mais tarde. Nesse momento, Reinaldo, o menino que Riobaldo conhecera às margens do São Francisco, e Riobaldo são jovens, quando se encontram em uma fazenda, já inseridos em um clima de jagunçagem, “Ah, mas ah! – enquanto que me ouviam, mais um homem, tropeiro também, vinha entrando, na soleira da porta.” (GSV, p. 138). É nesse ponto que Riobaldo descobre que aquele menino de olhos verdes tão lindos seria seu amigo para o resto da vida. O Reinaldo, Diadorim.

Ao longo dessa abordagem do romance *Grande Sertão: veredas*, buscaremos perceber quais são as concepções de bem e de mal que regem a narrativa. Entendemos que na maior parte do tempo, quando o mal aparece, ele é concebido de forma abstrata, metafísica, como se operasse apenas como um recurso de reflexão para o relato de Riobaldo. O mal como elemento metafísico e reflexivo é,

por vezes, concretizado por Riobaldo na figuração, ou várias figurações, do diabo. Esse é o nome que Riobaldo dá para o mal. Na próxima seção de nosso estudo, veremos como os conceitos de bem e mal e como o conceito dos afetos de Spinoza funcionam dentro da narrativa. E tentaremos perceber também, como os conceitos de rizoma e de linhas de força, propostos por Deleuze e por Guattari, podem ser anotados no interior desse romance.

Uma pequena trajetória teórica

Os filósofos que selecionamos para embasar nossos estudos foram: Benedictus de Spinoza (1632-1677), Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992). Considerando a extensão da obra desses autores, reiteramos que não é nosso objetivo uma abordagem integral da sua produção. Selecionamos algumas obras, cuja relevância percebemos ser maior para o assunto sobre o qual trataremos. Baseados nessas obras, aplicar-nos-emos a anotar, a entender, a observar e até mesmo a promover encontros intensivos entre os pensamentos e conceitos dos autores.

Não gostaríamos de cair na armadilha de fazer afirmações irresponsáveis como: “Na obra de tal autor, sempre aparece esse pensamento...” ou “O pensamento do autor com relação a esse assunto é evidente em toda a sua obra...”. Não! Ao invés disso, elencamos algumas obras que consideramos mais relevantes e de muita importância para as anotações específicas que desejamos fazer, tanto com relação aos textos filosóficos, quanto com relação ao texto literário, do encontro reflexivo desses dois campos, a literatura e a filosofia. Buscaremos depreender o funcionamento (ou não) dos conceitos selecionados para o esclarecimento dos textos anotados.

Da obra de Spinoza, selecionamos *Ética* (2013); da obra de Deleuze & Guattari, *O que é filosofia* (1992), *Mil platôs- Capitalismo e esquizofrenia* - vol.1 (2000), *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia* - vol. 3 (2000).

A partir dessas escolhas, temos um quadro preliminar composto por um filósofo que influenciou muito os escritos de Deleuze: Spinoza; e dois filósofos “contemporâneos”, em cujos pensamentos encontramos ressonância e consonância: Deleuze & Guattari.

Tal quadro aqui apresentado tem o objetivo de estabelecer uma linha de pensamento, e por que não dizer, de tempo também, que escolhemos de modo a traçar o percurso pelo qual caminharemos na construção de nosso próprio pensamento a respeito da questão do bem e do mal relacionada ao romance de Guimarães Rosa.

Após escolhidas as obras, percebemos que no escopo de cada uma delas há alguns conceitos importantes sobre os quais gostaríamos de discorrer neste segundo capítulo. Tentaremos, de uma forma organizada e didática, expor, a partir das obras escolhidas, os pensamentos/conceitos-chave de cada um dos autores escolhidos.

A voz de quem narra *Grande Sertão*

Temos no nosso narrador-protagonista a fonte de toda a história contada. Todas as aventuras, batalhas, sentimentos dos personagens nos são passados através da lente deste ex-jagunço Riobaldo.

Precisamos estar muito atentos para o fato de que quem nos narra tudo isso é um ex-jagunço que no momento da narração é um latifundiário. Ele herda muitas terras de seu padrinho/pai Selorico Mendes. Seria necessário abrir um pequeno parêntese neste momento de nossa escrita, a fim de explicar a relação que Riobaldo tem com estes dois títulos referentes à sua filiação: padrinho e pai. Riobaldo evoca o nome do pai quando isso é importante para ele. Percebemos que o narrador controla bem o discurso e muda o registro da conversa conforme lhe apraz e conforme alguma vantagem ele tenha em vista receber por parte do seu interlocutor. Isso fica muito claro em pelo menos dois momentos: quando ele conversa com Otacília, na fazenda Santa Catarina, pela primeira vez:

E ela queria saber tudo de mim, mais ainda me perguntava. –“Donde é mesmo que o senhor é, donde?” E eu não medi meus alforjes: fui contando que era filho de Seô Selorico Mendes, dono de três possosas fazendas, assistindo na São Gregório. (GSV, p. 194)

e também quando ele, ainda um simples jagunço, fala com Seô Habão, dono de muitas terras, “- Duvidar, seô Habão, o senhor conhece meu pai, fazendeiro Senhor Coronel Selorico Mendes, do São Gregório?!” (GSV, p. 416). Não podemos perder

de vista a perspectiva de que o narrador foi jagunço, mas no momento da narração é um grande fazendeiro rodeado de ex-jagunços/amigos, com os quais ele diz “repartir” a terra. Quando fazemos esse pequeno comentário sobre a relação que Riobaldo desenvolve com o título de filho ou de afilhado, temos em mente deixar claro que, além da esperteza desse narrador-personagem, está presente a mudança subjetivo-identitária dele, que passa, dentro de si, de afilhado para filho. E essa relação assumida de filiação de um rico fazendeiro faz com que haja mudanças no seu modo de agir, de pensar e de se portar na vida.

Está claro para nós que, ao evocarmos as figuras de grandes latifundiários como seô Habão e a própria figura de Riobaldo como grande fazendeiro, não é objetivo deste trabalho fazer uma análise política ou social da narração que chega até nós. Ou seja, não temos a intenção de analisar a formação do sertão brasileiro e seus sistemas de poder. Não queremos analisar o poder paralelo que domina no sertão dos Gerais, de Goiás e da Bahia evidenciado pela formação de bandos de jagunços, ou que lutam pelo governo, como é o caso do bando liderado, em determinado momento da narrativa, por Zé Bebelo, personagem que tem por trás de suas ações uma motivação política declarada, a ponto de os próprios jagunços dizerem que as batalhas conduzidas por Zé Bebelo eram patrocinadas pelo governo, “Diziam que era dinheiro do cofre do Governo. Parecia.” (GSV, p. 132).

Nosso alvo também não está em analisar o modo de vida dessas pessoas/personagens no que diz respeito a seus costumes, estilo de vida em sociedade, (se bem que lançaremos mão dos modelos de jagunços e de bandos de jagunços que aparecem na narrativa) mas sim analisar no interior do texto, com foco na temática do bem e do mal, tentando desvendar de que maneira o bem e o mal estão agindo naquele momento específico da narração.

A vida de Spinoza

Spinoza nasceu em 24 de novembro de 1632, sendo educado na comunidade judaica de Amsterdã, e fortemente influenciado por seu estudo de Descartes. Spinoza foi excomungado no início de seus vinte anos, e sobre isso o romancista Irvin D. Yalom escreve:

(Spinoza) Deve ter tido uma forte reação emocional ao ser banido, ao 24 anos, pela comunidade judaica de Amsterdã: um decreto irrevogável determinando que todos os judeus, inclusive a sua própria família, dele se afastassem definitivamente. Nenhum judeu deveria voltar a falar com ele, relacionar-se com ele, ler o que ele escrevia ou chegar a menos de 4,5m da sua presença física. (YALOM, 2013, p. 9).

Spinoza mudou de nome, de “Baruch” (abençoado) para seu equivalente latino “Benedictus”, e viveu as duas últimas décadas de sua vida calmamente como polidor de lentes em Leiden e Haia, e nas suas proximidades. Seu livro *Ética* foi escrito entre 1660 e 1675, e publicado postumamente no ano de 1677. O filósofo escreve em uma época de conturbação científica, intelectual, política e religiosa que deu origem a muitos “sistemas” filosóficos. Yalom afirma que Spinoza “foi autor de livros que mudaram o mundo de forma efetiva. Ele antecipou a secularização, o Estado liberal-democrático e ascensão das ciências naturais, preparando assim o terreno para o Iluminismo.” (YALOM, 2013, p. 9).

É visível, na argumentação de Spinoza, em *Ética*, que sua preocupação maior é levar o homem a utilizar ao máximo a sua mente para um fim proveitoso, em primeiro lugar pessoal, e em segundo lugar um fim proveitoso social. Em vários momentos, observamos que *Ética* pode funcionar como um manual de conduta de vida em sociedade. Entendemos que não era esse o objetivo maior do filósofo através desse livro, mas não podemos descartar essa anotação.

Ética jagunço-sertaneja

Tendo em vista o romance estudado, o que notamos com muita clareza dentro da narrativa de Guimarães Rosa é uma “ética do sertão”, se é que podemos chamar assim. Essa ética, durante o desenrolar da narração, aparece de diferentes formas em diversas situações, principalmente nas ações dos jagunços. É necessário destacar que a ética da jagunçagem presente nesse livro se difere de bando para bando, conforme as coisas vão mudando. Vemos, por exemplo, que Zé Bebelo quer acabar com a jagunçagem do sertão. Ele deixa bem claro a Riobaldo que é esse o seu objetivo na vida, aliado a uma ambição política de se tornar deputado. Dessa ambição, aparentemente, todos os jagunços dali sabiam, “todos já aventavam aquela toleima, por detrás dele até antecipavam alcunha: o Deputado...” (GSV, p. 130). Zé Bebelo, a princípio estava reunindo grande tropa para: “romper em peito de

bando e bando, acabar com eles, liquidar com os jagunços, até o último, relimpar o mundo da jagunçada braba.” (GSV, p. 131).

Mas como acabar com a jagunçagem, sendo ele próprio um jagunço? Ele queria exterminar a si próprio? Não. É que o tipo de jagunço com o qual ele quer acabar é um jagunço que rouba, mata e destrói. Interessante que ele quer acabar com a jagunçagem de maneira muito clara: matando jagunço por jagunço, destruindo bando por bando.

Dentro da ética jagunça, defendida por Zé Bebelo, essa maneira de agir seria muito útil. Será que de acordo com o pensamento de Spinoza, Zé Bebelo agindo dessa forma estaria produzindo um bem? Afinal de contas seria útil para o sertão tal “limpeza”. Zé Bebelo se valendo da força bélica para extirpar o mal do sertão. Isso, para Zé Bebelo é o correto, isso para ele é bem. O que para ele é mal se concentra nas ações cometidas por bandos jagunços, dos quais ele quer se livrar. E ele diz que tipo de ações são:

A gente devia mesmo de reprovar os usos de bando em armas invadir cidades, arrasar o comércio, saquear na sebaça, barrear com estrumes humanos as paredes da casa do juiz-de-direito, escramuçar o promotor amontado à força numa má égua, de cara para trás, com lata amarada na cauda, e ainda a cambada dando morras e aí soltando os foguetes! Até não arrobavam pipas de cachaça diante de igreja, ou isso de expor padre sacerdote nu no olho da rua, e ofender as donzelas e as famílias, gozar senhoras casadas, por muitos homens, o marido obrigado a ver? (...) Ah, cujo vou siô Baldo, vou. Só eu que sou capaz de fazer e acontecer. Sendo porque fui eu só que nasci para tanto! Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas. (GSV, p. 131)

E esse tipo de ação, roubo, morte e destruição, está diretamente ligado com a forma de agir do bando dos judas, liderado por Hermógenes e por Ricardão. Os quais matam a traição o líder Joca Ramiro.

Guimarães Rosa, em seu diálogo com Günter Lorenz, responde a uma indagação que está diretamente relacionada com o que estamos discutindo neste momento do trabalho: a ética sertaneja voltada para ações que denotem a presença do bem e do mal.

LORENZ: Em seus livros acontecem muitas coisas que se pode chamar de crimes, assassinatos, homicídios, ultrajes. São estes, então, modos lógicos de conduta dos seus heróis, por exemplo, de seu Riobaldo?

GUIMARÃES ROSA: Não, não se pode dizer isto. O que ali acontece não são crimes. A gente do sertão, os homens de meus livros, você mesmo escreveu isso, vivem sem consciência do pecado original; portanto, não sabem o que é o bem e o mal. Em sua inocência, cometem tudo o que nós chamamos de “crimes”, mas que para eles não o são. Alguma coisa deste modo de pensar se conservou até mesmo na justiça de muitos países civilizados. Pense na distinção entre assassinato premeditado e homicídio irrefletido, ou no que os franceses chamam “crime passional”, o assassinato por ciúmes, etc. Isto marca limites. No sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder. As duas coisas são possíveis. Como critério, ele tem apenas sua inteligência e sua capacidade de adivinhar. Nada mais. E assim se explica também aquele provérbio sertanejo que à primeira vista parece outro paradoxo, mas que expressa uma verdade muito simples: o diabo não existe, por isso ele é tão forte. Às vezes não se encontram as palavras que se está sentindo dentro de si mesmo. (CANDIDO, 1991, p. 95)

Podemos afirmar que são quase idênticas a definição dada por Spinoza para homem natural (definição que estudaremos mais adiante) e a definição dada por Rosa ao homem do sertão. Precisamos deixar claro que Rosa está respondendo ao questionamento de Günter, falando sobre homens que cometem crimes, assassinatos e outras formas de violência. Não fala daqueles habitantes em geral que vivem no sertão brasileiro, pessoas que moram em pequenos vilarejos, como no caso de Maria Mutema e seus vizinhos, moradores do “sertão jequitinhão, no arraial de São João Leão.” (GSV, p. 222). Analisaremos mais à frente o caso da Maria Mutema e perceberemos claramente que, para Rosa (e para Riobaldo), ela não era uma assassina, mas para a Justiça, sim.

Guimarães Rosa, ao responder seu interlocutor, está falando sobre ações violentas dos homens, que para ele, agem de uma forma quase que instintiva e reativa a tudo que acontece à sua volta. Ele afirma que esses homens não possuem a consciência do que é bom e do que é mau. Agem apenas para conservar o seu ser, pois “no estado natural, não há nada que seja bom ou mau.” (SPINOZA, 2013, p.182).

Eles possuem, segundo o autor de *Grande Sertão: veredas*, a inteligência e o instinto, ao que Rosa chama capacidade de adivinhar. Matam e morrem apenas porque cumprem a sua sina inconsciente, segundo Rosa, de não conhecer o que é mal e o que é bem. Porém, o nosso trabalho é, a partir do ponto de vista dos filósofos que embasam nosso pensamento, dentro da escrita desta dissertação, sobre o conceito de bem e de mal, refletir como que a dinâmica do bem e do mal interfere nas ações dos personagens. Adotamos um ponto de vista, que a princípio pode ser evidenciado como distinto do próprio autor. Pois, ao lermos o romance,

adotando a perspectiva que estabelecemos, podemos compreender a existência do bem e do mal diretamente relacionados às ações dos personagens no desenrolar das ações da narrativa.

Colocamos, propositadamente, essa perspectiva trazida por Rosa, sobre o que ele pensa a respeito da ação do bem e do mal na vida dos seus personagens, com o intuito de dispor ao nosso leitor o que também pensa o autor da obra, mesmo que discretamente, fazendo com que ele participe desse encontro intensivo entre a literatura e a filosofia. Lembremo-nos também de que analisaremos, no decorrer de todo o presente trabalho, a perspectiva do que possa ser bem e mal a partir da narração feita pelo protagonista Riobaldo.

Ao escrever sobre o sistema jagunço em *Grande sertão: veredas*, Bolle (2004) nos apresenta sua visão sobre a diferença de bando e bando dentro da narrativa:

O elemento básico da história – como, no fundo, de toda a narrativa – é a questão moral, ou seja, a luta do Bem contra o Mal, sendo que, no universo ambíguo de Guimarães Rosa, o jagunço pode servir tanto a uma quanto à outra causa. Medeiro Vaz e seus homens são caracterizados como representantes do Bem. O que motiva a luta de Riobaldo do lado dos “medeiros-vazes” é o desejo de vingar a morte do chefe anterior, Joca Ramiro, assassinado por seus subchefes Hermógenes e Ricardão. O protagonista do romance pertence portanto à categoria dos bandits d’honneur, os “bandidos vingadores da honra” – em oposição aos que fazem do banditismo um meio de vida: “os hermógenes e os ricardões” que, além de serem assassinos, “roubavam, defloravam demais, determinavam sebaça em qualquer povoal atoa, renitiam feito peste”. (BOLLE, 2004, p.104)

É necessário destacar que mesmo Zé Bebelo, vivendo de matar “gente humana”, tem por trás dessa atitude uma ética, na qual acredita, entendendo ser a maneira correta e mais acertada de agir, que, quando comparada à ética das ações do tipo de bando jagunços descritas um pouco mais acima, o que Zé Bebelo faz é um bem enorme para a sociedade daquela região. E se compararmos essas ações de Zé Bebelo com as definições de bem e de mal descritas a seguir por Spinoza, veremos, também, que o que Zé Bebelo faz é o bem.

Nessas poucas palavras ditas por Zé Bebelo, transcritas acima, que se assemelham a um discurso político em época de eleições, ele toca em diversas áreas da sociedade que merecem valor. Ele abomina o roubo, o saque, a destruição das cidades, violência contra os representantes da lei (juiz, promotor), violência contra a família; e por outro lado deseja alcançar por meio da política, o que até hoje

não foi alcançado satisfatoriamente naquela região, que são escolas, pontes, fábricas, enfim, o que Zé Bebelo quer é: Ordem e Progresso. Importante notar que Zé Bebelo abomina a violência, porém as suas ações demonstram outra coisa.

O que Zé Bebelo faz na verdade é nos mostrar que a violência pode ser usada, naquele ambiente sertanejo, mas do modo correto, ou seja, o dele. E esse modo de pensar e de agir nos revela que para ele, na verdade, o problema não é matar, mas é quem matar e por que matar. Ele se coloca como juiz, mostrando que a violência, a morte, os assassinatos causados pela jagunçada braba é um mal que precisa ser exterminado. E que por outro lado a violência, a morte e os assassinatos que ele deseja promover representam um bem que precisa ser executado.

Apenas destacando que nosso foco com o presente trabalho não é analisar a vida da sociedade daquela região a partir do ponto de vista sociológico e político, mas é difícil não tecer comentários que, mesmo que motivados pelo texto ficcional, que é o caso de *Grande Sertão: veredas*, são idênticos na realidade e na obra literária. E isso há décadas, pois *Grande Sertão: veredas* teve sua primeira edição lançada em 1956.

É importante destacar que a ética sertaneja é mutável e cambiante tanto de bando para bando, como de situação para situação e também de personagem para personagem conforme a situação obriga. Um bom exemplo para ilustrar essa afirmação, demonstrando a mutabilidade nas ações dos personagens, é o fato de o próprio narrador admitir que cometeu o estupro de duas mulheres, o que na ética do próprio líder Zé Bebelo, como vimos acima, é totalmente reprovável. Mas o que acontece é que Riobaldo, quando pratica estupro, está debaixo da liderança de outro bando. E é sobre isso que discorreremos um pouco a partir de agora: a ética do líder e a ética do liderado.

Riobaldo comete estupros quando estava jagunçando, como um comandado. Com relação à prática de estupro, Riobaldo confessa que “E eu era igual àqueles homens? Era. [...] saindo por aí, qualquer uma que seja, não me escapole.” (GSV, p. 172). E ele revela que cometeu o estupro: “A primeira, que foi, bonita moça, eu estava com ela somente. Tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as unhas tinha.” (GSV, p. 172). “Mas, depois, num sítio, perto da Serra Nova, foi uma outra, a moreninha miúda, e essa se sujeitou fria estendida” (GSV, p. 173).

Necessário é perceber que Riobaldo muda significativamente no que diz respeito a essa prática. Ele afirma que “Deus me livrou de endurecer nesses costumes perpétuos.” (GSV, p. 172). Evidenciamos isso, essa mudança subjetivo-identitária, quando assume o comando. Já líder do bando, Riobaldo tem, em determinado momento da narrativa, a oportunidade, se quiser, pois é o chefe, de deflorar uma virgem, a neta de Seô Ornelas. Riobaldo e seu bando estão na grande propriedade, jantando, na casa grande com o dono da fazenda, sendo servidos por várias mulheres, e a mais linda é a neta de Seô Ornelas.

Em determinado momento da refeição, Riobaldo chama a menina para perto, causando um “leve medo de tremor” nas faces do avô. Seô Ornelas teve muito contato com a jagunçagem e sabe que esse tipo de gente é capaz de fazer muitas malvadezas. Ele sabe o risco que a neta está correndo. O próprio Riobaldo nos revela que poderia, por ser o comandante, agir de tal maneira que “A menina-mocinha, que eu agarrava nos braços, era uma quanta-coisa primorosa que esperneia... Mas eu não quis!” (GSV, p. 457). Ele reconhece que haveria a possibilidade de estuprar aquela virgem, mas por decisão própria ele não quis fazer. Riobaldo controlou os seus instintos (de animal, de homem, de chefe) e afirma: “Eu não quis.”

Algo mudou dentro de Riobaldo, algo no seu sistema ético de valores estava naquele momento diferente, fazendo com que a sua atitude mudasse. A resposta pode estar na página anterior do romance, quando ele percebe o medo nos olhos daquele poderoso homem Seô Ornelas, e afirma que “Isso foi o que me satisfez.” (GSV, p. 456). Enquanto comandado, levou a cabo ato de violência: estuprou mulheres. Enquanto líder, não precisou demonstrar violência física para ser reconhecido como superior, apenas demonstrou violência psicológica. Afirmou-se para si mesmo como líder, provando do medo que causava nos outros. Isso era o suficiente naquele momento.

Poderíamos até mesmo observar que é comprovável a existência de uma ética do liderado e uma ética do líder. Riobaldo experimentou das duas, pois foi liderado e foi líder. Talvez com a sua narração, ele queira nos convencer de que obteve na vida não só ascensão social e moral, pois de comandado passou a comandante, mas também de que sua ética moral ascendeu, pois enquanto era um simples jagunço, submisso a ordens de outros chefes, ele não se via comprometido, talvez, a demonstrar um valor ético de caráter humano aprovável. Porém agora

como líder, talvez se veja na obrigação de agir conforme uma ética nova estabelecida dentro de si por meio da qual ele rege suas atitudes. Com essa forma de agir, ele pode demonstrar ao grupo o que seja certo ou errado, o que seja bom ou mau. O que não serviria de muita garantia, em se tratando do tipo de pessoas com quem Riobaldo estava acostumado a lidar: homens duros e violentos. Não podemos afirmar que esse era o objetivo de Riobaldo, pois entendemos que ele queria provar para si mesmo que era temido por todos ali e que para isso não precisava utilizar-se de violência física.

Está evidente que ele queria afirmar-se como chefe, para isso estava aproveitando as oportunidades para testar sua posição de superioridade naquela situação. Então podemos afirmar que Riobaldo mudou para melhor? Não queremos dizer com isso que mudou para melhor, que ele deixou de ser um mau caráter e passou a ser um homem de bem. Mesmo porque ele demonstra que a possibilidade do estupro era iminente, mas

[...] eu não quis! Ah, há-de-o, quanto e qual não quis, digo ao senhor: e Deus mesmo baixa a cabeça que sim: ah, era um homem um homem danado diverso, era, eu – aquele jagunço Riobaldo... Donde o que eu quis foi oferecer garantia a ela, por sempre. (GSV, p. 457)

E mais, ele não deixa de usar a violência contra o próximo para obter o que quer. Talvez agindo como agiu, ele tenha se revelado até mais violento; não só com Seô Ornelas e a neta, mas principalmente com Diadorim. Pois Riobaldo nos relata que, durante esse acontecimento, “A avaliar o (tom) de Diadorim, por igual como mostrava – outros olhos- o arregalo de ciúmes. Aqui digo: que se teme por amor” (GSV, p. 456), e mais “os olhos de Diadorim me pediam muito socorro.” (GSV, p. 457). Fica evidente que há uma violência explícita contra Diadorim, porém apenas percebidas por eles dois: Riobaldo e Reinaldo.

Parece-nos muito importante destacar o efeito que a violência sexual contra as mulheres no contexto vivido por Riobaldo é também uma forma de o romance contextualizar a situação de Maria Deodorina, ou seja, da mulher travestida de homem para colocar-se fora do alcance do desejo e do interesse desses homens. A força e a violência potencial de Diadorim se manifestam em vários momentos da narrativa, mas ao final saberemos que se trata de uma mulher, todo o tempo velada pela roupagem e pela personalidade jagunça.

Gostaríamos de destacar que a ética no sertão é regida pelo momento em que se encontra o sertanejo, mas que isso também não é uma regra geral, mas sim um fato observável no desenvolvimento da narrativa.

As palavras de Riobaldo que descrevem a cena do possível, mas não realizado estupro, são muito reveladoras, pois ele, no momento da narração ao seu interlocutor, reconhece em si mesmo um outro homem.

Ele narra os episódios vividos em sua vida e consegue perceber que ele não é mais o mesmo, que ele está mudado. Está evidente que ele se aprova pela atitude que fez. Ele reconhece que fez o que era certo naquele momento, ele que sempre teve dúvida e sempre teve “medo de errar. Sempre tive. Medo de errar é que é a minha paciência. Mal? O senhor fia? Pudesse tirar de si esse medo-de-errar, a gente estava salva.” (GSV, p. 185).

O que Riobaldo invoca para ratificar o seu acerto é a presença do próprio Deus, o qual baixa a cabeça e tem que reconhecer que aquele jagunço agiu de forma acertada naquela ocasião. É importante nos lembrarmos de que, nesse momento da narrativa, Riobaldo é possivelmente pactário, ou seja, teria a seu lado o favor do demônio.

É muito emblemático o jogo de palavras existentes nessa cena, pois Riobaldo nos mostra estar acima do bem e do mal. Deus e o demônio estão “submissos” às atitudes daquele jagunço. A impressão que temos é que Riobaldo quer nos provar que Deus e o demônio estão lado a lado e o homem humano do outro, regendo, decidindo o que fazer. A possibilidade do que ele mesmo diz, depois de velho, “Quem sabe, tudo o que já está escrito tem constante reforma – mas que a gente não sabe em que rumo está – em bem ou mal, todo-o-tempo reformando?” (GSV, p. 542).

Interessante pensarmos ainda dentro dessa cena o que acontece na sequência, pois Riobaldo, de potencial estuprador passa a ter uma atitude quase que de um profeta bíblico do Antigo Testamento, revelando o futuro das pessoas, dando destinos àqueles que lhes ouvem, pois pronuncia: “Menina, tu há de ter noivo correto, bem apessoado e trabalhador, quando for a hora, conforme tu merece e eu rendo praça, que votos faço...” (GSV, p. 457). E mais, ele passa de um instante a outro de saqueador a protetor, de demônio que destrói a anjo que protege, dizendo à menina, em tom de votos religiosos que “em todo tempo, vocês carecendo, podem

mandar chamar minha proteção que está prometida – igual eu fosse padrinho legítimo em bodas!” (GSV, p. 457).

Quando falamos em ética, dentro da perspectiva deste trabalho, balizados nos conceitos desenvolvidos pelos filósofos estudados, temos em mente ações concretas na vida dos personagens. Pensando dessa maneira, chegaríamos à conclusão de que Riobaldo, nesse ponto da narrativa, fez o bem.

O bem e o mal em Spinoza e suas relações com *Grande Sertão*

Iniciando pela *Ética* (2013), de Spinoza, achamos por bem destacar inicialmente a estrutura do livro, apresentado em uma ordem geométrica. Ou seja, por meio de Definições, Axiomas, Proposições, Demonstrações, Corolários e Escólios, o autor desenvolve o seu raciocínio, visando atingir, de maneira organizada, o pensamento humano. Tentando com isso demonstrar que os seres humanos devem, através da razão, procurar sempre praticar aquilo que for útil para o seu próprio bem e para o bem da maioria dos homens, e rechaçar toda ação que resultará no contrário, ou seja, coisas que não são úteis para os seres humanos.

Nesse campo de utilidade (bem) ou de não utilidade (mal) é onde reside boa parte de nosso trabalho, analisando por meio da narrativa de *Grande sertão: veredas*, em que momento se dá a realidade da presença efetiva do bem e do mal.

Não temos a pretensão de promover aqui uma reflexão filosófica extensiva sobre os temas do bem e do mal, mas assumimos a postura especulativa da filosofia, na medida em que isso nos ajuda e impulsiona na busca pela compreensão das atitudes, no plano do enunciado e da enunciação, dos personagens que estudaremos na obra de Rosa. Trata-se, portanto, como já foi dito, de um encontro intensivo entre filosofia e literatura. Vamos aos conceitos filosóficos.

Do livro *Ética*, de Spinoza, anotamos os seguintes conceitos, com o intuito de relacioná-los para a compreensão da temática do bem e do mal no romance em estudo: 1- Conceito de bem e de mal; 2- Afetos e Desejos.

Começamos então pelas definições que o autor propõe para a compreensão dos valores tidos como bem e mal.

De uma maneira bem objetiva, tal qual proposta por Spinoza em sua obra, passemos a algumas considerações baseados nas seguintes definições: “1- Por bem compreenderei aquilo que sabemos, com certeza, nos ser útil. 2- Por mal

compreenderei, por sua vez, aquilo que sabemos, com certeza, impedir que desfrutemos de algum bem” (SPINOZA, 2013, p.158).

É interessante pensarmos que, para Spinoza, o bem está diretamente relacionado com aquilo que nos será, de uma maneira prática, útil – fazendo com que nos aproximemos de um modelo de ser humano “superior” - não importando, em um primeiro momento, se aquilo que nos é útil se mostra a nós confortável ou agradável.

Em contrapartida, o mal, prescrito pelo filósofo, não pressupõe necessariamente, de imediato, algo que nos provoque dano, mas afirma ser algo nocivo o que nos impede de alcançar um bem e, dessa forma, nos impede de atingir o modelo desse homem “superior”, homem melhor. Porque esse bem, sobre o qual fala o filósofo, pode ser desconfortável, afirmamos nós, pode aparecer como um mal menor, afirma o filósofo (SPINOZA, 2013, p. 199), momentaneamente, visando a algo que seja útil posteriormente, o que seria um bem. Encontramos aqui um fator sobre o qual não temos controle e não podemos prever: o tempo futuro.

Spinoza (2013, p. 199) afirma na proposição 65 da quarta parte de *Ética* que “Conduzidos pela razão, buscaremos, entre dois bens, o maior e, entre dois males, o menor”. E ele segue demonstrando e explicando essa afirmação:

Um bem que impede que desfrutemos de um bem maior é, na realidade, um mal. Com efeito, o mal e o bem dizem-se das coisas à medida que as comparamos entre si; e (pela mesma razão), um mal menor é, na realidade, um bem. Por isso, conduzidos pela razão, apeteceremos ou buscaremos tão somente o bem maior e o mal menor. (SPINOZA; 2013, p.199)

Imaginemos uma situação da vida (e ficamos confortáveis para dar um exemplo prático, pois o próprio Spinoza, em sua obra *Ética*, demonstra preocupação com questões da vida, como alimentação, favores a amigos e outras situações corriqueiras do cotidiano de uma pessoa comum) e passemos à utilização de um exemplo prático: a necessidade de uma criança tomar uma vacina. Sabemos que a picada da agulha que ela levará lhe causará uma grande dor momentânea, a qual parece ser um mal para a criança (e para os responsáveis pela criança também), mas, nós adultos, sabemos que o bem que será causado futuramente por aquela dor sofrida é muito maior do que o mal menor causado momentaneamente pela agulha, pois sabemos que o que será injetado pela agulha na corrente sanguínea da criança

a livrará de inúmeras doenças. Temos aqui um mal menor (momentâneo) que se transformará em um bem maior (futuro).

O homem deve ter, para Spinoza, como objetivo, a realização daquilo que for útil para si próprio e para a maioria possível de pessoas à sua volta. Ele chama útil (bem) aquilo que as pessoas praticam, cujo objetivo seja fazer com que os homens vivam em concórdia. Afirmando que o oposto, ou seja, atitudes praticadas pelos homens, as quais geram discórdia, chama-se mal.

Percebemos que no pensamento de Spinoza repousa um modo de ver o mundo de maneira prática. Os homens vivem e interagem entre si, expõem-se a relacionamentos, criam vínculos, desenvolvem maneiras de vida em sociedade, fazendo brotar nesse *viver* várias possibilidades de ações e de reações provenientes dos próprios relacionamentos. Tudo se dá no relacionamento, na inter-relação com o outro. Tudo se passa nos encontros. O bem e o mal brotam, ou podem ser criados, nos meios dos acontecimentos de vida entre os seres humanos. Mas não só entre seres humanos, como também na relação homem-natureza, e utilizamos aqui a palavra natureza em seu sentido mais comum, representando a fauna, flora, rios, montanhas e pedras.

O ser humano pode ser afetado em um relacionamento com um outro ser humano, com um outro igual, mas pode e é afetado por outros corpos (ideias, sons, imagens, animais...). A relação do homem com a arte (literatura, música, cinema, dança) pode causar em si inúmeros afetos também. Se o homem pode chegar a experimentar o bem e o mal no relacionamento com seus iguais, entendemos que ele pode muito bem experimentar alegria e tristeza na interação com outros tipos de elementos, que não sejam necessariamente humanos, podendo, inclusive, serem criação destes.

Podemos entender como evidente que o normal na vida, o mais comum na vivência humana é que o homem deseje tudo o que for capaz de lhe proporcionar o bem e evitar, de todas as maneiras, aquilo que lhe possa causar o mal. Riobaldo afirma a mesma coisa nestes termos: “Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si.” (GSV, p. 39). Spinoza, através do escólio feito a partir da proposição 18 da quarta parte do livro *Ética*, diz:

Como a razão não exige nada que seja contra a natureza, ela exige que cada qual ame a si próprio; que busque o que lhe seja útil, mas efetivamente útil; que deseje tudo aquilo que, efetivamente, conduza o homem a uma maior

perfeição; e, mais geralmente, que cada qual se esforce por conservar, tanto quanto está em si, o seu ser. Tudo isso é tão necessariamente verdadeiro quanto é verdadeiro que o todo é maior que qualquer uma de suas partes. (SPINOZA, 2013, p. 168)

Pensemos que o homem tenda a primar por um modo de vida tal que seja capaz de cercar-se de coisas boas, úteis, tornando-se assim um ser repleto de alegria. O homem deseja afastar de si tudo o que possa privá-lo de desfrutar de alegria. Mas sabemos que não temos o controle total dessas coisas.

Entendemos também que não podemos qualificar como boas ou más todas as coisas de igual modo para todos. Pois sabemos que, para alguns, determinadas coisas se qualificam como veneno e, para outros, como força vital. Para uns, algumas coisas são erradas e, para outros, as mesmas coisas são completamente normais e aceitáveis. É impossível qualificar como bom e como mau para todos as mesmas coisas. Não há como estabelecer uma regra que seja igualmente válida para todas as pessoas no que diz respeito ao bem e ao mal.

Porém, há como, dentro de um consenso social, estabelecer o que seja aceitável e o que seja inaceitável; o que seja moral e o que seja imoral/amoral; o que seja lícito e o que seja ilícito; o que seja legal e o que seja ilegal. E mesmo assim, dentro de um consenso de vida em sociedade nem todos concordam com o que foi estabelecido como lei. Essa é a palavra, lei. Enquanto uns países ainda condenam pessoas à morte por seus delitos; outros apenas prendem. Enquanto que em alguns países adoram a um determinado animal como seu deus; em outros, esse deus é tido como alimento. Existem países que matam pessoas se elas adorarem outros deuses que não sejam os adorados naquela região. Por que falamos sobre isso? Porque não podemos afirmar com certeza que o que é bom para mim será necessariamente bom para você. Também não podemos dizer que aquilo que é veneno para mim será mortal para você.

Um outro exemplo prático pode ser observado: muitos que já sofreram de dores gastrointestinais devido à má alimentação ou ingestão de bebidas alcoólicas em excesso, por exemplo, e precisaram tomar um chá de boldo, o qual é muito amargo, ou outro tipo de beberagem amarga, as quais, segundo o conhecimento popular, e científico também, atestam que a melhora será possível por seus efeitos, poderão afirmar que, de imediato, a ingestão da bebida é um mal, pois não é apetecível ao paladar. Porém, o bem e o alívio causados pelas propriedades

curativas encontradas no chá se transformam em um bem para o corpo inteiro da pessoa que padecia. O mal se transfigurando em bem. Spinoza (2013, p. 199) afirma que “conduzidos pela razão, buscaremos em função de um bem maior, um mal menor”, e prossegue dizendo que “rejeitaremos um bem menor que seja causa de um mal maior”.

Podemos inserir, neste momento de reflexão sobre os conceitos de bem e mal desenvolvidos por Spinoza, um pensamento sobre o fato de o pacto de Riobaldo com o demônio ser um mal menor para a conquista de um bem maior. Se assim entendêssemos, teríamos que compreender que o alvo de Riobaldo se encontraria, ao fazer o pacto, em pelo menos dois objetivos bem específicos no decorrer da narração: o primeiro é tornar-se chefe do bando; o segundo, já de posse da liderança do bando, seria vingar a morte de Joca Ramiro.

Podemos afirmar que para Riobaldo isso se constituiria em uma possibilidade, ser pactuário para ascender socialmente, pois ele busca ser chefe, mas não consegue atingir seu objetivo a não ser recorrendo à ajuda do Cão. Mas será que no final de tudo o que era para ser um mal menor redundou em um bem maior, visto que não foi ele quem matou o Hermógenes, traidor de Joca Ramiro, e que também o sangue de Diadorim foi cobrado, mesmo que depois do contrato feito? E mais, pensemos na tortura emocional pela qual padeceu Riobaldo até o momento em que conta toda a sua história para seu interlocutor; quantos anos se passaram e ele ainda continua com a angústia de ter a sua alma negociada com o diabo. Tendemos a pensar que esse mal menor, o pacto, provável pacto, não redundou em um bem maior, pois mesmo com a morte do demônio Hermógenes, Riobaldo teve um prejuízo, um mal muito maior em sua conta: a perda do seu grande amor - Diadorim.

Outra questão interessante a ser visualizada no interior desse possível pacto, e como consequência dele foi o fato de Riobaldo ter se tornado uma pessoa que se achegou mais a Deus através da religião. E não queremos discutir aqui o mérito e validade de uma religião em detrimento de outra. O que podemos perceber e notar no interior da narrativa é que Deus, de um modo geral, aparece em *Grande Sertão: veredas* como a figura do bem. E sendo um bem buscado pelo narrador, pois, segundo ele:

O que mais penso, texto e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é

que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. ***Eu queria rezar – o tempo todo.*** (GSV, p.16 – grifo nosso)

Percebamos que Riobaldo tem um desejo enorme de recorrer à fé, à busca de algo transcendente, à busca de algum conforto espiritual/emocional, à busca de Deus. Não importa em qual religião ele encontrará Deus, ou em todas elas, o que importa é a sensação de estar mais perto dEle. Podemos entender essa vontade como um medo de poder estar separado do Bem eterno: Deus. E isso é o que o impele a essa busca, até certo ponto desvairada. Soa para nós como um forte desejo de negar a existência de um relacionamento com o diabo, provável enlace de alma com o cão, à medida que ele reforça essa ideia de busca a Deus.

Vemos claramente a dinâmica do bem e do mal nessa área da vida de Riobaldo, pois está claro que ele só busca a Deus por medo, por receio de ter feito uma aliança eterna com o mal. E o que faz com que Riobaldo busque desesperadamente esse bem maior é um mal menor que ele talvez fizera no passado: um pacto com o diabo. A dinâmica que percebemos é a seguinte: Riobaldo vai em busca do mal que o impulsiona para o bem. Como pode? O diabo “empurrando” o homem para Deus? O mal como agente do bem na vida das pessoas? Podemos ver que o narrador foge duas vezes, pelo menos, primeiro para o mal e depois do mal para o bem. Está patente a nós que as decisões relacionadas com o bem e com o mal são sempre dos personagens, pois o bem e o mal por si só não são capazes de nada, ambos precisam de um agente para que se manifestem: o homem.

Interessante anotarmos nesse momento a relação que há entre o romance, os conceitos de bem e mal desenvolvidos por Spinoza e os conceitos de linhas de força, desenvolvidos por Deleuze & Guattari, sobre os quais veremos adiante, mais especificamente sobre a linha de fuga, pois para Riobaldo, o pacto se caracteriza como uma linha de fuga.

Para Spinoza, o bem e o mal:

[...] não designam nada de positivo a respeito das coisas, consideradas em si mesmas, e nada mais são do que modos de pensar ou de noções, que formamos por compararmos as coisas entre si. Com efeito, uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente. Por exemplo, a música é boa para o melancólico; má para o aflito; nem boa nem má, para o surdo. (SPINOZA, 2013, p. 157)

Falaremos, adiante, mais a respeito do pensamento de Riobaldo sobre o bem e o mal, mas é necessário abordarmos neste momento um trecho do que pensa o narrador, enquanto vive a ação da história (não quando relata a história), sobre essa temática, pensamento que parece se adequar ao pensamento de Spinoza.

Riobaldo afirma: “Quero os todos pastos demarcados” (GSV, p. 221). Mas o que parece ser algo bem geométrico como propõe Spinoza, acaba na prática da vida nos mostrando que “este mundo é muito misturado” (GSV, p. 221). Isso nos revela que existe um diálogo pertinente entre os pensamentos spinozianos, rosianos (riobaldianos) e deleuzo-guattarianos.

Não queremos afirmar que esses pensamentos convergem entre si o tempo todo e de uma maneira harmônica, pois está evidente que em muitos momentos eles se repelem. O que gostaríamos de propor é o diálogo entre esses pensamentos para uma maior compreensão, fruição do texto literário, tendo em vista a filosofia como uma boa parceira para essa leitura. Dizemos que a filosofia é uma parceira porque vemos nela não uma forma de nos dar respostas absolutas sobre as coisas da vida, mas sim como uma forma de nos impelir a pensarmos de forma diferente sobre as coisas que estão diante de nós em nossa vida diária, e também no texto ficcional.

O mal para Riobaldo

No interior da narrativa de *Grande sertão: veredas* está muito claro que uma definição do mal, para Riobaldo, se encontra na figura de Hermógenes. Para Riobaldo “O Hermógenes – demônio. Sim só isto. Era ele mesmo.” (GSV, p. 48).

Em diversas vezes que Riobaldo se refere a Hermógenes, a figura do diabo, ou ideias de destruição, ideias negativas e de morte vêm a tiracolo. “Mas os hermógenes e os cardões roubavam, defloravam” (GSV, p. 56). “O Hermógenes fez o pauto. É o demônio rabudo quem pune por ele” (GSV, p. 66). “Hermógenes – homem sem anjo da guarda.” (GSV, p. 117). “o Hermógenes – o ser de uma irara, com seu cheiro fedorento.” (GSV, p. 118). “o Hermógenes contestou. Deu ainda um

barulho de boca e goela, qual um rosno.” (GSV, p. 119). “Já vai que o Hermógenes era ruim, ruim. O Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza. Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo.” (GSV, p. 170). “A gente podia caçar a alegria pior nos olhos dele (de Hermógenes)”. (GSV, p. 171). “um sujeito feito esse Hermógenes, remarcado no mal?” (GSV, p. 171).

Juntamente com a ideia de maldade representando a figura de Hermógenes, Riobaldo apresenta características físicas dele que nos dão a entender que há um caráter animalesco na pessoa de Hermógenes, e isso faz com que seu lado de ser humano fique obscurecido. “um pé enorme, descalço, cheio de coceiras, frieiras de remeiro do rio, pé-pubo. [...] Olhava as mãos [...] olhava para elas com asco.” (GSV, p. 171). E uma característica revelada por Riobaldo dessa impressão que ele tinha de Hermógenes, remete-nos diretamente para a figura de Mr. Hyde, do livro de Robert Louis Stevenson, *O médico e o monstro*. Riobaldo revela que não queria olhar para ele, encarar aquele carangonço. Comparemos como é a descrição de Mr. Hyde, a figura do mal, presente no romance gótico de Stevenson:

Ele não é fácil de descrever. Há algo de errado com sua aparência, alguma coisa desagradável, alguma coisa realmente detestável. Nunca vi nenhum outro homem a quem detestasse tanto, e devo confessar que não saberia dizer por quê. Ele deve ter uma deformidade e, algum lugar do corpo, embora não consiga especificar em que ponto. É um homem de aparência extraordinária e, no entanto, não posso apontar nele nada que seja fora do comum. Não, senhor; não tenho pontos de apoio, não consigo descrevê-lo. E não é por uma falta de memória, pois é como se o visse, agora mesmo. (STEVENSON, 2010, p. 20)

Da mesma maneira que Riobaldo não suporta olhar para Hermógenes, as pessoas que entram em contato com Mr. Hyde o repelem. Outro personagem, nitidamente figurando o mal, nas *Sagradas Escrituras*, que carrega consigo essa capacidade de repelir as pessoas de quem se aproxima, é Caim. Deus coloca em Caim uma marca, fazendo com que ele seja repellido por quem quer que o encontre.

Disse Caim ao Senhor: “Hoje me expulsas desta terra, e terei que me **esconder** da tua face; serei um fugitivo errante pelo mundo, e qualquer que me encontrar me matará”. Mas o Senhor respondeu: “Não será assim; se alguém matar Caim, sofrerá sete vezes a vingança”. **E o Senhor colocou em Caim um sinal, para que ninguém que viesse a encontrá-lo o matasse.** (BÍBLIA - Gênesis 4: 1-15, grifos nossos)

Não queremos nos aprofundar no estudo das relações existentes entre esses três personagens, mas Hermógenes, Mr. Hyde e Caim são símbolos diretos do mal e têm em comum esta característica: são repelidos pelas pessoas. A inserção desses personagens serve para demonstrar uma característica do mal que parece ser comum no relacionamento humano, qual seja, afastar as pessoas de si, do seu convívio amigável. Pois mesmo odiando Hermógenes, Riobaldo precisa se submeter a ele e por ele é escolhido para ser quase um escudeiro em um ataque ao bando inimigo, em determinado momento da narrativa de Rosa.

Voltando a esse pequeno inventário de características do personagem Hermógenes, percebemos que não há alteração na ética de suas atitudes. O tempo todo ele age de acordo com o modo como Riobaldo o caracteriza: ele é feito de maldade. Interessante pensarmos que a primeira menção do Hermógenes, na narrativa, não foi a do primeiro encontro que Riobaldo teve com ele na fazenda de São Gregório. A impressão que nos dá é a de que Riobaldo quer que o interlocutor odeie Hermógenes mesmo antes de conhecê-lo, de ter sido apresentado a ele.

No primeiro encontro de Riobaldo com Hermógenes, aquele faz deste uma longa descrição, encerrando com as seguintes palavras “a sombra do chapéu dava até em quase na boca, enegrecendo.” (GSV, p. 117). Parece-nos claro que a semântica da palavra “enegrecendo” resume bem não só as características do desafeto de Riobaldo, como também nos aponta para o que sucederá durante o restante da narrativa. Sendo que a figuração de Hermógenes, na narrativa, está ligada o tempo todo à escuridão, maldade e morte. Riobaldo já tem uma ideia de Hermógenes feita em sua cabeça: Hermógenes é o próprio demônio.

Mas esse ódio todo tem motivo de existir? Sim. Riobaldo diz ao seu interlocutor: “Tive ódio dele? Muitos ódios. Só não sabia por quê. A modo que o resumo da minha vida, em desde menino, era para dar cabo definitivo do Hermógenes” (GSV, p. 574). O Riobaldo que nos conta essa narrativa, esse senhor vivido, fazendeiro, estabelecido na vida parece às vezes nos confundir com suas próprias dúvidas. Mas a verdade é que, no calor da narração, tudo está muito misturado, pois quando ele afirma que não sabia o motivo desse ódio, ele, evidentemente, está declarando que sabia.

Ele nos conta que tem muitos ódios se referindo ao mesmo caso: vingança de Hermógenes. Podemos compreender que um desses ódios é pelo fato de Hermógenes ter matado Joca Ramiro a traição, o que na ética jagunça presente na

narração é absolutamente reprovável; mas o principal motivo desse ódio repousa no fato de Hermógenes ser o assassino daquele menino que Riobaldo amou. Daí ele afirmar que o objetivo de sua vida era matar Hermógenes, desde menino. Numa menção clara da aliança que ele tinha com Reinaldo/Diadorim desde o encontro no porto de-Janeiro. Há uma mistura de ódios, mas uma provável leitura com o intuito de dissociar esses ódios, traduzindo-os e direcionando-os é a que acabamos de fazer.

Devemos lembrar que o narrador-protagonista sabe do fim da história e seria sensato pensarmos que ele nutre um ódio mortal por Hermógenes, pois foi este quem matou Diadorim. Hermógenes fez o pacto com o diabo e será que com ele ninguém podia? Na verdade, Diadorim pôde. Diadorim fez com que todo aquele mistério que envolvia a figura de Hermógenes, como uma pessoa que tinha o corpo fechado, ou seja, recebia proteção do demônio para não ser morto, desaparecesse. Uma boa leitura desse desfecho poderia ser a de que Diadorim, através do seu amor leal a Riobaldo o defende do mal, oferecendo a própria vida pelo amigo. Mas entendemos que Diadorim tem um motivo igualmente forte para querer destruir aquele “demônio”: vingar a morte do seu líder e pai Joca Ramiro.

E quando o texto apresenta Hermógenes como pactuário, Riobaldo menciona a forma como popularmente se cria que se dava o pacto e que o pagamento era com a própria alma, mas a assinatura do pacto era feita com sangue humano. Riobaldo desdenha a forma popular de crença da maneira como se travava o pacto, dizendo “Bobéia” (GSV, p. 48), pois quando o próprio jagunço foi invocar o demônio, nada aconteceu.

Um provável pacto

À frente, falaremos mais sobre o pacto e seus desdobramentos. De antemão, o que nos interessa comentar é que a maneira como os jagunços falavam entre si como se dava o pacto não aconteceu quando o próprio Riobaldo se torna – supostamente - pactário. Daí o porquê do desdém. Segundo a crença popular, destilada entre os jagunços daquela região, o pacto era assim:

Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha

puxando barrigada de leitões [...] [...] O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! (GSV, p. 48)

Se o pacto de Hermógenes com o demônio se deu dessa maneira, não sabemos, o que sabemos é que a preocupação maior do narrador, durante toda a sua fala, está em saber a opinião, por parte de seu interlocutor culto, um doutor da cidade, se o que ele fez foi realmente um pacto com o demônio. Pois uma das partes do contrato aconteceu, e aqui podemos interpretar o texto literário de tal forma a entender que o sangue de pessoa, de Diadorim, foi a assinatura. E essa provável interpretação a que chegamos repousa nas palavras de Riobaldo quando ele afirma, no início de sua narrativa que “Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é alma. Muito mais depois.” (GSV, p. 48). Podemos entender que Riobaldo está falando de uma provável negociação que fez com o demônio. Ele fala em assinatura, ele fala em pagamento e ele fala em sangue. E o sangue mais valioso que se derrama durante toda a narrativa, o sangue mais caro de todas as histórias contadas por Riobaldo, foi o sangue de Diadorim.

Sabemos que Riobaldo relata todas essas histórias, muito tempo depois de elas terem ocorrido. Mas o momento do “pacto” se dá muito tempo antes da morte de Diadorim. Entendemos que a narrativa se dá, em grande parte dela, de modo “misturado”. E o que queremos dizer com o termo misturado está relacionado com as lembranças das aventuras vividas pelo narrador-personagem, aliadas a toda a emoção por ele sentida. Pois aquele que conta a história, Riobaldo, mistura o tempo todo informações, acontecimentos, fatos e emoções. Há muito titubeio, há muitas divagações, e há muito sentimento em suas palavras por conta das lembranças de tudo o que aconteceu.

Quando ele afirma que se assina com sangue de pessoa, e logo após fala que a cobrança viria mais tarde, podemos fazer uma relação com o objetivo alcançado por ele: ficar sendo, tornar-se líder; e podemos entender que o que ele nos diz, que a assinatura do pacto se dá com sangue de pessoa, pode estar relacionado com a morte de Diadorim. Esse sangue de Diadorim, a morte de Diadorim, com certeza foi a perda mais sentida em toda a vida de Riobaldo. Lembremo-nos que Diadorim morre em um confronto com Hermógenes. Diadorim mata Hermógenes, mas é morto também. Enfim, o pagamento ao demônio pelo

provável pacto está feito: o sangue de Diadorim. Isso tudo podemos retirar das entrelinhas do discurso de Riobaldo, caso ele entenda que houve pacto. Se houve pacto, e ele ficou sendo, ele pode entender que o pagamento foi o sangue de Diadorim. E nós entendemos, através do amor que percebemos entre Riobaldo e Reinaldo, que esse preço foi extremamente alto. O problema agora repousa na outra parte contratual, será que Riobaldo vendeu a alma ao diabo? E isso é o que não deixa em paz o narrador: essa dúvida.

Entendemos que o fio condutor de toda a estrutura narrativa de *Grande sertão: veredas* se dá com base no estabelecimento ou não do pacto com o Cujo. Mas nosso foco será deslocado de uma análise mais aprofundada dessa problemática, pois mencionaremos adiante características específicas sobre o momento do suposto pacto de Riobaldo com o demônio.

O homem natural e o jagunço

Retomado o pensamento de Spinoza, não podemos perder de vista que, para o homem que vive em sociedade, existem regras a serem cumpridas, protocolos a serem seguidos. Pois se não existissem tais balizas norteadoras do bem comum da sociedade, cada qual agiria do modo que mais conveniente lhe parecesse. Spinoza, em uma de suas explicações, nos mostra a diferença do homem em seu estado natural, ou seja, vivendo sem um consenso comum com os demais homens da sociedade, e do homem civil, aquele que acorda com os seus iguais um jeito consensual de vida em sociedade.

Uma tal sociedade, baseada nas leis e no poder de se conservar, chama-se sociedade civil e aqueles que são protegidos pelos direitos dessa sociedade chamam-se cidadãos. Com isso, compreendemos facilmente que, no estado natural, não há nada que seja bom ou mau pelo consenso de todos, pois quem se encontra no estado natural preocupa-se apenas com o que lhe é de utilidade, considerada segundo sua própria inclinação. E decide sobre o que é bom e o que é mau apenas por sua utilidade, não estando obrigado, por qualquer lei, a obedecer a ninguém mais senão a si próprio. Não se pode, por isso, no estado natural, conceber-se o pecado, mas pode-se, certamente, concebê-lo no estado civil, no qual o bom e o mau é decidido por consenso, e cada um está obrigado a obedecer à sociedade civil. (SPINOZA, 2013, p.182)

O homem, vivendo em seu estado natural, fará de tudo que lhe seja útil para conservar o seu próprio ser, sendo assim, para este tipo de homem não há a noção de bem ou de mal, de transgressão, de certo ou de errado, de obediência ou de

desobediência. Basta a ele satisfazer a seus apetites, não se importando com o outro. Em contrapartida, o homem civil, aquele que vive em consenso com os demais cidadãos de uma determinada sociedade, deverá procurar ao máximo, por meio do uso da razão, ter atitudes que lhe redundem em utilidade, mas que não acarretem de não-utilidade, ou seja, mal ao seu próximo.

Seria necessário abordarmos a noção de jagunço que Riobaldo nos apresenta para confrontarmos com o pensamento de Spinoza. O narrador-protagonista afirma que “Jagunço é isso. Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final.” (GSV, p. 56).

Para Riobaldo, o jagunço é como o homem natural de Spinoza, pois ele quer apenas o seu próprio bem, não pesando se para isso haverá a necessidade de matar, pilhar, destruir famílias, nada importa, pois o fim já está traçado e pronto: o fim final. Isso nos dá a impressão que a vida do jagunço se resume a guerra. Ou seja, para o jagunço nada importa além de viver a sua vida que já está assentada. E isso nos remete à noção de linha dura que Deleuze & Guattari nos propõe: está muito claro que para o “jagunço natural” a vida já está traçada.

Ouvimos isso nas palavras de Jõe Bexiguento, um duro homem jagunço companheiro de Riobaldo: “Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio” (GSV, p. 221). Para Jõe não era preciso complicar nada, tudo era muito simples. Mas Riobaldo não era um jagunço natural, ele foi enxertado nessa vida de jagunçagem. Lembremo-nos que ele era um jagunço letrado e tinha alvos maiores dos que os relatados por Bexiguento. Tanto é que o narrador da história não permanece um jagunço, mas se torna em um latifundiário dos Gerais. Importante termos bem claro que existe, dentro da narrativa riobaldiana, uma diferença muito grande entre jagunços e jagunços.

Já discorreremos sobre isso acima, mas vale a pena lembrar que os líderes Medeiros Vaz, Joca Ramiro, Zé Bebelo, Riobaldo figuram dentro de *Grande Sertão: veredas* como uma espécie de liderança positiva, com objetivos que visavam ao bem do sertão brasileiro, e para cumprir com esse objetivo, uma verdadeira guerra fratricida era realizada. Inúmeras mortes, no sertão, foram cometidas em nome do progresso sertanejo.

Os líderes jagunços supracitados, diferenciam-se grandemente do tipo de liderança desempenhada por líderes que seguem os moldes de Hermógenes e de

Ricardão, os quais, dentro da narrativa rosiana, são chamado de judas. Uma clara menção ao discípulo traidor de Jesus Cristo.

O homem civil, por meio do uso da razão, deverá obedecer às leis sob as quais vive, caso contrário será punido. Para esse tipo de homem, há uma grande noção de bem ou de mal, de transgressão, de certo ou de errado, de obediência ou de desobediência, de justiça ou de injustiça, pois ele deveria buscar, pelo conhecimento de si e do outro, fazer com que ele próprio e seus iguais desfrutassem ao máximo da utilidade na vida. Desfrutassem ao máximo de bem na vida.

Spinoza se aproxima muito, com essa explicação, a qual corresponde ao escólio 2 da proposição 37 da parte 4 do livro *Ética* (2003, p.181), do mandamento cristão que diz: ame ao próximo como a ti mesmo. Podemos fazer essa relação, pois o amor que é pregado por Cristo tem como objetivo principal o bem de todos, mas não só, esse modo de vida tem um caráter civilizatório entre os que escolhem desenvolver tal estilo de vida e os que resolvem praticar isso tem como objetivo uma recompensa: a vida eterna no paraíso com Deus.

O bem e o mal em movimento no Verde-Alecrim

Deleuze, em seu livro “Espinosa: filosofia prática” propõe um glossário dos principais conceitos desenvolvidos por Spinoza em *Ética*. Sobre o bom e o mau, Deleuze considera, refletindo sobre o pensamento de Spinoza:

[...] não conhecemos o bom e o mau a não ser pelo sentimento de alegria ou de tristeza de que estamos conscientes [...] o bom é o útil, o mau é o nocivo. Mas o importante é a originalidade dessa concepção espinosista do útil e do nocivo. Todo mal se reduz ao mau, e tudo o que é mau é do tipo veneno, indigestão, intoxicação. Tudo o que é mau mede-se pois pela diminuição da potência de agir (tristeza-ódio); tudo o que é bom, pelo aumento dessa mesma potência (alegria-amor). (DELEUZE, 2002, p. 60)

Deleuze, ao escrever uma espécie de glossário a respeito dos conceitos do que é bom e mau em Spinoza, desenvolve o seu pensamento, levando-nos a perceber que tudo o que diminui a nossa potência de realizar coisas é mau; e tudo o que aumenta essa nossa potência é bom.

Voltando para o pensamento de Spinoza, percebemos que para ele:

[...] bem ou mal é aquilo que estimula ou refreia a conservação de nosso ser, isto é aquilo que aumenta ou diminui, estimula ou refreia nossa potência de agir. Assim, é à medida que percebemos que uma coisa nos afeta de alegria ou de tristeza que nós a chamamos de boa ou de má. Portanto, o conhecimento do bem e do mal nada mais é do que a ideia de alegria ou de tristeza que se segue necessariamente desse afeto de alegria ou de tristeza. (SPINOZA, 2013, p.163)

O ser humano realiza muitas coisas e por várias coisas é afetado. Baseados nos pensamentos desenvolvidos acima, por Deleuze e por Spinoza, vemos claramente que a potência de realização de coisas pelo homem pode ser medida pela quantidade de afetos de alegria ou de afetos de tristeza pelos quais ele é atingido. Um homem terá sua potência de agir aumentada à medida que for exposto à maior quantidade de “bem” em seu relacionamento com o mundo e com seus semelhantes.

E podemos pensar, daí, que o homem terá sua potência de realizar coisas diminuída, ou refreada, quanto maior exposição ao mal ele tiver. Mas como saber se aquilo a que estamos expostos é bom ou mau? Como saber se aquilo que nos atinge, que nos afeta, que “mexe” conosco, que nos desestabiliza é bom ou mau? Segundo os autores supracitados, a resposta está no sentimento de alegria e de tristeza, os quais se decompõem em amor e em ódio.

Tudo o que redundava em alegria-amor é bem; tudo o que gera tristeza-ódio é mal. Daí a tentação de estabelecermos uma lista de coisas boas e de coisas más que podem nos afetar, aumentando/diminuindo, estimulando/refreando nossas ações, tornando-se assim, como que um pequeno manual para a nossa conduta diária. Spinoza, em *Ética*, faz uma lista de afetos, explicando suas causas e suas consequências. Não percamos de vista o que escrevemos no início sobre a possibilidade de um mal menor vir a se tornar um bem maior, acarretando, pois, em alegria-amor.

Um exemplo de que um mal menor pode acarretar um bem maior é o que verificaremos na passagem a seguir, a qual podemos nomear para um efeito didático em nosso trabalho, de Verde-Alecrim, em cujo lugar havia um vilarejo com apenas sete casas, lugar esse que Riobaldo sugere que seja renomeado de Paraíso. Foi lá que a vida do jagunço Felisberto deu uma guinada total: de um mal menor para um bem maior. De tristeza para alegria. De possível ódio para amor. Mas antes de vermos como o mal se transformou em um possível bem na caminhada de Felisberto, faremos algumas anotações e relações existentes no

ideário que nos proporcionam as palavras empregadas por Guimarães Rosa nessa passagem que lemos nas páginas 524 a 529 de *Grande Sertão: veredas*.

O lugar, onde se dão os acontecimentos desse trecho, como já mencionamos, era chamado de Verde-Alecrim. Lá havia sete casas, onde boas famílias viviam pacificamente e harmoniosamente, tirando todo o seu sustento da terra. Riobaldo, em meio a suas andanças atrás dos “hermógenes”, faz uma parada para proporcionar a seus homens um dia de descontração, festa e folga.

Quando se viaja varado avante, sentado no quente, acaba o coxim da sela fala de amores. E eu surgia em sossego assim, passo compasso, o chapadão tão alargante. **Lá o ar é repousos.** Os Hermógenes andavam por bem longe. E nunca que pelotão de soldados havia de ali vir, por cima de nossas batidas. **Sossego traz desejos.** Eu não lardeava; mas queria festa simples, achar um arraial bom, em feira-de-gado. Queria ouvir uma bela viola de Queluz, e o sapateado de pés dansando. Mas, por lei, eu carecia de nudezes de mulheres. Nesses dias, moderei minha inclinação. Baixei ordens severianas: que todos pudessem se divertir saudavelmente, com as mulheres bem dispostas, não deixando no vai-vigário; mas não obrassem brutalidades com os pais e irmãos e maridos delas, consoante que eles ficassem cordatos. Estatuto meu era esse. Por que destruir vida, à-toa, àtôa, de homem são trabalhador? (GSV, p. 524 – grifos nossos)

A impressão que temos, na verdade, é a de que Riobaldo está querendo se divertir um pouco e desfrutar de um tempo de descanso, sossego, alívio e prazeres sexuais. Isso poderia ser satisfeito através de festa, música, dança e mulheres. Percebemos que Riobaldo se importa também com o bem-estar de seus homens e reconhece que há a necessidade de que eles tenham momentos de prazer na vida. Entendemos que vida para Riobaldo, por meio do trecho lido acima, não é apenas guerras, mas também, prazer.

Durante a narrativa de *Grande Sertão: veredas*, percebemos que Riobaldo se configura como um jagunço diferenciado dos outros, pois ele é letrado, tem alguma leitura e se revela capaz de equacionar suas próprias ações e os seus efeitos nos outros. Por isso podemos entender que ele deseja liberar seus homens para que se divirtam um pouco. Não fiquem apenas bitolados com guerras, vinganças e ódios em seus pensamentos. Entendemos que não só por Riobaldo ser mais culto que o restante de seus comandados é que ele percebe que os homens necessitam de folga, mas sabemos também que ele viveu em um momento de sua vida debaixo da liderança de Zé Bebelo, o qual proporcionava a seus homens um sistema que

permitia e bancava festa e regalos; para isso os homens de Zé Bebelo tinham a seu dispor mulheres e bebidas.

Só que para que seus homens desfrutassem de momentos de alegria com as mulheres que habitavam naquela região, Riobaldo legisla os modos de como isso deveria ocorrer: sem violência. Haveria música, dança, bebida, sexo, e tudo isso dentro de um ambiente desprovido de guerra. Riobaldo libera seus homens, para que se regozijem por ali com as mulheres daquele lugar, porém fica sabendo de um outro povoado que há por aquelas redondezas: O Verde-Alecrim, renomeado por ele de Paraíso. E é lá que ele percebe que terá seus desejos satisfeitos naquela noite de folga.

Mas, daí, então, me deram notícia do Verde-Alecrim. Joguei de galope. Torei o cavalo para lá. Guia era um exato rapaz, vaqueiro goiano de Uruú. Esse me discriminou – o Verde-Alecrim formava um povoado: sete casas, por entre os pés de piteiras, beirando um claro riozinho. Meia dúzia de cafuas coitadas, sapé e taipa-de-sebe. Mas tinha uma casa grande, com alpendre, as vidraças de janelas de malacacheta, casa caiada e de telhas, de verdade, essa era das mulheres-damas. Que eram duas raparigas bonitas, que mandavam no lugar, ainda que os moradores restantes fossem **santas famílias** legais, com suas honestidades. Cheguei e logo achei que lugar tal devia era de ter o nome de Paraíso. (GSV, p. 525 – grifo nosso)

Não podemos deixar de prestar atenção à estranheza daquele lugar. Por primeiro, quem manda naquelas terras são mulheres e não homens. Podemos perceber que, durante a narrativa de *Grande Sertão: veredas*, os donos das terras são geralmente homens, e é interessante notar que os donos daquele lugar são as duas mulheres. Riobaldo relata mais adiante que “as duas minhas damas eram ricas [...] provinham de muito boas famílias” (GSV, p. 526). Em segundo lugar, há uma característica, que Riobaldo nos revela a respeito daquele povoado, é a forma pacífica e harmoniosa que as famílias dali vivem:

Eram donas de terras, possuíam aquelas roças de milho e feijão nas vertentes da serra, nos dependurados. Ali mesmo no Verde_Alecrim, delas era toda a terra plantável. Por isso, os moradores e suas famílias serviam a elas, com muita harmonia de ser e todos os préstimos, obsequiando e respeitando (GSV, p. 526)

Todos que moravam ali serviam a elas e retribuíaam pela possibilidade de viverem e plantarem naquele local. Aparentemente, um sistema de troca de favores.

Mas o que mais aparentava era um sistema cheio de bondade por parte daquelas duas mulheres, que cediam as terras para os outros subsistirem.

As duas mulheres das quais estamos falando eram duas prostitutas que mandavam naquele lugar e viviam ali, em uma casa grande, equipada, diferenciada e luxuosa para os padrões do lugar, pois era uma casa que servia de estalagem para ricos passantes daquela região. Entendemos pela descrição de Riobaldo que as duas mulheres viviam da prostituição.

Interessante notarmos que Riobaldo chama aquele lugarejo de Paraíso. Imediatamente imaginamos um local repleto apenas de coisas boas. E em certo sentido é, pois tudo o que tem ali é bom. Um local verdejante, com terras férteis, com a existência de um riozinho, cercado pelas montanhas. As famílias que vivem ali têm harmonia, e relacionam-se muito bem com a presença das duas mulheres-damas, as quais proporcionam prazer para quem se hospeda em sua casa.

No ideário cristão, a relação que há com a palavra Paraíso está atrelada com a figura de Adão e Eva, que vivem harmoniosamente no “jardim”, desfrutando de todo o bem proporcionado pelo Criador. Ou seja, é um lugar de paz, harmonia e satisfação completa. E essa paz só se acaba, quando a mulher dá ouvidos à serpente, figura do mal, e come do fruto proibido que havia no meio do jardim. O mal, por meio da figura da serpente – o diabo- influencia a mulher, que influencia o homem, fazendo com que sejam expulsos do jardim, pois comem do fruto sobre o qual Deus havia ordenado a eles para que não comessem. Não há como o mal e o bem conviverem juntos no jardim bíblico. Diferentemente da convivência existente no jardim do Verde-Alecrim. Ali, as pessoas das santas famílias convivem harmoniosamente com aquelas duas meretrizes, respeitando-as e servindo-as.

Será que há esse respeito todo pelas prostitutas, por parte das famílias habitantes do Verde-Alecrim, porque o jardim pertence às duas? Acreditamos que sim. As donas do jardim eram respeitadas e proporcionavam às famílias que usufruíam daquela terra uma possibilidade de viver ali em paz, mesmo sabendo que aquele vilarejo não era um lugar santo, tendo em vista uma ética social que condena a prostituição e a declara como algo errado, pecaminoso.

Percebemos no jardim do Verde-Alecrim a relativização da moral, uma vez que famílias formadas convencionalmente convivem harmoniosamente com meretrizes. Um lugar, onde gente pecaminosa convive com pessoas legais. Riobaldo usa esse termo “legais”, dando, assim, um aval de serem famílias que vivem debaixo

de uma lei ética que difere da lei “ilegal” (talvez) que rege a ética daquelas duas mulheres.

E mais, Riobaldo nos diz mais à frente: “Mulheres sagazes! Até mesmo que, nas horas vagas, no lambarar, as duas viviam amigadas, uma com a outra – se soube.” (GSV, p. 529). Através desse trecho, percebemos que as santas famílias que viviam ali sabiam da vida de lesbianismo que as duas mulheres levavam. Se levarmos em conta o padrão ético familiar que existe dentro de toda a narrativa, poderíamos claramente condená-las e expulsá-las do Paraíso, pois uma família correta haveria de ser composta por pai, mãe e filhos. Pai e mãe devidamente casados, dentro da lei, e seus filhos todos registrados. Esse modelo é percebido e valorizado dentro de *Grande Sertão*.

Mas o que nos chama a atenção é uma frase que Riobaldo utiliza, durante o relato que faz a seu interlocutor, quando fala a respeito do sistema que viu no Verde-Alecrim. Ele afirma: “conforme eu mesmo achei bem: um sistema que em toda a parte devia de sempre se usar.” (GSV, p. 526 - 527). Tentando não forçar uma possível interpretação, recorrendo a trechos fora do contexto, precisamos contextualizar a fala de Riobaldo. O sistema que ele aprova é o modelo de vida que as pessoas desenvolvem ali naquele lugarejo, ou seja: donos de terra que emprestam seu chão para outros plantarem e sobreviverem. Tanto é perceptível essa aprovação do modelo que ele, Riobaldo, desse jeito vive no momento da narração. Ele “empresta” pedaços de suas terras a seus amigos ex-jagunços, os quais vivem e subsistem da terra onde vivem. Isso fica patente, pois Riobaldo viu como funcionava em Verde-Alecrim e levou como um modelo a ser seguido em sua vida.

Mas uma leitura que está nas entrelinhas, a qual poderíamos fazer, sem forçar nem deturpar o que vemos é o fato de Riobaldo saber, mesmo antes de contar toda essa história a seu interlocutor, que as duas mulheres, donas daquelas terras, eram prostitutas e amigadas. Dentro da aprovação desse sistema dito por Riobaldo, encontra-se também, meio que escondido, o fato de ele aprovar a relação homossexual entre elas. Ou seja, essas duas mulheres podem, livremente, revelar, demonstrar e viver o amor que sentem uma pela outra sem serem constrangidas ou “apedrejadas”. Isso nos remete à relação amorosa, porém proibitiva que Riobaldo desenvolve com Reinaldo durante toda a narrativa contada. De certo modo, algo em

Riobaldo gostaria que fosse possível que aquilo que se vivia em Verde-Alecrim pudesse ser vivido em todo lugar e com todo respeito e aprovação.

Mas ele próprio sabe que no sertão esse tipo de amor não seria nunca bem-vindo. Será? E ele desabafa, no trecho que leremos a seguir, deixando no fim um ponto de interrogação, fazendo-nos pensar que há uma terceira opção, uma possibilidade, uma provável linha de fuga:

De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha culpa? Eu tinha culpa? Eu era o chefe. O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o sertão bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa. [...] Aquilo eu repeli? (GSV, p. 494)

O paraíso de Riobaldo não é sertão. O Paraíso de Riobaldo comporta a convivência do bem e do mal. Da santidade e do pecado. Santos e pecadores, convivendo em harmonia em um mesmo local e todos vivendo suas vidas de maneira digna a seus olhos, de tal forma a respeitar o modo de viver do outro.

Felisberto

E é dentro desse contexto que passaremos a falar a respeito da vida de Felisberto.

Como se deu que, enquanto se bebia o café, escutamos uma tosse, da banda de fora. E era do homem que eu tinha deixado de vigia. O qual tinha acontecido de ser o Felisberto – o que, por ter uma bala de cobre introduzida na cabeça, vez em quando todo verdeava verdejante [...] E então elas duas pensaram em se mandar o Felisberto entrar para provar do café também, dando que não é justo ficar um desconfortado no sereno, enquanto os outros se acontecem. (GSV, p. 527)

Felisberto, em pelo menos dois momentos de sua vida, esteve no lugar certo e na hora certa. No primeiro momento desses dois, ele teve a “sorte” de estar localizado com seu corpo de tal forma que sua cabeça se alinhou na trajetória de uma bala, a qual perfurou seu crânio e se alojou ali, fazendo parte desde então da vida de Felisberto. Os motivos que levaram Felisberto a ser vítima desse tiro não ficam claros dentro da narrativa. Mas podemos imaginar que, por ele ser jagunço, foi baleado, provavelmente, em uma de suas batalhas.

O outro momento certo na vida de Felisberto foi o de ser escalado para fazer a guarda de Riobaldo, enquanto este se divertia, passando uma noite de prazeres sexuais com duas mulheres. Aqui sim podemos saber do motivo que levou Felisberto a estar no lugar certo e na hora certa de sua vida: vigia de Riobaldo.

O primeiro momento certo de Felisberto, parece-nos, ao analisarmos de imediato, algo extremamente negativo, pois ninguém em sã consciência gostaria de levar um tiro na cabeça, e ainda além do mais ficar com a bala alojada no cérebro de tal forma a manifestar sintomas horríveis no corpo, tal qual Felisberto apresentava. Isso parece, num primeiro instante, ser um mal. Poderíamos então afirmar que Felisberto não teve sorte na vida, pois para sempre teria de conviver com um pedaço de metal nas entranhas de sua cabeça, correndo o risco de morrer a qualquer momento. Felisberto estava sentenciado a morrer por causa daquela bala alojada em sua cabeça.

A maioria das pessoas com as quais Felisberto conviveu, provavelmente, tê-lo-iam com um desafortunado. Inclusive Riobaldo, que tinha pena de Felisberto e dele pensava “A morte estava com esse Felisberto, coitado, desgraçado.” (GSV, p. 528). A impressão que temos é a de que esse homem-jagunço seria mais um a sofrer nessa vida. Como um desafortunado, desgraçado, doente e infeliz.

Mas Felisberto vivenciou um segundo momento em sua vida, estando no lugar certo na hora certa: ele era, naquela noite de prazeres de Riobaldo, o seu sentinela. Estava logo ali, à porta, a um passo da mudança de seu destino, a um passo da entrada do paraíso e mal sabia disso. Sua sorte estava para mudar repentinamente, da noite para o dia. E foi isso que aconteceu. Após os ocupantes daquela “casa de prazeres” terem ouvido o som de tosse do lado de fora, convidaram Felisberto para entrar:

O Felisberto entrou, saudou, comeu e bebeu. Naquela ocasião ele estava passando bem, normal. [...] Não quisesse ardores com damas, quisesse os poucos recantos para devagar se resignar. Não cobiçou a qual, ou agrados. Nem na hora reparei que a Maria-da-Luz com ele se olhasse. Só bem, o que ela refletiu, quando o Felisberto, comido e bebido, tornou a sair, ela me disse: - que, se eu no caso dúvida não pusesse, o Felisberto podia com ela se introduzir, no outro cômodo, por variação dumas duas horas (GSV, p. 528)

O jagunço sentinela estava para fora da casa, cumprindo com sua função: vigiar. E, quando menos esperava, recebe um convite para entrar na casa e tomar um café. Mas o que era apenas para ser um pouco de café acabou se

transformando numa virada de vida na trajetória de Felisberto. Uma das mulheres requer para si, com o consentimento do chefe Riobaldo, a permissão de passar algumas horas com o Felisberto, sozinhos no quarto ao lado. E assim se deu. “As duas mulheres, belezas assins, dando delícias, bilistrocas. [...] Outra ideia eu tive. Só eu sei: eu sentinela!” (GSV, p. 528). Riobaldo, de chefe, passa a sentinela; Felisberto de sentinela passa a ser aquele que desfruta dos prazeres sexuais com aquela mulher durante o resto da noite.

Parece que estava bom demais para ser verdade: Felisberto, com o consentimento do grande chefe Riobaldo, passa uma noite de prazer com uma mulher. Com certeza, Felisberto levaria para sempre em sua memória, aquela noite como um troféu, um prêmio. Mas o que estava bom ficaria ainda melhor para Felisberto.

Amanheceu claro. Mas Maria-da-Luz não era logrã, isso conheci, no ver como ela olhou para o Felisberto, com modos mimosos. Quem sabe ele havia de gostar de ficar para sempre permanecido ali? Perguntei. O Felisberto se riu, tão incerto feliz, que eu logo vi que tinha justo pensado. E elas, demais. – “Deixa o moço, que nós prometemos. Tomamos bom cuidado nele, e tudo, regalado sustento. Que de nada ele há-de nunca sentir falta!” Tanto elas disseram, que tudo transformavam. Mulheres. E o Felisberto ia permanecer, a siso, arrecadado na sujeição desses deleites; podia ter um remédio de fim de vida melhor? Em tal, abracei o companheiro, e abracei as duas, dando para sempre a minha despedida e fazendo mostra de falar de farto. (GSV, p. 529).

Felisberto realmente estava no lugar certo e no momento certo. Agora não apenas seria uma noite de delícias, de cuidados e de mimos, mas sim, seria para o resto de sua vida. Riobaldo sugere que Felisberto ali ficasse, morando no Verde-Alecrim com as mulheres. O que de imediato foi aceito e acatado por todos. A cena descrita nos dá a ideia de que durante as horas que Felisberto passa com Maria-da-Luz foram suficientes para eles pensarem na possibilidade da permanência de Felisberto no vilarejo. E Riobaldo, fomentando essa ideia, muda por completo o restante dos dias de vida de Felisberto.

Agora, podemos pensar que tudo isso não passou de um acaso. O fato de Felisberto ser o escolhido pelo destino para poder desfrutar arregalado durante o restante dos seus dias, após sofrer na vida. Pois se o sentinela de Riobaldo naquela noite fosse outro jagunço, poderíamos pensar que o mesmo pudesse ter acontecido. Mas o fato que despertou toda essa descrição acima teve início no mal. O fato de Felisberto ter um dia levado um tiro na cabeça. Isso seria um provável mal. E foi um

mal durante muito tempo na vida de Felisberto. E é baseado nesse mal que Riobaldo percebe, sensivelmente, que talvez possa ser um instrumento de bem na vida de Felisberto. Ele, Riobaldo, grande chefe Urutu-Branco, tinha naquele momento de vida o poder de decidir sobre o futuro de Felisberto. E a decisão de sugerir a permanência do jagunço naquele paraíso, e a decisão de abençoar o plano que as mulheres tinham, a de pedir que Felisberto por ali ficasse, couberam a Riobaldo. E baseado em que ele toma a decisão de deixar o jagunço ali? Baseado na perspectiva de fazer com que mal que sobreveio na vida de Felisberto, transformasse-se em bem.

Esse Felisberto, pelo jeito, ia viver tão escasso tempo, podia bem que nem fizesse mais conta do ofício. [...] A coisa estranha que uma bala de arma tinha entrado nos centros da cabeça mesma dele, recesso da ideia dele – de lá, de vezes em vezes, perturbava com excessos: daí um dia, em curto, era a morte fatal. Agora, podia bem ser que ele quisesse largar de mão de ser jagunço? Aquele fato daquela bala entrada depositada no dentro de um – e que não se podia tirar de nenhum jeito, nem não matava de uma vez, mas não perdoava na data – me enticava. (GSV, p. 528)

Riobaldo estava intrigado pelo fato de Felisberto ter uma bala dentro da cabeça e isso fez com que decidisse por proporcionar ao jagunço um fim de vida com menos desesperança. O mal que atingiu Felisberto foi o bem que fez com que ele repousasse para sempre no paraíso. Essa dinâmica de um mal menor poder se transformar em um bem maior é que vemos na teoria de Spinoza, transfigurada na literatura com um exemplo tão singelo, mesmo estando no interior de um romance ambientado num meio tão rude e duro.

As linhas de segmentaridade em Deleuze & Guattari e a história de Maria Mutema

A produção de Deleuze & Guattari não coloca a questão do bem e do mal nos mesmos termos em que o faz Spinoza, no entanto, depreendemos das reflexões sobre as linhas de segmentaridade um pensamento profícuo sobre os movimentos da ação humana pelos meandros disso que denominamos bondade ou maldade. Segundo Deleuze & Guattari:

Existe aí, como para cada um de nós, uma linha de segmentaridade dura em que tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, a

passagem de um segmento a outro. Nossa vida é feita assim: não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições, classes), mas as pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas são segmentarizados, de um modo que não é feito para perturbar nem para dispersar, mas ao contrário para garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p.61)

Sobre as linhas de segmentaridade, os autores ainda firmam que:

Há pelo menos três delas: de segmentaridade dura e bem talhada, de segmentação molecular e em seguida a linha abstrata, a linha de fuga, não menos mortal, não menos viva. Na primeira há muitas falas e conversações, questões ou respostas, intermináveis explicações, esclarecimentos; a segunda é feita de silêncios, de alusões, de subentendidos rápidos, que se oferecem à interpretação. Mas se a terceira fulgura, se a linha de fuga é como um trem em marcha, é porque nela se salta linearmente, pode-se enfim falar aí "literalmente", de qualquer coisa, talo de erva, catástrofe ou sensação, em uma aceitação tranqüila do que acontece em que nada pode mais valer por outra coisa. Entretanto, as três linhas não param de se misturar. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 65)

Entendemos que a linha dura seriam as áreas de nossas vidas que estão estabilizadas pela maneira como ela, a vida, foi sendo talhada durante a caminhada do sujeito. E essa formação está diretamente relacionada às nossas atitudes, pois elas vêm se desenvolvendo com o passar do tempo fazendo com que enxerguemos nossa própria subjetividade, nossos relacionamentos, nossas decisões a partir desse modo de ver o mundo que, com o tempo, foi formado dentro de nós.

Conforme nossa vida foi se “desenhando”, juntamente com ela e nela uma linha dura estava sendo talhada. O que não é bom nem ruim, isso nos garante uma espécie de estabilidade e poderíamos até pensar que seria muito bom se apenas existisse esse modo, essa linha, porque as coisas, aparentemente, sempre estariam no seu devido lugar: não precisaríamos nos mexer, nos incomodar, nos desconfortar, enfim, estaríamos estáveis. Porém, não é assim que acontece, segundo Deleuze & Guattari, pois juntamente com essa linha dura agem as outras duas linhas existentes: a molecular e a de fuga. Na verdade, são infinitas as linhas prováveis que podem ser propostas e “surgirem” em nosso caminho, nos movimentos molares, moleculares e de fuga.

As linhas moleculares e de fuga nos atravessam o tempo todo e nos conclamam a uma tomada de decisão o tempo todo, desafiando a linha dura, estável.

Os autores afirmam que:

[...] a linha de vida, linha de segmentaridade dura ou molar, de forma alguma é uma linha de morte, já que ocupa e atravessa nossa vida, e finalmente parecerá sempre triunfar. Ela comporta até mesmo muita ternura e amor. Seria fácil demais dizer: "essa linha é ruim", pois vocês a encontrarão por toda a parte, e em todas as outras. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 62)

Compreendemos que a linha de segmentaridade dura não é negativa nem positiva. Como já afirmamos, ela tem uma função de até mesmo ter o poder de garantir certa estabilidade em nossas vidas. Essa estabilidade pode nos afetar de diversas formas, fazendo com que apenas nos agarremos mais a ela ou nos desafiando a transpassá-la. Como os próprios autores disseram "Ela comporta muita ternura e amor" (Idem). O problema (ou não) é que ela está, constantemente, sendo desafiada e colocada à prova pelas linhas moleculares e de fuga. Nossa estabilidade, quando desafiada, em um primeiro momento nos causa um incômodo, pois estamos confortáveis em nosso lugar.

Podemos aceitar o desafio que é proposto pelas outras forças que agem, e sempre irão agir à revelia de nós mesmos. As outras linhas sempre estarão nos atravessando, tentando desestabilizar/modificar/romper/transformar a linha dura, o que certamente, à frente, nos lançará para uma nova maneira de vida, podendo nos recolocar sobre uma nova linha dura, que é aparentemente estável, porém ela nunca deixará de ser atravessada pela outras forças, as quais se apresentam como novas possibilidades de vida. Não há como ficarmos passivos diante do que a "vida" nos propõe como opções, pois o fato de não fazer nada já se coloca diante de nós como uma possibilidade que potencialmente nos levará para novas possibilidades. Possibilidades que poderão transformar totalmente a vida.

Entendemos que essa transformação pode não ser boa, como pode não ser ruim, ela é somente uma opção que nos é apresentada. Compreendemos também que as transformações que surgiriam pela nossa tomada de decisão em fazer um novo rizoma ao aceitarmos as opções advindas das outras linhas de força não viriam prontas. Isso quer dizer que a responsabilidade por essas transformações é nossa. Não somos passivos nessas prováveis modificações e mudanças de caminho.

É certo que em diversos momentos não é sábio ceder à força das outras linhas (molecular e de fuga), mas quem disse que essas outras linhas também não possuem uma força tamanha capaz de nos cativar, lançando um engodo que tem o

poder de nos capturar e de nos impulsionar a uma nova realidade, que pode ser mais viva que a primeira? Que pode ser mais mortal que a primeira? Estamos a todo o tempo sendo atravessados por essas linhas de força.

Ao interagirmos com as pessoas à nossa volta em nossa casa, no trabalho, na escola, nas ruas, estamos nos expondo à ação de forças, sentimentos, afetos que nos impelem a tomadas de decisão. Os nossos pensamentos estão sendo sempre bombardeados por outros tipos de pensamentos que não são necessariamente os nossos, mas que nos fazem querer pensar e agir de outra determinada maneira, a tal ponto que podemos mudar o nosso jeito de agir por conta daqueles pensamentos, que não são nossos, mas passam a habitar o nosso próprio pensamento, como se fossem novas flores, novas ervas daninhas semeadas em nosso jardim.

Quando os autores afirmam que “Na primeira (linha dura) há muitas falas e conversações, questões ou respostas, intermináveis explicações, esclarecimentos” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 65), entendemos perfeitamente que isso tudo é necessário, pois vivemos a maior parte do tempo alinhados com essa linha. Seria loucura se não pudéssemos embasar nossos atos e atitudes em um lugar aparentemente sólido, pois lembramos que a linha dura é atravessada a cada instante. A linha dura parece ser mais fixa. Ela, através do bom senso, da lógica, da inteligência, da racionalidade pode tentar querer provar para nós que é necessário viver dentro de alguns padrões que são aceitáveis (e saudáveis) para a nossa própria vida. Padrões que podem ter sido colocados como corretos pela nossa família, pelos nossos professores, pelos religiosos, pelos nossos governantes... Mas não podemos afirmar que isso é bom ou ruim.

E isso parece ter para a vida em sociedade uma certa lógica e uma certa proteção, pois se não fosse assim, o caos poderia se instalar. Se cada um agisse o tempo todo somente de acordo com as suas próprias linhas de fuga, onde é que nos encontraríamos uns com os outros? A linha dura traz uma possível (aparente) ordem à vida, figura como uma mantenedora dos bons costumes, bons hábitos, boas maneiras, fazendo com que hajamos com sensatez.

Arriscamos a propor que até um bandido tem a sua linha dura e age conforme essa linha. Embora ele aja de maneira contrária ao que a sociedade prega e com que os bons costumes morais nos ensinam ser verdadeiros. Para o marginal, aquilo que ele faz tem sentido e está sedimentado sobre uma linha dura. E dentro das

intermináveis relações a que estamos suscetíveis a desenvolver, poderemos nos deparar com a linha dura de outrem que desafia nossa própria linha dura. Afirmamos que a linha dura não é única. Entendemos que há as instituições, Estado, Governo, Países... mas que na individualidade do sujeito ele “cria” (ou recebe pronta?) para si uma própria linha dura, sobre a qual faz com que a sua vida funcione.

A outra linha proposta por Deleuze & Guattari (1996) é a linha molecular e a respeito disso, eles afirmam que ela “é feita de silêncios, de alusões, de subentendidos rápidos, que se oferecem à interpretação.” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 65). Ao percebermos a existência dessa linha, vemos que nela há muita força. Ela está nos impelindo a uma tomada de decisão, sempre.

Quando essas linhas nos atravessam, somos convocados a uma espécie de interrogatório em que a pergunta principal é: “O que você vai fazer agora?” Normalmente, tendemos a ficar sobre a linha dura. É mais ou menos como que estivéssemos, a todo momento, sendo colocados à prova. Questões surgem no desenrolar de nossa história e nos “forçam” a tomar decisões. Essas decisões, obviamente, são tomadas através do olhar da linha dura, caso contrário, esta não teria razão de existir.

O “problema” é que a linha dura está, constantemente, sendo desafiada a mudar; e se ela cede, incorpora um novo modo de ser, que a partir de então, se transformará, se modificará em uma nova espécie de linha dura, e tudo isso por ter “cedido” à linha molecular. Temos a impressão de que a linha molecular, se fosse ela uma pessoa, não fica muito “chateada” se não a recebem a todo momento. A questão é: em algum momento ela será aceita, e isso implicará em uma mudança de postura na vida do indivíduo. E é lógico que todo esse jogo de forças está condicionado a uma decisão do sujeito.

Os autores afirmam que:

Essa linha molecular mais maleável, não menos inquietante, muito mais inquietante, não é simplesmente interior ou pessoal: ela também põe todas as coisas em jogo, mas em uma outra escala e sob outras formas, com segmentações de outra natureza, rizomáticas ao invés de arborescentes. Uma micropolítica. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 66)

Visto que a linha molecular não é apenas interior e pessoal, tendemos a crer que ela age através dos relacionamentos a que estamos expostos, a que os personagens estão expostos. Essas linhas que nos atravessam o tempo todo têm a

força de causar em nós mudanças significativas a ponto de desestabilizar a linha dura existente, transformando-a em uma outra. Entendemos que as segmentações a que estamos destinados são de diversas naturezas: religiosa, emocional, relacional, profissional, amorosa, identitária...

Essas segmentações estão caminhando junto a nós e sempre se colocando “à disposição”. Cabe ao sujeito tomar a decisão de se lançar a uma nova proposta de segmentaridade. Entendemos que a alteração da subjetividade pode estar atrelada a uma imposição de força maior, como uma catástrofe, por exemplo. Mas mesmo assim caberá ao sujeito se adaptar dentro de uma nova linha dura, a qual foi imposta, temporariamente, pelas circunstâncias. Os autores dizem que “A segmentaridade maleável não tem nada a ver com o imaginário, e a micropolítica não é menos extensiva e real do que a outra.” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 72).

Para embasar o que dissemos acima, lemos as palavras de Deleuze & Guattari (1996) as quais dizem que:

[...] a segmentaridade maleável não seria mais do que uma espécie de compromisso, procedendo por desterritorializações relativas, e permitindo reterritorializações que bloqueiam e remetem para a linha dura. É curioso como a segmentaridade maleável está presa entre as outras duas linhas, pronta para tombar para um lado ou para o outro — essa é a sua ambiguidade. E ainda é preciso ver as diversas combinações: a linha de fuga de alguém, grupo ou indivíduo, pode muito bem não favorecer a de um outro; pode, ao contrário, barrá-la, interdita-la a ele, e lançá-lo ainda mais em uma segmentaridade dura. Ocorre bastante no amor que a linha criadora de alguém seja o aprisionamento do outro. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 73)

“A linha abstrata, a linha de fuga, não menos mortal, não menos viva.” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p.65). Enquanto que a linha dura e a linha maleável parecem ser muito reais, muito concretas, por apresentarem, de certo modo aquilo que pode ser visto, pode ser tocado, pode ser sentido, a linha de fuga, embora real, parece se esconder nas entrelinhas de realidade.

Os autores afirmam ainda que:

Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p.72)

Ela é responsável por trazer à tona uma possibilidade apresentada pela linha de segmentaridade maleável, que por sua vez desafia a linha dura. A linha de fuga é como uma pequena explosão que está prestes a acontecer. Quando ela irrompe, com certeza deixará para trás de si um modo velho de vida e apresentará para o indivíduo um novo horizonte. Quando a linha de fuga se concretiza, uma nova perspectiva será apresentada e isso não tem nada a ver com algo bom ou algo ruim. Isso tem a ver com algo novo e diferente, que pode ser útil, como também pode ser nocivo.

E contraposição à noção spinosiana de bem Deleuze & Guattari dão à linha de fuga um potencial neutro, nem bem, nem mal, a linha de fuga é uma potência, em princípio neutra, ela pode vir a ser boa ou má, isso dependerá do movimento que ela estabelecerá ao fugir das outras linhas. As três linhas estão sempre juntas. Mas nem sempre o indivíduo se dá conta disso. Mas nem sempre o indivíduo quer se dar conta disso. As linhas de segmentaridade têm a ver com decisões, e essas decisões cabem ao indivíduo tomar.

Os autores negam que a linha de fuga é uma forma de se refugiar em algum lugar de tal forma a se esconder daquilo que confronta a realidade vivida e a que possa vir a ser. Eles afirmam que:

Quanto à linha de fuga, não seria esta inteiramente pessoal, maneira pela qual um indivíduo foge, por conta própria, foge às "suas responsabilidades", foge do mundo, se refugia no deserto, ou ainda na arte... etc. Falsa impressão. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol.3, p. 72)

Essa falsa impressão a que se referem os autores talvez tenha a ver com o modo que se dá a linha de fuga. Ela é abstrata, porém faz parte do momento de vida do herói, da pessoa, configurando assim uma realidade alternativa pulsante. Poderíamos pensar na linha de fuga como uma visão por parte do indivíduo, a qual engloba as outras duas linhas. Ele vê a linha dura, percebe a linha molecular e flerta com a linha de fuga como quem anda à beira de um abismo.

A linha de fuga intima o indivíduo para uma tomada de decisão. Mesmo que ele volte para a linha dura, ele retornará diferente ao ponto de início, pois a linha de fuga propicia ao sujeito uma desterritorialização capaz de alterar radicalmente a linha dura em que ele se encontra. A linha de fuga proporciona ao indivíduo

possibilidades, mas este é quem decide “andar” por ela. Se bem que no momento em que ela, a linha de fuga aparece (não que ela seja independente do sujeito – ela já está ali), de certo modo o sujeito já se deixou “contaminar” por ela, vivendo-a assim de certa maneira.

Sendo assim, a partir deste momento, passaremos a observar como se dá o funcionamento dessas linhas de força dentro do romance de Rosa. Entendemos que essa teoria filosófica, sobre a qual escrevemos acima, pode muito bem valer para a “vida real” das pessoas, como também faz sentido dentro de uma perspectiva ficcional. O que faremos a seguir é analisar como pode ser verdadeiro esse pensamento desenvolvido pelos filósofos Deleuze & Guattari e estar cheio de sentido em um ambiente observável na vida de um personagem.

Anotamos, a partir de agora, o funcionamento das linhas de força (DELEUZE & GUATTARI, 1995) no episódio em que se narra a história de Maria Mutema. Jõe Bexiguento, jagunço companheiro de Riobaldo, conta a este a história dessa mulher e tenta ilustrar como ele concebe o bem e o mal, pois na teoria riobaldiana sobre essa temática, o narrador afirma, na conversa com Jõe:

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que de um lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados. (GSV, p. 221)

A história de Maria Mutema, contada por Jõe Bexiguento, é capaz de ilustrar que essa hipotética teoria de bem e de mal, desenvolvida por Riobaldo, não pode ser tão simples como parece. Pelo que Riobaldo nos diz, podemos inferir a respeito de sua visão de mundo. Está evidente em um primeiro momento que para Riobaldo a dualidade bem e mal necessita de demarcações muito bem claras. Porém, a história que Jõe conta a Riobaldo, talvez sirva para confundir ainda mais o pensamento de Riobaldo, no que diz respeito a essa dualidade. Pois veremos, na simplicidade de Jõe, que o bem e o mal não estão muito bem delimitados assim como se pensa. Pelo contrário, às vezes, eles estão misturados, a ponto de não se poder distinguir a que ponto um começa e o outro termina, ou quando um termina e o outro passa a vigorar, ou quando os dois, lado a lado, parecem coexistir, de tal maneira que não dá para saber o que é branco e o que preto, pois a cor que se nos apresenta é cinza. Vamos à história dessa personagem.

Maria Mutema, “pessoa igual às outras, sem nenhuma diversidade. Uma noite, o marido dela morreu, amanheceu morto de madrugada.” (GSV, p.222). Nesse pequeno trecho, podemos identificar como era a vida de Maria: igual a de todo mundo. Ela era casada. Vivia com o marido, sobre o qual a narrativa afirma que “tinha estado nos dias antes em saúde apreciável” (GSV, p. 222).

Podemos inferir que viviam aparentemente bem. Um casal sem filhos. Um casal de boa saúde física e mental. Como sabemos sobre a saúde mental dos dois? O texto afirma que ela não apresentava nenhuma diversidade. Percebe-se ainda que eles apresentavam uma vida social saudável na comunidade a que pertenciam, pois “ Maria Mutema chamou por socorro, reuniu todos os mais vizinhos. O arraial era pequeno, todos vieram certificar.” (GSV, p. 222). Sabemos que eles eram conhecidos de todos ali e a todos conheciam. Constituída está, aparentemente, a linha dura da vida dos dois.

Marido e mulher, moradores de uma pequena comunidade do interior sertanejo de São João Leão, pessoas comuns, aparentemente benquistas por toda a vizinhança. Vida normal. Aparentemente, pois sabemos, pelo fim dessa história, que em uma determinada noite, Maria Mutema assassinou o marido. Mas por que motivo ela faria isso?

Linha de fuga fatal. A narrativa não deixa claro quais seriam os motivos de Maria, nem se ela era doente mental, ou atormentada espiritualmente antes de assassinar o marido, o que podemos notar é que para que haja a instauração dessa linha de fuga, que resulta no assassinato do marido, entraram em funcionamento, em cruzamento as linhas de vida do casal. É perceptível que as linhas moleculares, o não dito, o velado, os pequenos sentidos que não se registram explicitamente foram determinantes para a destinação que se deu na vida e morte desse casal. E esse movimento, que depreendemos aqui de um exemplo ficcional, pode-se constituir verdadeiro, também, e plenamente na vida real das pessoas.

Voltando ao texto de Guimarães, o que sabemos é que Maria Mutema, a partir de então, a partir do assassinato cometido, começa a apresentar um estilo de vida diferente do que costumava ter. E diferente até mesmo do estilo de vida dos vizinhos do arraial.

Desde o momento em que enterraram o marido, Maria Mutema substitui a linha dura do casamento pela linha dura da religião, mas mesmo aí agirão as linhas moleculares e, por fim, a linha de fuga: “ a religião da Mutema, que daí pegou a ir à

igreja todo santo dia, afora que de três em três dias agora se confessava.” (GSV, p. 222). Lembremo-nos que o texto diz que ela era igual aos outros, e Jõe Bexiguento narra que ir à igreja com a frequência que Mutema ia, após a morte do marido, e a constante vida de confissão eram atitudes por demais excessivas. Linha dura atravessada pelas linhas moleculares.

A aparente religião e devoção de Maria Mutema são derivadas da linha de fuga constituída pela ação assassina, essa linha de fuga, já se demonstrava, já se assentava como uma nova linha dura, mas poderíamos entender que uma outra linha de força, linha maleável, começou a exercer sua potência sobre Maria: “E, estando na igreja, não tirava os olhos do padre.” (GSV, p. 222). Percebemos através desse detalhe, a possível paixão carnal que Maria pode estar começando a nutrir pelo padre. Será que ela estava apaixonada pelo padre e resolveu matar o marido para poder experimentar uma vida de amor proibido com o sacerdote? Poderíamos tentar especular sobre essas possibilidades de vida da Maria Mutema não fosse a sua confissão pública sobre o verdadeiro motivo de suas atitudes. Fato é que, tempos depois, o padre morre em circunstâncias quase tão inexplicáveis como a morte do marido de Mutema.

Por fim, passados anos, em uma época de reuniões festivas na igreja do povoado, com a participação de dois missionários estrangeiros, algo acontece. Após anos sem ir à igreja, Maria Mutema resolve, na penúltima missa daquele tempo de missão, voltar à casa de Deus. No momento em que ela entra na igreja, o missionário condutor daquela celebração recebe uma revelação divina sobre a vida da “pessoa que por derradeiro entrou” (GSV, p. 225). E por uma inspiração celestial, tomado de fúria, ele ordenou que Maria saísse daquele local, que saísse “com seus maus segredos, em nome de Jesus e da Cruz!” (GSV, p. 225). Ela, ali, de preto, no meio da igreja, tem diante de si uma proposta de vida, uma nova linha maleável se apresenta, uma alternativa se dá à Maria Mutema.

Ela agarra essa possibilidade. Oportunidade de confissão, contrição, conversão, perdão e salvação, como iremos ver. Mas tamanha foi a autoridade com que o missionário levantou a voz para advertir Maria Mutema, que algo sobrenatural ocorreu na igreja, na vida daquelas pessoas que ali estavam. Todos começaram a se arrepender de seus próprios pecados e com choros e súplicas manifestaram uma atitude de arrependimento. Parece que todos, naquele momento, levaram um choque coletivo e decidiram se consertar com Deus.

Faremos neste momento da nossa escrita uma pequena pausa, para notarmos nessa cena criada por Rosa, a incrível semelhança (poderíamos chamar de intertextualidade) com algo que aconteceu durante uma das reuniões de avivamento espiritual comandadas pelo avivalista Jônatas Edwards (1703 - 1758). No dia 8 de julho de 1741 em Enfield, Conecticut, nos Estados Unidos, o missionário Edwards pregou um sermão intitulado: "Pecadores nas mãos de um Deus irado". Enquanto ele pregava, a plateia que o escutava começou a chorar em alta voz, declarando seu arrependimento e clamando por salvação desesperadamente. Muitos se agarravam às colunas da igreja, como se estivessem sentido ser engolidos pelo inferno (BOYER, 2002, p. 39 - 45). O que Jõe Bexiguento nos conta é que:

Isso o missionário comandou: e os que estavam dentro da igreja sentiram o rojo dos exércitos de Deus, que lavoram em fundura e sumidade. Horror deu. Mulheres soltaram gritos, e meninos, outras despencavam no chão, ninguém ficou sem se ajoelhar. Muitos, muitos, daquela gente, choravam. (GSV, p. 225)

Dentre as leituras de Rosa, há livros e textos religiosos, além da Bíblia. Sabemos que existem estudos literários que se encarregam de investigar o que Guimarães Rosa lia e estudava. Não é nosso objetivo nos aprofundar nessa direção, apenas gostaríamos de realizar essa observação tamanha a igualdade da cena descrita por Jõe, com o relato do avivalista norte-americano. Voltemos para a análise da história narrada por Bexiguento.

Maria Mutema é atravessada pela linha de fuga de um arrependimento fora da expectativa litúrgica: em vez de confessar seus pecados apenas no escondido do confessionário, decide admitir seus erros publicamente. O que será que a comunidade pensaria dela? Passaria de mulher-viúva-reclusa a vilã de toda aquela história, caso dissesse toda a verdade. Está diante dela uma possibilidade de vida. Ela tem uma escolha a fazer. E eis o que ela faz: confessou diante de todos os presentes na missa que matara o marido, afirmando que fizera isso porque gostava do padre "em fogos amores" (GSV, p. 226). Confessou também que passou a declarar sua paixão lasciva (e mentirosa) ao padre, durante suas confissões, de três em três dias. Sabemos que padre Ponte "de desgosto adoeceu, e morreu em desespero calado" (GSV, p. 226) em decorrência do peso dessas declarações de Maria Mutema. Ele não sabia que era mentira. Apenas ela sabia de toda a verdade.

E por que ela fez tudo o que fez? As duas mortes causadas por Maria Mutema não foram motivadas por nenhuma razão específica. Do marido não trazia rancor; do padre Ponte muito menos. Mas qual seria o motivo disso tudo? Uma provável resposta seria: não havia motivo.

Maria Mutema, depois de um tempo, foi presa e muitos diziam que ela estava se tornando santa. Isso mesmo, de assassina a santa. Mas algo aconteceu naquela pequena vila em decorrência desses assassinatos realizados e confessados por Maria. Antes de ser presa, as pessoas vinham até ela para perdoá-la e para rezarem juntamente com ela. Até a Maria do padre, esposa de Padre Ponte, e seus filhos vieram para dar a Maria Mutema o perdão. E a narrativa diz que “tantos surtos produziam bem-estar e edificação.” (GSV, p. 227).

Vemos aqui, a dinâmica de um mal em ação, os assassinatos cometidos por Maria, que após um tempo traz um bem, ou seja, esse bem-estar na vila de que nos fala Jõe. É óbvio que ninguém, na pequena vila da Maria Mutema, gostaria que tudo isso tivesse acontecido. Afinal de contas, o marido dela, aparentemente, era uma boa pessoa; e a respeito do padre Ponte a narrativa deixa bem claro que era muito benquisto por todos. Esse mal não era necessário. Mas por que será Riobaldo foi contar toda essa história, que ouviu de Jõe Bexiguento, ao seu interlocutor, após todos esses anos que se passaram?

Duas prováveis hipóteses: a primeira é a de que ele entende, com o passar do tempo de sua vida, que o bem e o mal se misturam e obram, muitas vezes, em conjunto – um espera o outro trabalhar, para que depois venha a realizar a sua obra também. Há uma espécie de territorialização, desterritorialização e reterritorialização nas ações da vida e muitas vezes esses movimentos vêm influenciados pela ação do bem e do mal.

Podemos pensar na possibilidade de ser difícil, ou quase impossível, viver uma vida sempre dedicada ao mal ou sempre dedicada ao bem. O que queremos afirmar é que, em algum momento da caminhada, aquele que tem a tendência para o mal fará o bem; e que aquele que tem a tendência de fazer o bem obrará o mal. O apóstolo dos gentios, São Paulo, na epístola aos Romanos no capítulo 3, versículos 10 e 12 afirma que “não há um justo, nem um sequer [...] não há quem faça o bem, não há nem um só”.

Talvez uma pessoa mais moralista condenasse esse tipo de discurso, não há problema, mas a verdade é que erramos. Até mesmo esse moralista, em

determinado momento de sua caminhada, a despeito de todo o zelo por fazer sempre o bem a todos, fará o mal a alguém, ou a si próprio. E citando, ainda, o apóstolo dos gentios, em sua primeira epístola aos Coríntios no versículo 12 do capítulo 10 “Aquele, pois, que pensa estar em pé, cuida para que não caia.”

Uma provável verdade é que estamos propensos a realizar obras más, mesmo sabendo, racionalmente, que é melhor fazer o bem. Estamos muitas vezes nos culpando por nossos erros e pedindo perdão aos outros (e a Deus) por nossas faltas, tentando evitar um castigo maior em decorrência de nossas falhas. Podemos imaginar que Riobaldo esteja contando essa história para nós, antecipando as culpas de seus assassinatos, sem motivos nenhuns, e se houve motivos eram justificáveis; mas podemos também perceber que um provável motivo desse relato repouse no seu forte desejo de se sentir perdoado. Temos a forte tendência de acreditar que ele já superou esses pesos que trazia em suas costas, pois ele diz assim: “eu queria ter remorso; por isso, não tenho.” (GSV, p. 309).

A segunda hipótese que podemos levantar a respeito do motivo pelo qual Riobaldo lança mão da história de Maria Mutema é a de tentar fazer que ela funcione como uma epígrafe de sua vida criminosa. Ou seja, ele, Riobaldo, uma pessoa normal, que entra para a jagunçagem, mata pessoas “inocentes” e no final torna-se desculpável, afinal fez o que tinha que fazer e isso através dos caminhos e propósitos do destino. Talvez, ao ouvirmos o fim do relato de Jõe Bexiguento, através da boca de Riobaldo, podemos imaginar que este aspire também à santificação, tal qual Maria Mutema.

A teoria dos rizomas e a ação rizomática na cena da matança dos cavalos

Deleuze & Guattari escrevem sobre um conceito filosófico baseados em um termo da botânica: o rizoma. Essa discussão sobre o rizoma como modelo de pensamento está no primeiro capítulo de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995). Os autores usam, em grande parte da escrita, essa imagem (a do rizoma) em contraposição à imagem de uma árvore. Se buscarmos o significado da palavra rizoma em um dicionário qualquer, obteremos algo, como definição, mais ou menos assim: caule subterrâneo ou não que tem o seu crescimento na horizontal, podendo, a partir de si, emitir novos ramos.

Os autores supracitados evocam sobre essa imagem uma necessidade de não termos, não desenvolvermos, não reproduzirmos como árvores, mas sim como rizomas. Convocando-nos a uma tomada de decisão em prol de uma existência firmada em relações, em uniões, em conexões. O rizoma não é algo estático, que permanece no mesmo lugar. Pelo contrário, o rizoma se movimenta sempre em direção horizontal e pode se conectar a outros rizomas. O rizoma parece dispor desta prerrogativa: a de crescer e avançar cada vez mais, ora subterraneamente, ora na superfície, porém sempre se alastrando.

Deleuze & Guattari escrevem/denunciam/alertam sobre esquemas arborescentes, os quais dependem de um tronco apenas para que suas atividades, vivências e relações existam e se concretizem. Uma árvore pode ser alta, grossa, abrigar muitos galhos, porém elas não se conectam. É perceptível, na leitura desses autores, mais especificamente no livro *Mil Platôs*, vol.1, que eles se mostram contrários a toda forma de controle social, político, religioso, econômico e outras formas de direcionamento e até mesmo de opressão do tipo árvore, ou seja, uma influência que sai de um centro (controlador) e faz com que todas as partes da árvore, de seus galhos, de suas folhas, de seus frutos, de suas raízes dependam de um único e exclusivo tronco.

Ao utilizar a imagem de rizoma, os autores chamam a atenção do leitor para esse tipo de desenvolvimento e de crescimento: o tipo rizomático. O rizoma se desenvolve em várias direções ao mesmo tempo e sempre podendo estabelecer novas conexões com outros rizomas sobrepondo-se, misturando-se um ao outro, a ponto de não se identificar um e outro.

O rizoma é do tipo acentrado, ou seja, não existe um centro para onde ele deve remeter-se. O rizoma, ao se desenvolver, explode para várias direções, formando alguns nódulos, dos quais brotam outros ramos, os quais formam outros rizomas que crescem para outras direções, podendo voltar para a direção procedente ou avançar para um novo caminho.

Podemos nos arriscar a dizer que esse tipo de metáfora, usada pelos autores, tem como um provável objetivo lançar, na mente do leitor, um novo tipo de pensamento capaz de modificar a forma de como interagimos com o mundo, com as pessoas, com a vida. O esforço da reflexão filosófica proposta pelos autores, portanto, busca transformar um modo de pensamento, um modo de agir cartesiano,

monótono, arbóreo, fixado em um pensamento, em uma ação que se desloque, que se conecte com outras relações, que se movimente.

O rizoma é caracterizado pelo crescimento que se movimenta para várias direções. Podemos inferir que Deleuze & Guattari, ao emprestar esse termo botânico de rizoma e inseri-lo na filosofia para diferenciar um desenvolvimento do tipo árvore e um desenvolvimento do tipo rizoma, estão propondo um novo modo de pensamento: um pensamento que funciona como agenciamentos de pensamentos.

E como agenciamento, eles entendem que:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE & GUATTARI, 2011, vol. 1, p. 24)

Para uma provável demonstração do funcionamento desse agenciamento, eles lançam mão do exemplo de um livro que funciona na conexão com outros livros. O livro não serve para ensinar algo, mas sim para se conectar com outros livros e aí ver o seu funcionamento num movimento que não para de crescer, de avançar, de se movimentar. Nesse movimento, observa-se uma multiplicidade capaz de formar um todo que se renova a cada instante de relação estabelecida.

Percebemos que esse conceito de conexões entre livros pode funcionar como uma metáfora para conexão de pessoas, de relacionamentos, de pensamentos, de formas de viver. Parece que através desse funcionamento rizomático nas relações que temos em nossas vidas (se percebermos isso) têm uma função de nos fazer expandir sempre e sempre. E com esse expandir vem a responsabilidade de fazer com que o outro cresça também e esse pensamento que desenvolvemos encontra eco no pensamento de Spinoza, sobre o qual já pudemos demonstrar.

Ao vivermos a vida de maneira rizomática, tendemos ao crescimento, tendemos a avançar além de nossas fronteiras, tendemos a nos desterritorializarmos e a nos reterritorializarmos múltiplas vezes. Modificando-nos muitas vezes; reconhecendo nossas fronteiras e avançando sobre elas e retornando para elas através de novos caminhos. Por meio das relações e desse pensamento rizomático, podemos, na relação com o outro, conhecermos a nós mesmos através do olhar do outro e por que não dizer desconhecer a nós mesmo pelo olhar de outrem... Essa

forma de pensar encontra relações com o pensamento de Bakhtin, quando este expõe sobre o conceito de “Excedente de visão”, dizendo que:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa.

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2011, p. 21)

O interessante desse conceito de rizoma é que o rizoma pode conectar-se a outros vários rizomas não parando, assim de se desenvolver. “qualquer parte de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, vol 1, p. 22). Isso pode ser aplicado a várias áreas da vida e das coisas. Podemos evidenciar esse conceito na literatura, na música, no cotidiano de uma pessoa comum... A impressão que dá é que tudo está conectado, ou melhor, que tudo pode ser compreendido através de ligações infinitas de acontecimentos, de conhecimentos, de sensações capazes de fazer sentido. Capazes de se tornar em sentido. Não o caos. (ou até mesmo o caos?)

As linhas de segmentaridade que existem no rizoma, pelo rizoma, com o rizoma são capazes de proporcionar novas conexões. Essas conexões podem vir através de contatos com novos rizomas ou simplesmente explodir do próprio rizoma, criando assim, as linhas de fuga, as quais crescerão para uma direção proporcionando novos modos de interação. Sobre isso, os autores afirmam que:

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível destruir as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais eles fogem sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem

numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. (DELEUZE & GUATTARI, 2011, vol 1, p. 18)

Imaginemos uma linha que vai crescendo e se movimentando na horizontal para a direita e para a esquerda. De repente, dela brotam novas linhas que vão crescendo umas sobre a outras de tal maneira que a primeira linha da qual derivaram-se as outras fica irreconhecível, pois as outras que dela eclodiram já estão irrompendo em novas eclosões a ponto de criarem novas linhas que já eclodiram também e se expandiram para outras direções e encontram outras linhas eclodidas de um outro rizoma com a qual se misturaram e se conectaram formando novas linhas que eclodirão e formarão novos rizomas com outros rizomas provenientes de outros lugares.

E isso tudo acontece entre uma distância e outra num ponto qualquer no meio de um platô. O rizoma é assim: acontece nos entremeios das coisas e numa velocidade variável que pode ser muito rápida ou muito lenta ou moderada. O rizoma é a ruptura. Ele não pode ser contido, pois se encontra uma barreira, ele retorna, reterritorializando-se por outros caminhos que eram improváveis, mas que o movimento de reterritorialização permitiu que novas fronteiras fossem descobertas para que pudessem se desterritorializar, talvez, e assim num movimento sem parada encontrar novas formas de viver e de se (re) encontrar.

O bem e o mal estão no rizoma e por meio deste são mobilizados, intensificados, sem que um possa se sobrepor ao outro. Não há como retirar o bom e o mau do meio do rizoma. Os dois encontram-se latentes. Em potência. Eles estão no rizoma, assim como o joio está para o trigo. Crescem juntos e quem os reconhece? Como reconhecê-los? Deleuze & Guattari escrevem que:

É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito – tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas. Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização. Sim, a grama é também rizoma. O bom e o mau são um, são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada. (DELEUZE & GUATTARI, 2011, vol 1, p. 18)

As conexões rizomáticas se incumbirão de mostrá-los, o que é bom e o que é mau. Como extirpar o mal do rizoma? Como nutrir mais o bem? Difícil é pensarmos

dualmente quando estamos tratando de rizoma. Pois o mal que pode parecer ruim e nocivo aqui e agora poderá retornar lá na frente, em determinado ponto do rizoma, através de outras conexões, como um bem. O bem momentâneo poderá retornar no rizoma e para o rizoma com uma doença em determinado ponto da caminhada.

Após descrevermos, de uma maneira mais geral, os pensamentos dos filósofos sobre a teoria do rizoma, que eles desenvolvem, partiremos agora para uma exemplificação mais específica que é notada no romance de Rosa. E, dentro dessa perspectiva rizomática, poderemos perceber, mais uma vez, a presença da dinâmica do bem e do mal de uma forma mesclada. Será que o mal pode passar a ser um bem?

Voltando o nosso pensamento para a existência de um movimento feito pelo bem e pelo mal que podem resultar em uma mistura dos dois, analisemos então, uma das cenas mais tristes do romance. Percebamos, com esse olhar, uma dinâmica um tanto quanto inusitada com relação ao querer fazer e praticar o mal.

Riobaldo nos conta que, durante uma batalha que se travou entre os jagunços de Zé Bebelo com os judas, bando liderado por Hermógenes e Ricardão, Zé Bebelo e os seus liderados tomaram posição dentro de uma casa, ocupando um lugar de certa proteção, porém deixando os cavalos em um curral, o qual ficava um pouco distante da casa.

Enquanto Zé Bebelo e Riobaldo conversam sobre a morte de um jagunço que acabaram de perder no meio do tiroteio em que estão, Cavalcanti, um dos jagunços do bando de Zé Bebelo, traz a notícia de que “estão matando os cavalos!” (GSV, p. 339). Com o objetivo claro de afetar Zé Bebelo e seus jagunços, os judas começam a atirar nos cavalos, fazendo com que os animais agonizassem terrivelmente por horas. A cena é descrita com uma forte riqueza de minúcias, especialmente os detalhes sinestésicos. O leitor é levado a experimentar esse momento, na narrativa, em que a maldade, por ela mesma, se sobressai brutal e dolorosa. Apenas abrindo um parêntese biográfico relacionado ao amor e à estima que Rosa tinha por cavalos, durante a conversa que teve com Günter Lorenz, ele nos revela que “Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!” (Coleção Fortuna Crítica, p. 68).

É possível identificar um requinte de crueldade dos judas enquanto fuzilam os pobres bichos. Riobaldo começa a lembrar o quão bons eram aqueles animais que estavam agora mesmo sendo sacrificados, brutalmente, pelos inimigos. Os de

Hermógenes e Ricardão atiravam sem piedade naqueles bichos “tão sadios todos, que não tinham culpa de nada” (GSV, p. 339) e, com essa atitude, afetavam de maneira poderosa o moral da pequena tropa de Zé Bebelo. A ponto de terem de segurar com muita força um jagunço chamado Fafafa, sobre o qual, no início da narrativa, afirma-se ser um criador de cavalos. Na verdade, ele, Fafafa, vai ser criador de cavalos depois que todas as aventuras narradas por Riobaldo se acabam. Mas durante a narrativa, percebemos que Fafafa gosta muito desses animais, a ponto de querer se arriscar e ir até o curral para dar tiros de misericórdia nos bichos a fim de que cessem os seus sofrimentos. Porém, Fafafa é detido “não deixamos, porque isso consumava loucura. Não dava dois passos no eirado, e ele morria de fuzilamento, em balas, se varava” (GSV, p. 341).

Há nesse trecho da narrativa, pelo menos três aspectos muito marcantes. A primeira é a imagem da malvadeza feita com os animais; o segundo é a imagem de jagunços do bando de Zé Bebelo chorando feito crianças pelo sofrimento causado aos bichos; e o terceiro aspecto é o movimento reverso dos próprios judas fazendo o bem aos animais, aos jagunços de Zé Bebelo e a eles mesmos. E é nessa terceira cena que se vê uma dinâmica diferente do mal e do bem.

Os judas agiram traiçoeiramente, utilizando-se de atitudes cruéis e más para afetarem o bando de Zé Bebelo. Por meio do mal causado aos animais, atingiram, em cheio, a alma dos jagunços rivais. Porém no desenrolar da ação do mal nessa cena, parece que eles mesmos, os judas, foram afetados pelo seu próprio mal e tiveram que usar de misericórdia, praticando o bem, que naquele momento se constituía em sacrificar definitivamente os animais, fazendo com que tanto sofrimento cessasse. Sofrimento dos bichos, sofrimento dos de Zé Bebelo e por que não afirmar o próprio sofrimento dos judas? Por que dizemos isso? A descrição da cena leva-nos a inferir isso, pois o som emitido pelos animais, juntamente com a imagem de todos eles agonizando, em decorrência do sofrimento, era absurdamente medonha.

Ânsias, ver aquilo [...] os cavalos desesperaram em roda, sacolejados esgalopeando, uns saltavam erguidos em chaça, as mãos cascantes, se deitando uns nos outros, retombados no enrolar dum rolo [...] lam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, rinchavam de dor – o que era um gemido alto, roncado, de uns sons como se estivessem quase falando, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largando as forças, vinha de apertos, de sufocados [...] Aturado o que se pegou a ouvir, eram aqueles assombrados

rinchos, de corposo sofrimento, aquele rinchado medonho dos cavalos em meia-morte [...] O senhor escutar e saber – os cavalos em sangue e espuma vermelha, esbarrando uns nos outros, para morrer e não morrer, e o rinchar era um choro alargado, despregado, uma voz deles, que levantava os couros, mesmo uma voz de coisas da gente: os cavalos estavam sofrendo com urgências, eles não entendiam a dor também. Antes estavam perguntando por piedade. O senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim, de repente engrossa e acusa buracões profundos, e às vezes dão ronco quase de porco, ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dores, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos, excomungadamente. O senhor abre a boca, o pelo da gente se arrupêia de total gastura, o sobregêlo. E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser, em grande martírio, a menção na idéia e a de que o mundo pode se acabar. (GSV, p. 339 - 341)

Os trechos descritos acima servem para imaginar os afetos de tristeza e de agonia causados não só nos jagunços de Zé Bebelo, mas também nos próprios judas. Tal foi a afecção causada no grupo que, em determinado momento de todo esse episódio dantesco, “eles mesmos (os judas) estavam atirando por misericórdia nos cavalos sobreferidos, para a eles dar paz.” (GSV, p. 342). Temos a forte convicção de que o pronome “eles” de “a **eles** dar paz” se refere aos judas. Podemos entender que os judas estavam dando tiros de misericórdia nos animais para que eles, os bichos, descansassem em paz. Mas o que nos leva a crer que o pronome “eles” se refere aos judas é o fato de que eles mesmos estavam sendo afetados por aquele tormento todo que eles próprios produziram.

Tamanha foi a maldade que os judas executaram, a fim de afetar o inimigo, que acabou transbordando a tal ponto de afetá-los a si mesmos. Necessário foi que agissem, então, depois de horas, de maneira totalmente inversa à primeira ação, tiveram que demonstram bondade. Sim, eles praticaram o bem. Em primeiro lugar, aos cavalos; em segundo (mesmo que contra a vontade), aos de Zé Bebelo; em terceiro lugar, a si mesmos.

A cena começa e se desenrola, em sua totalidade, causando tristeza-ódio, principalmente ao bando de Zé Bebelo, ou seja, há, em certo momento, a instauração do mal. Porém, no fim de tudo, mesmo com a perda dos animais, há um momento de paz entre os dois bandos. Entendemos por isso: bem.

O mal que se transformou em bem. É difícil admitirmos que o resultado do trecho acima foi o bem em ação. Pois o que os judas fizeram, inicialmente, aumentou o ódio sentido pelo bando de Zé Bebelo. Mas o que visualizamos no final foi, mesmo que por um pequeno intervalo de tempo, e relativamente, o triunfo do

bem sobre o mal. E esse bem triunfante foi, de certa forma, proporcionado por aqueles que em um primeiro momento idealizaram e provocaram o mal.

Interessante anotarmos que essa noção de bem e mal percebida acima tem uma relação muito forte com o pensamento spinosiano. Mesmo que Spinoza desenvolva sua teoria sobre o bem e o mal fora de uma plataforma metafísica, totalmente baseado na razão, ou seja, sem essa figuração presente no romance, relacionando-se o bem a Deus e o mal ao diabo, ele consegue encontrar abrigo nas linhas de *Grande Sertão: veredas*, de forma a que as duas produções esclareçam-se mutuamente.

Afirmamos isso tendo em mente que para Spinoza (2009, p. 158) o bem é tudo aquilo que resulta em algo útil, e mal, o contrário disso. A cena da dizimação dos cavalos inicia-se com a ação da “pura maldade” (GSV, p. 340), ou seja, algo extremamente inútil estava sendo feito. E isso analisado em última instância, pois não de argumentar que o que foi feito era útil para os judas, o que no final se demonstra inverdade. No fim, algo de útil foi feito, pois “carecia de alguém ir, para, com pontaria caridosa, em um e um, com a dramada deles acabar, apagar o centro daquela dor.” (GSV, p. 341). E essa pontaria caridosa, ou seja, cheia de amor, foi obra dos judas. Os judas, mesmo iniciando a cena com a pontaria cheia de ódio, terminam com as mesmas armas cheias de amor, executando, assim, o bem a todos os envolvidos nesse episódio.

O conceito dos Afetos, em Spinoza

Um conceito muito importante para os nossos estudos é o conceito de “Afetos” desenvolvido por Spinoza. Mas antes de fazermos algumas anotações sobre esse conceito, precisamos compreender a maneira que Spinoza entende o corpo humano e a mente humana. No escólio da proposição 2 do livro 3, ele afirma:

Que a mente e o corpo são uma só e mesma coisa, a qual é concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão. Disso resulta que a ordem ou a concatenação das coisas é uma só, quer se conceba a natureza sob um daqueles atributos, quer sob o outro e, conseqüentemente, que a ordem das ações e das paixões de nosso corpo é simultânea, em natureza, à ordem das ações e das paixões de nossa mente. (SPINOZA, 2013, p. 100)

Spinoza afirma que nossas ações dependem da ação tanto da mente, quanto corpo simultaneamente. O que quer dizer que, para ele, aparentemente, nenhum dos dois teria o controle sobre o outro. Para ele o corpo não domina a mente, a qual não domina o corpo. Para isso ele se vale da experiência humana, a qual prova que os sonâmbulos fazem coisas durante o sono que, quando acordados jamais pensariam em fazer.

Ele argumenta, dizendo que a nossa mente, enquanto estamos dormindo, repousa. Mas mesmo assim os sonâmbulos têm ações e dirigidas por quem? O filósofo está querendo nos dizer que o nosso corpo não está refém de nossa mente. Que ele, o corpo, pratica ações independentemente de ter recebido ordens da mente ou não. Para Spinoza há uma equivalência entre corpo e mente, ou melhor dizendo, não há uma supremacia de um sobre o outro.

O filósofo sustenta essa argumentação e escreve uma das frases mais importantes do livro *Ética*: “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo” (SPINOZA, 2013, p.10). A impressão que essas suas ideias nos passam não é de que o corpo é superior à mente, nem de que a mente humana é superior ao corpo. A sensação que temos que ele quer nos mostrar a igualdade que tem tanto um , quanto outro. E quando um é afetado, imediatamente o outro também é. Para que falemos um pouco sobre os afetos, era necessário que falássemos um pouco sobre a noção que Spinoza tinha sobre corpo e mente e sobre a unidade que eles representam nas ações e nos acontecimentos de nossa vida. Segundo o autor:

[...] a decisão da mente, quanto o apetite e a determinação do corpo são, por natureza, coisas simultâneas, ou melhor, são uma só e mesma coisa, que chamamos decisão quando considerada sob o atributo do pensamento e explicada por si mesma, e determinação, quando considerada sob o atributo da extensão e deduzida das leis do movimento e do repouso [...] (SPINOZA, 2013, p.103)

Spinoza reitera que os que pensam que falam, calam, andam, trabalham e fazem qualquer outra pela livre decisão da mente, e que é a mente que decide o que o corpo deve fazer e que o ele não deve fazer se enganam. Assim, parece o filósofo quebrar um paradigma que afirma que a mente manda e que o corpo obedece. Ele coloca os dois em um mesmo patamar de importância e faz com que eles, o corpo e a mente, tentem agir e reagir em harmonia. Porém, ele prova que isso nem sempre acontece, quando afirma que:

[...] fazemos muitas coisas das quais, depois, nos arrependemos, e que, frequentemente, quando somos afligidos por afetos opostos, percebemos o que é melhor, mas fazemos o que é pior, nada os impediria de acreditar que fazemos tudo livremente. Assim, uma criança acredita apetecer, livremente, o leite; um menino furioso, a vingança; e o intimidado, a fuga. Um homem embriagado também acredita que é pela livre decisão de sua mente que fala aquilo sobre o qual, mais tarde, já sóbrio, preferia ter calado. Igualmente, o homem que diz loucuras, a mulher que fala demais, a criança e muitos outros do mesmo gênero acreditam que assim se expressam por uma livre decisão da mente, quando na verdade, não são capazes de conter o impulso que os leva a falar. (SPINOZA, 2013, p.102)

O que Spinoza quer nos mostrar é que nem sempre nossa mente está no comando das ações da nossa vida. Parece, nas entrelinhas, que o filósofo afirma que nosso corpo tem uma vontade própria a despeito da vontade de nossa mente. Mas acreditamos que o que ele quer nos mostrar é que nem sempre a mente tem o domínio dos órgãos do nosso corpo, o qual pode, às vezes, agir e reagir por conta própria. E é nesse momento de revolta do corpo sobre a mente, que o autor nos apresenta uma palavra: arrependimento. A impressão que nos dá é que o corpo se revolta contra a mente, age por conta própria, porém depois, debaixo do uso da razão, o corpo reconhece que agiu e que reagiu de forma estúpida. Entendemos que o autor deseja simplesmente nos provar que nem sempre é a mente que tem o domínio sobre as ações do corpo humano.

É impossível não perceber a intertextualidade existente entre as palavras do filósofo com o raciocínio, desenvolvido pelo apóstolo São Paulo sobre este tema: mente *versus* corpo, com aquilo que Spinoza está nos propondo, qual seja: nem sempre é a mente do homem que controla as ações do seu corpo. Pois o filósofo afirma que muitas vezes fazemos o pior, mesmo sabendo o que é o melhor. Nas palavras do apóstolo São Paulo, podemos observar que é exatamente disso que ele está falando:

Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim. No íntimo do meu ser tenho prazer na lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo sujeito a esta morte? (BÍBLIA, Romanos 7: 18-24, 2003)

O apóstolo Paulo já se via em luta, muitos séculos antes da existência de Spinoza. O corpo contra a mente, a qual se embate contra o corpo. Essa dicotomia existente na vida humana é retratada não só em textos religiosos ou filosóficos, mas também na literatura, através de romances, de poesias... A ideia que temos, ao lermos as palavras do autor bíblico, é que o corpo carrega uma carga negativa em si mesmo, tendendo sempre para o que é mal, a que Paulo chama de pecado.

Isso mostra que, mesmo a mente de Paulo, a que ele chama de “ser”, tenha prazer na lei de Deus, ele se vê preso a ações contrárias às quais sua mente aprova e busca. O corpo do apóstolo realiza coisas contrárias ao que sua mente acredita ser o correto, de acordo com a lei divina. Parece-nos que o que Spinoza afirma tem a ver com o que o apóstolo dos gentios vivia já há muito tempo. O apóstolo Paulo, na sequência do texto encontra a solução na fé em Cristo.

Para Spinoza, uma causa adequada é “aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma” (SPINOZA, 2013, p. 98) e uma causa inadequada é “é aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só” (SPINOZA, 2013, p. 98). Ele ainda afirma que “agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos causa adequada.” (SPINOZA, 2013, p. 98). Ou seja, quando podemos entender o efeito daquela ação que realizamos. Por outro lado, ele diz que padecemos quando “em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos a causa senão parcial.” (SPINOZA, 2013, p. 98).

Por Spinoza ser um filósofo racionalista, entendemos que ele propõe o que foi descrito acima. Pois para ele, o modelo ideal de homem é aquele que tem domínio sobre suas ações, causas e efeitos. Porém ele reconhece que o ser humano não consegue sempre dominar aquilo que faz ou intenta fazer. Muitas vezes, o ser humano age de maneira adequada (de acordo com a definição acima), pois consegue perceber nos efeitos as causas de suas ações. E, muitas vezes, age e reage de forma inadequada ou parcial, pois não consegue entender os efeitos das ações praticadas por si próprio, padecendo então.

Os afetos pelos quais o homem é tocado são muitos e de variadas formas. Por afetos, Spinoza entende:

[...] as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Assim, quando podemos ser a causa adequada de algumas dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (SPINOZA, 2013, p. 98)

Nossa potência de agir, segundo o pensamento spinoziano, pode ser aumentada ou diminuída conforme nosso corpo é afetado por diversos tipos de afetos e afecções. Esses afetos podem ser ações, pensamentos, imagens, sensações sinestésicas, lembranças etc. Para exemplificar de maneira prática como podem os fetos causar mudanças no ser humano, lançamos mão de algumas proposições do próprio filósofo. A primeira proposição é a Proposição 16 da terceira parte.

Simplemente por imaginarmos que uma coisa tem algo de semelhante com um objeto que habitualmente afeta a mente de alegria ou de tristeza, ainda que aquilo pelo qual a coisa se assemelha ao objeto não seja a causa eficiente desses afetos, amaremos, ainda assim, aquela coisa ou a odiaremos. (SPINOZA, 2013, p. 110)

É quase impossível não nos lembrarmos do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ao lermos essa proposição de Spinoza. Quando o próprio narrador tem um sentimento de ódio pelo filho, pois este se parece muito com Escobar. Isso faz com que Bentinho tente envenenar o próprio filho, mesmo este não sendo a causa efetiva da afecção que se estabelece em Dom Casmurro. Fica fácil perceber que o ser humano, quando afetado por imagens, objetos, toques, cheiros, sons tem em si um efeito. Esse efeito, muitas vezes é adequado, e outras vezes não. O que queremos afirmar é: às vezes sabemos por que estamos sentindo o que sentimos; outras, não.

Quando em nós abrigamos, ou melhor, deixamos pousar afetos que são causa de tristeza; sofremos, padecemos. Quando, pelo contrário, damos guarida a afetos que aumentam a nossa potência de agir, podemos experimentar a sensação de alegria, ao mesmo tempo em que podemos desenvolver formas de agir que proporcionam a nós mesmos um modo de viver mais completo, efetivo e feliz.

CAPÍTULO 3: BEM, MAL E ÉTICA EM *GRANDE SERTÃO*

Riobaldo, experimentado pela vida, conta sua história a um interlocutor-hóspede de sua casa. Interessante perceber que o ponto de vista que Riobaldo assume nessa conversa é o de uma superioridade sobre esse doutor vindo da cidade. Trata-se de uma superioridade arrogante, orgulhosa, pois o narrador demonstra que conhece aquele sertão e tem muita propriedade no que diz.

No começo do seu relato, ele admite que queria ser igual ao interlocutor: estudado e culto. Riobaldo deixa claro que quem tem estudo é digno de respeito, de admiração. Ele afirma: “Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração.” (GSV, p. 14). E por isso o narrador exalta a figura do interlocutor, afirmando que este deve possuir a resposta para uma indagação que aquele tem e que até certo ponto o incomoda. No entanto, não podemos nos enganar quanto ao tom adotado pelo narrador, pois ele assenhora-se de suas próprias dúvidas, a ponto de, em muitos momentos, suas perguntas terem apenas efeito retórico.

Ao mesmo tempo em que Riobaldo exalta a cultura do outro, ele vai narrando todas as histórias vividas por ele mesmo de um lugar mais alto. Podemos entender que ele quer dizer algo mais ou menos como “do sertão eu entendo, da vida eu entendo” e por isso assume o papel de professor na conversação. Isso se dá não só pelos ricos detalhes narrados de todos os lugares por onde ele passou, mas também pelas inúmeras máximas-conclusivas colocadas no decorrer de seu discurso. E se não fosse a indisposição de saúde, ele mesmo seria o guia na caminhada do culto interlocutor: “Não fosse meu despoder, por azias e reumatismos, aí eu ia. Eu guiava o senhor até tudo” (GSV, p. 26).

Riobaldo passa a nós, leitores, a impressão de se fazer de rogado, mas na verdade quem é o professor nessa conversa é ele: afinal de contas, ele viveu tudo aquilo. Muitas vezes aparecem no seu relato alguns imperativos direcionados ao interlocutor como: “O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.” (GSV, p. 27).

Riobaldo tem uma curiosidade imensa sobre a existência ou não do diabo, e se com ele se pode realizar pacto. Ele afirma que o:

diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que eu digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. (GSV, p. 10)

Percebemos que o narrador vai afirmando muitas vezes que crê na existência do diabo, porém a ideia que temos é que ele não quer que o diabo exista. Que o diabo exista por si só. Ele acredita que o diabo existe e que executa o mal através das ações humanas. Para Riobaldo, o mal faz parte da condição humana. O mal está (pode estar) dentro do ser humano. Talvez por isso ele afirme ao fim de sua narração que “Existe é homem humano.” (GSV, p. 608). Riobaldo deixa claro que a maldade está no sertão, ele vê isso acontecendo o tempo todo. Não só pelas atrocidades que os bandos de jagunços promovem nos sertões dos Gerais, de Goiás e da Bahia, mas ele percebe essa maldade nas atitudes das pessoas comuns e isso fica evidente pelas histórias que ele narra ao interlocutor.

Destaca-se no raciocínio de Riobaldo a constatação de como se configura a maldade humana e a estranha contradição em que ela aparece e se realiza, ou seja, seu caráter misturado e ambíguo. Ele diz que “Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai e é bom amigo-de-seus-amigos! Só que tem os depois – e Deus, junto.” (GSV, p. 12).

Aleixo e os meninos

E para ilustrar esse paradoxo da maldade / bondade aliadas e partindo, aparentemente, de uma mesma fonte, ele conta a história de um tal de Aleixo, que matou um velhinho “só por graça rústica” (GSV, p. 12). Matou por matar. Fez o mal pelo mal mesmo. De ruindade pura. Parece que o diabo dentro do Aleixo o incitou a fazer isso, pois pelas palavras de Riobaldo, percebemos que ele, o diabo – a figura do mal neste romance - vige dentro do ser humano. Mas dentro dessa ética riobaldiana, percebemos que Deus – a figura do bem neste romance - está junto, o que significa que Ele vê tudo.

Menos de um ano após o assassinato do velhinho, os três filhos de Aleixo e a filha caem adoecidos de um sarampão, e em questão de dias estão cegos. O que causa uma indignação em Riobaldo. Pois está claro que, no escopo da narrativa, que Deus castigou Aleixo, fazendo com que seus filhos ficassem cegos. O

interessante é que depois da desgraça que vem sobre Aleixo e sua família, ele volta-se para Deus:

O Aleixo não perdeu o juízo; mas mudou: ah, demudou completo – agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece que até ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. (GSV, p.12)

Podemos perceber nesse movimento de mal – castigo – conversão – a manifestação do bem, uma dinâmica que Riobaldo identifica. Ele, através dessa história, nos mostra um pouco da sua crença com relação às más atitudes humanas que podem resultar em bem. Ele mesmo, Riobaldo, fica indignado, porque as crianças de Aleixo é que tiveram que ser o preço para a conversão do pai.

Entendamos melhor essa dinâmica. Aleixo assassina um velhinho, o que pode ser a configuração do mal em ação. Os filhos de Aleixo ficam cegos. E agora? Podemos falar que isso é bom ou mal? Para nós, que já sabemos o fim dessa história, podemos falar que foi bom e mal. Foi bom porque Aleixo mudou o seu modo de viver: de alguém maldoso, passou a ser bondoso. Mas nós ficamos pensando o tempo todo nas crianças. Quer dizer que o mal delas era necessário para que o pai mudasse? A cegueira física dessas crianças inocentes era necessária para que o pai pudesse ter a visão moral e ética clareada para as questões da vida? Então a dinâmica do bem está submetida ao mal?

O elemento que mais pesa nessa ilustração dada por Riobaldo é que o diabo (o mal) fez aquilo que sabe fazer: destruir. E Deus, que parece ser o causador da vingança do velhinho nos filhos de Aleixo, executou o mal e o bem: cegou as crianças e transformou Aleixo em um homem bom. Será que podemos afirmar que o fato de as crianças ficarem cegas seria um mal menor para um bem maior, qual seja, a redenção de Aleixo? Ou o mal nunca vem sozinho? Assim como o bem também não se manifesta em seu estado puro. O bem ou o mal no plano humano só existem misturados.

O compadre de Riobaldo, Quelemém, tem uma teoria sobre essa discussão, e para Riobaldo, mesmo que transitoriamente, vale acreditar nisso e até sente-se mais consolado, aqui, pelo espiritismo, visto que para ele, quando o assunto é religião, afirma: “Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio...” (GSV, p. 16). Compadre Quelemém diz:

Que, por certo, noutra vida revirada, os meninos também tinham sido os mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar. Senhor o que acha? E o velhinho assassinado? – eu sei que o senhor vai discutir. Pois, também. Em ordem que ele tinha pecado de crime, no corpo, por pagar. Se a gente – conforme compadre meu Quelemém é quem diz – se a gente torna a encarnar renovado, eu cismo até que inimigo de morte pode vir como filho do inimigo. (GSV, p.13)

Pedro Pindó

Outra passagem significativa em que o mal se apresenta na narrativa é a história de Pedro Pindó. O filho deste, um menino de uns dez anos, desde pequeno gostava de praticar maldades “Em qual que judia, ao devagar, de todo bicho ou criaçãozinha pequena que pega” (GSV, p. 13). Uma vez cortou, com um caco de garrafa, a perna de uma crioula benta-bêbada. Puras artes de malvadezas praticava o menino, tanto o que ele mais gostava de ver era sangrarem galinha e esfaquearem porco.

Certa vez, Riobaldo ouviu do próprio menino: “Eu gosto de matar” (GSV, p. 13). Por saber da conduta do menino, Pedro Pindó e a esposa castigavam o filho violentamente. A ideia principal que temos é a de que os dois, pai e mãe, só queriam “arrumar” a conduta do menino; endireitar suas atitudes. E para consertarem esse mal na vida do garoto, eles começam a usar de uma violência desproporcional com uma duração de tempo muito grande nos castigos. Isso tudo vemos pela ótica de Riobaldo, o qual afirma, com muito dó “A gente sabe, espia, fica gasturado.”(GSV, p. 13). Acontece que os pais desse menino...

Arre, que agora, visível, o Pindó e a mulher se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquim foram criando nisso um prazer feio de diversão – como que regulam as sovas em horas certas confortáveis, até chamam gente para ver o exemplo bom. (GSV, p. 14)

Outra vez percebemos a seguinte dinâmica: mal - ações do menino, bem - a correção dos pais, que a princípio figurava como algo aceitável, mas que tem uma consequência inesperada: o prazer de bater, sem causa aparente agora após longas sovas, no menino indefeso que já se demonstra doente. Os pais, querendo fazer o bem, deixaram-se carregar para o outro lado: o prazer de ver o menino sofrer – mal. Então para Riobaldo, o mal nem sempre é mal, e o bem nem sempre é bem.

Mais uma vez aparece a explicação religiosa para as surras que o menino levava: em outra vida, ele foi malvado e agora estava pagando por seus atos. Mas

interessante é pensar no fato de que esse menino, tanto na outra possível vida como nesta agora foi mau.

É interessante pensar também em como Riobaldo negocia com esse pensamento, aceitando-o de forma transitória, como se fosse um consolo temporário para testemunhar o mal, mesmo sentindo pena das pessoas que sofrem, ele argumenta que elas necessitam pagar o possível mal que realizaram outrora, em outro tempo.

Percebemos que, para Riobaldo, o bem pode se transformar em mal, assim como o mal pode se transformar em bem. Ele parece não acreditar em um bem absoluto, proveniente das pessoas. Pois as pessoas são mutáveis. Percebemos na leitura do romance que Riobaldo crê, sim, que Deus é a fonte de todo o bem, mas que pode se utilizar do mal, também, para que o bem possa aparecer de um jeito diferente. Aparecer de um jeito maior.

Tendemos também a pensar que Riobaldo vê o diabo como sendo sempre o mal. Que usa o mal para executar sempre maldades e nunca redundando em bem. O mal que resulta em bem sempre vem da parte de Deus, o qual visa sempre um bem maior como resultado de um mal menor. Embora isso aos olhos de Riobaldo pareça injusto. E é nessa equação que Deus e o diabo se misturam na sua reflexão.

O ser humano aparece como um cumpridor apenas. Não só do bem e do mal, mas também de coisas que aparentemente não são boas nem ruins. A visão que Riobaldo tem do ser humano é uma visão de ser humano em construção. Para isso, o narrador faz afirmações tais qual: “O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.” (GSV, p. 23).

É muito importante, para a leitura do texto como um todo, essa visão de mundo que Riobaldo nos passa com relação à construção da subjetividade do ser humano.

Mudanças ocorrem no meio da travessia

Para Riobaldo, as pessoas nunca permanecem as mesmas: estão sempre diferentes. Ele narra isso tudo ao interlocutor em um momento de sua vida que, após

anos remoendo, pensando, refletindo, indo e vindo com seus pensamentos, pode ter um pouco mais de certezas, ou um pouco menos de incertezas, sobre o que pode ser e se tornar a caminhada dos seres humanos nessa travessia chamada vida. Mas o que ele entende da vida e dos seres humanos com suas atitudes é que nada permanece igual. Para ilustrar essa afirmação, leiamos o que diz Riobaldo, em uma das passagens-lições mais belas sobre a subjetividade humana constante deste livro:

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (GSV, p. 35)

Permitimo-nos aqui uma anotação entre texto literário e texto teórico-filosófico. Um encontro intensivo que podemos visualizar neste momento entre linhas de força, sobre as quais Deleuze & Guattari nos falam, e entre a belíssima metáfora, proposta por Rosa. Podemos visualizar essa travessia como sendo uma figura metafórica de nossas próprias vidas. O rio é o tempo; a travessia, nossa existência no tempo.

O rio, de qual Riobaldo fala, seriam, também, as circunstâncias que nos são propostas durante a travessia dele mesmo, do rio e dela mesma, da vida. Pois se o rio faz parte dessa travessia, já sendo a própria travessia concretizada, podemos entender que é no rio, que é durante a travessia, que as coisas se dão. Ou seja, durante a travessia, as linhas de forças – molar, molecular e de fuga - nos atravessam, fazendo-nos mudar de direção. Ou mesmo nos fazendo estacionar no meio do rio entre uma margem e outra. Mesmo que possamos enxergar o outro lado da margem, o lugar de destino, normalmente, se dará em lugar diferente do que imaginávamos.

Mesmo que a nossa intenção seja apenas atravessar o rio de um lado a outro, em linha reta, temos que levar em conta a força que o rio exerce sobre nós. O rio vai nos fazer mudar. Uma vez estando no rio, nada se torna ou permanece igual. O rio, ao mudar constantemente, tenderá, definitivamente, a provocar mudanças naqueles em que nele estão imersos. As coisas que acontecem em nossa vida durante a travessia vão agir sobre nós de tal forma que nosso destino será mudado. Se para melhor ou para pior não se sabe. Mas de uma coisa podemos ter a certeza: essa

travessia não será em sentido linear; forças molares, movimentos moleculares, sentidos de fuga irão manifestar-se e alterar o curso previamente pensado. Estar no tempo é estar sendo atravessado pelas linhas que operam o acontecimento.

Essa travessia não será previsível, pois as forças que nos atravessam o tempo todo farão com que mudemos de posicionamento em muitos momentos. Nossa linha dura de vida, a linha molar, ou seja, aquilo que está sedimentado em nossa travessia, será o tempo todo atravessado pelas linhas de força molar, molecular e de fuga. Não podemos pensar que viver é algo exato. A vida muda constantemente. “A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas do Siruiz. Tem as caras todas do Cão, **e as vertentes do viver.** (GSV, p. 504 – grifo nosso). Riobaldo diz que “A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação – porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.” (GSV, p. 461).

E o que há de mais belo nisso tudo, é que poderemos perceber, em nossa própria vida a presença da filosofia e da literatura juntas, revelando modos de percepção de como se dão as coisas do viver. Durante nossas vidas, durante nossa travessia, fazemos planos, traçamos metas, desenvolvemos objetivos. Temos, aparentemente, tudo delineado, em um *script* perfeito. Olhamos para o outro lado da margem, que é o lugar do nosso destino e nos atiramos ao rio. Começamos a nadar. E sem ao menos perceber, já nem conseguimos visualizar com tanta clareza aquele alvo para o qual nos lançamos a percorrer.

Há forças nos envolvendo. Há forças nos impelindo para outros lugares. Cabe a nós a mudança de direção? Será que no rio, durante a travessia, nós não conseguimos enxergar a margem oposta de um jeito melhor? Não sabemos. O que será que mudou? Será que não era o alvo certo para a nossa vida? Será que não vimos claramente que aquilo não era bem o que queríamos? Na verdade, o alvo até poderia ser o correto. O lado contrário da margem do rio que visualizamos para onde pensávamos ir está lá. Mas por que então é que chegamos do outro lado da margem, em um lugar tão distante, tão além (ou aquém) do qual pensávamos chegar? Será que não foi melhor chegarmos aonde chegamos? Não sabemos. Saberemos?

Anotações sobre *A terceira margem do rio*

O rio, a travessia, o tempo gasto entre a partida e a chegada, as experiências vividas entre o momento que iniciamos a jornada e o momento do fim parcial da viagem é que são importantes. Pois atravessaremos vários rios, durante a travessia maior que é a nossa existência. Podemos afirmar como Riobaldo: as pessoas estão mudando é na travessia.

E justamente nesse ponto não podemos deixar de mencionar e de dialogar com outro conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*, texto muito representativo sobre a temática de que tratamos nessa altura do trabalho, e que poderá nos ajudar a visualizar de maneira prática, as linhas de força em ação na vida dos personagens. Para isso, lançaremos mão de um resumo do texto, que faz parte de um trabalho maior intitulado *A melancolia em “A terceira margem do rio”*, elaborado por Jaime Ginzburg, o qual foi publicado no Seminário Internacional Guimarães Rosa – 1998 - 2000.

O ponto de partida de “A terceira margem do rio” é uma decisão de um pai, de mandar fazer uma canoa, em que cabia apenas um remador. Ele resolve dizer adeus à família, sem deixar claras as razões pelas quais faz isso. A mãe do personagem-narrador, diante da situação, diz ao companheiro: “Ce vai, ocê fique, você nunca volte!”. O filho pergunta a ele se pode ir junto, e este o abençoa, depois entra na canoa e vai embora. E o pai, como se seguisse a determinação da mãe, não volta. De acordo com o narrador: “Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais...”. Surgem hipóteses a respeito de motivos pelos quais ele teria agido assim, de loucura e de doença a pagamento de promessas. O filho resolve deixar mantimentos regularmente para o pai, em uma pedra de barranco, para garantir sua subsistência. A mãe tenta, de várias maneiras, reverter a situação, inclusive com a ajuda de um padre, mas não consegue. Diante disso, o narrador diz: “A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas que, com aquilo, a gente nunca se acostumou, em si na verdade”. O pai lá permanece, semanas, meses, anos... A família passa a silenciar o assunto, sem falar mais dele. Depois que a irmã do narrador tem um filho, ergue-o junto ao rio para mostrar ao pai, e este não aparece. Então, aos poucos, a família se desintegra. Os irmãos se vão, a mãe se vai, e o narrador permanece junto ao rio. E começa a envelhecer, percebe os “primeiros cabelos brancos”. Um dia ele tem a ideia, tenta se aproximar do pai, e anuncia que tem a vontade de tomar o seu lugar. Então, o pai fica em pé, e movimenta-se na direção do filho. É o seu primeiro gesto visto em muitos anos. O narrador, diante da margem, treme, e corre, “porquanto que ele me pareceu vir: da parte do além”. (VEREDAS, 2000, p. 285-286)

Embora o conto tenha seu foco maior sobre a ação inusitada daquele pai de família, gostaríamos de analisar as linhas de força que agem na vida dos

personagens que ficam em terra firme. Baseado na linha de fuga do pai, o ato de construir uma canoa e no meio do rio permanecer sem subir, nem descer, nem atravessar, nem retornar, veremos as linhas de força que agem nos integrantes da família.

Inicialmente vemos uma família básica estruturada: pai, mãe, dois filhos e uma filha vivendo uma vida aparentemente normal: trabalhando na roça e subsistindo à beira do rio. Podemos afirmar que a linha dura de vida de todos ali está aparente, pois todos “cumprem” com seus papéis de vida. Estão vivendo sem perceber que linhas de força atravessam a vida do pai. Essas forças molares, que agem na vida desse homem não são explicadas no texto, e não temos a intenção de especular sobre os motivos que o levaram a optar pela linha de fuga, mas focaremos no que se dá a partir de então. Como agem cada integrante da família diante da decisão do pai?

Pensemos na filha dele. Ela, apesar de toda tristeza vivida pela decisão do pai, (essa tristeza fica clara no texto) decide tocar sua vida em diante. Ela opta por seguir a travessia da vida, pois casa e tem um filho. Uma nova linha dura de vida começa a ser talhada. Ela aceita, aparentemente, a decisão do pai, porém não vive a vida do pai. Fica muito claro o respeito que ela tem pelo pai, tanto que quando o filho dela nasce, ela faz questão de ir até o rio, e num gesto comovente que mais se parece ao de uma oferta aos céus, como se consagrasse o filho, ela o levanta, oferecendo-o ao pai. Porém, este não a recebe, nem ao neto.

Sobre o outro filho, pouco sabemos pois o narrador apenas nos conta que foi embora. Deixou a casa. Decidiu viver sua vida longe daquelas imagens e possibilidades iminentes. Da imagem do rio, que levava o pai; da imagem mental do pai que poderia voltar, ou não. Ele decide não esperar a vida passar, pelo contrário, se lança no rio, uma metáfora da vida e de suas infinitas oportunidades.

A mãe do narrador, mulher daquele homem que decide construir parte de sua vida no meio do rio, vai-se dali também. Talvez a pessoa mais indicada para tentar reverter a situação vivida por aquele homem desiste de criar uma nova linha de vida depois da linha de fuga experimentada pelo marido. Afinal de contas, uma nova linha se apresenta a ela, uma linha de fuga também: partir daquele lugar para sempre. E ela vai embora.

Quem fica vivendo ali e cuidando do pai, como uma espécie de âncora deste, é o narrador da história. Com a decisão do pai, a vida do filho foi totalmente afetada.

Ele vive agora em função do pai. Não casou, não teve filhos, não viajou, não se mudou, não se apartou, não se moveu dali durante a vida inteira. Até o aparecimento dos primeiros fios de cabelo branco. O que faz esse filho honrar tanto a esse pai a ponto de dedicar sua vida inteira a ele? Pelo menos parte da sua vida, pois sabemos que ele vai embora também. Uma nova linha dura de vida começa a ser talhada para ele após a decisão do pai. Porém forças o atravessam durante a jornada. Entendemos dessa forma, pois ele tem a firme intenção de ocupar o lugar do pai naquela canoa no meio do rio. Mas percebemos também que outros vetores o forçam a tomar a decisão que tomou no final do conto: a decisão de partir. Ir embora também. A intenção era uma, mas a ação foi outra diante da possibilidade de ter de ocupar o lugar do pai.

Uma boa forma de entender que esse filho resolveu não ocupar o lugar do pai, ou melhor, não conseguiu ocupar o lugar do outro durante a vida, talvez seja percebendo que cada um tem um destino e um propósito. Podemos nos apegar a essa interpretação. O destino do filho era diferente do destino do pai, e vice-versa. Não há como ocupar o lugar do outro, quando o nosso próprio lugar deve ser ocupado por nós mesmos. Não podemos perder de vista que em última análise, a vida desse filho foi impactada profundamente pela existência do pai. Ele foi marcado pelas decisões do pai, ele sofreu consequências pela atitude tomada pelo pai em vida. Mas o que ele não pôde foi carregar o fardo do pai, ocupando o seu trabalho naquela canoa. Pois isso era trabalho do pai e não do filho.

Talvez o filho muitas vezes se viu ocupando o lugar do pai. E voltamos àquela ideia descrita acima de que traçamos alvos e metas na vida, porém o rio nos carrega para um lugar diferente daquele que imaginávamos. Porém o filho tem um desejo após sua morte: ser lançado no rio, que nesse momento simboliza uma figura de eternidade. O filho se encontra com o pai na eternidade do rio. E sobre essa eternidade, o próprio Guimarães Rosa diz: “Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.” (Fortuna Crítica, p. 72).

Desejo de liderança e o pacto

E é por meio dessa perspectiva de mudança constante que o enredo do texto se desenvolve. Pois ora Riobaldo está ao lado de um bando de soldados, com Zé

Bebelo, por exemplo, ora está do lado daqueles que antes eram seus inimigos mortais, e Zé Bebelo o acompanha como chefe. Riobaldo se questiona sobre isso. Ele demonstra até mesmo uma crise de identidade em certo ponto da narrativa, quando Zé Bebelo, o qual liderava jagunços e soldados, representantes da ordem e da lei, é capturado e está sendo julgado. Cada líder do bando de Joca Ramiro, bando ao qual Riobaldo pertence neste momento da narrativa, dá sua opinião sobre o que fazer com Zé Bebelo.

Neste episódio do julgamento de Zé Bebelo, Riobaldo ouve e avalia a opinião de cada um dos jagunços e identifica, no meio desse bando único, vários bandos menores que se formam. Pois cada líder que fala exerce uma influência sobre vários liderados dentro do bando maior. E ele, durante o julgamento, percebe o que dizem e em certo momento do julgamento, após a fala do líder Titão Passos, ele reflete: “De que bando eu sou?” (GSV, p. 270). E afirma na sequência “Vi que de nenhum” (GSV, p. 270).

Lembremos sempre que Riobaldo sabe de toda a história que conta, ele já sabe o fim de tudo, por isso pode afirmar que não pertencia a bando nenhum, o que nos passa a ideia de independência, de certeza. Mas na verdade, ele vive, no instante do julgamento, diante de um momento em sua vida de grande dúvida. Pois ele está com Diadorim no bando de Joca Ramiro, debaixo das ordens de Hermógenes; e ao mesmo tempo tem grande apreço por Zé Bebelo. Riobaldo sabe que no final de tudo, ele sempre esteve é do lado de Joca Ramiro. Porém, nesse momento da travessia, ele se encontra atravessado por várias forças. Mas a maior de todas elas, sobre a qual podemos afirmar que se constituiu dentro do romance como a maior linha de fuga que ele teve, foi Diadorim.

Ele tem uma intenção clara, ao colocar para o seu interlocutor, todos esses conceitos no início da narrativa, pois ele, Riobaldo, foi alguém que mudou muito na vida. A intenção de Riobaldo, talvez não seja demonstrar sabedoria apenas, pois não podemos nos esquecer de que ele está em um lugar, dentro desse discurso todo, privilegiado.

O narrador-protagonista é alguém que tem o controle da voz que fala e que ensina. Mas, sobretudo, ele está em uma posição confortável, pois sabe como tudo acabou nessa história, ou nessas histórias. Ele é o mestre. Mas é mestre porque viveu e aprendeu e agora pode guiar o interlocutor. Quando ele fala que as pessoas fazem coisas más, que as pessoas mudam, não é à toa. Ele está querendo, até

certo ponto, se autodefender e justificar tudo o que ele mesmo fez na vida. Suas dúvidas são relacionadas ao sentido que suas ações podem ter. Será que foram más ações ou boas ações?

Na sua vida houve muita coisa, que pode ser reprovada pelo interlocutor, caso este não seja orientado de antemão a ver tudo o que aconteceu através do filtro do olhar de Riobaldo. Ele, Riobaldo, já sabe o que fez na vida. A vida dele foi uma vida de indecisões profissionais, uma vida de filiação/criação bastarda, uma vida de amores descomprometidos, uma vida de um amor impeditivo com Diadorim, uma vida carregada de assassinatos, uma vida desalmada, pois Riobaldo se debate com a possibilidade de ter negociado sua alma com o diabo.

Riobaldo descreve uma de suas ações de guerra contra os Bebelos (GSV, p. 201 - 216). Ele estava, nesse momento, a serviço de Joca Ramiro, debaixo das ordens de Hermógenes. Durante essa descrição feita ao interlocutor, ele deixa transparecer que os assassinatos que estava prestes a cometer nada mais eram que o cumprimento do destino, da sina. Aquelas pessoas que morreriam, só iriam morrer porque era a hora delas. Aparentemente, Riobaldo não quer assumir a sua culpa pelas mortes que promoveria. E que promoveu. Ele reafirma nesse trecho que está apenas cumprindo ordens de Joca Ramiro e de Hermógenes. “Eu era assim: eu ia indo, cumprindo ordens; tinha de chegar num lugar, aperrar as armas; acontecia o seguinte, o que viesse vinha; tudo não é sina?” (GSV, p. 204).

Isso quer dizer que essas mortes não deveriam ser colocadas na conta dele, de Riobaldo, mas sim na dos seus chefes. E ele diz mais, “Aquelas mortes, que eram para daí a pouco, já estavam na cabeça do Hermógenes. Eu não tinha nada com aquilo, próprio, eu não estava só obedecendo?” (GSV, p. 206). Ele mesmo afirma que matar aquelas pessoas, contra as quais raiva nenhuma ele tinha, não era pecado dele. Não seria um mal causado por ele próprio. A impressão que temos é que ele, ao mesmo tempo não quer se sentir culpado, porém luta com isso, com essa culpa por ter de matar gente humana, pois afirma: “Osgas, que a gente tem de enxotar da ideia: eu para ali para matar os outros – e não era pecado? Não era, não era, eu resumi” (GSV, p. 207).

Riobaldo, nesse momento, era apenas um cumpridor de destinos. Ele estava matando, debaixo de ordens, muitos inimigos, e para justificar que a culpa não era dele, ele diz: “E mais de um, eu etcétera, aí, pelo que sei, pelo que vejo. Mas só aqueles que para morrer estavam com dia marcado. Minto? O senhor releve

ideias. Era assim.” (GSV, p. 212). Não bastasse ele se livrar da culpa das mortes cometidas, afirmando que cumpria ordens de seus superiores humanos, Joca Ramiro e Hermógenes, ele agora se coloca como um cumpridor do destino. Ele matava apenas aqueles que estavam para morrer mesmo. Caso contrário, não morreriam. Por que é que morreram pelas mãos de Riobaldo? Porque estava escrito que naquele momento tinham que morrer. Não era culpa de Riobaldo. Era sina. Era o destino daquele que morria: encontrar-se com uma bala atirada por Riobaldo Tatarana.

Notemos, entretanto, que o relato de Riobaldo tem um caráter especulativo, a necessidade de livrar-se da culpa não encontra pacificação, uma vez que seu relato é cortado por reticências, titubeios, gagueiras, interrupções, marcas de uma dúvida interior, da marca da consciência registrando as mortes alheias como ação própria, como acontecimento promovido pela força de linhas que o atravessaram. Riobaldo gostaria de entender a si como super determinado por forças exteriores – falaríamos aqui nas linhas deleuzoguattarianas – mas Riobaldo sabe a si como parte desse movimento promovido pelas linhas que agem no ser. E aí, ficamos, nós também, com a dúvida: onde o Ser se define como agente puro de uma vontade? As linhas de força nos atravessam e nos levam a dar corpo ao acontecer das coisas. Qual é a nossa culpa? Qual a essência em nós que deveria ser responsabilizada pelo mal, uma vez que o movimento das linhas é indiferente ao código que nos rege racionalmente?

Seria necessário falar aqui em “máquina de guerra”, conceito de Deleuze & Guattari (1995, capítulos 1 e 2 do Volume 3 dos *Mil Platôs*).

A máquina de guerra é o recurso do Ser, é o mecanismo engendrado para fazer frente ao mundo, para agir diante das forças que nos atravessam e, no limite, fazer a linha de fuga. A máquina de guerra de Riobaldo é a sua narrativa, é a sua voz especulativa, interrogativa, confessional e problematizadora da sua vida. Ele enfrenta a culpa, o tempo, a impossibilidade de redimir os seus pecados com a sua capacidade discursiva.

Nesse sentido, em alguns momentos do seu relato, Riobaldo se afirma apenas como um executor do destino, seu modo de lidar com o mal praticado. Apenas isso. Ele não se vê como assassino. A impressão que dá é que ele se vê a si próprio em um lugar acima das batalhas que acontecem naqueles momentos de vida dentro da jagunçagem. Parece que ele se coloca para além das questões

terrenas, das questões políticas que envolvem aquela luta, e questões sobre as quais ele tem conhecimento. Questões políticas. Ele se localiza a si mesmo, juntamente com suas atitudes, seus assassinatos, em um lugar não terreno – mas celeste. Como um mensageiro que traz consigo a derradeira mensagem para aqueles que cruzam o seu caminho, mas não esqueçamos que esse relato é uma construção discursiva. Trata-se de um velho retomando sua vida e a fazendo suportável diante de si e do que tem pela frente.

É evidente que, de certo modo, no instante da narrativa feita, ele quer preparar a mente do interlocutor, fazendo com que este fique do seu lado e aprove a sua maneira de viver; aprove sua maneira de ver o mundo. Afirmamos isso, pois Riobaldo, pelo que ele mesmo nos conta, foi um homem que sempre necessitou da afirmação dos outros. Essa afirmação de que ele precisa fica evidenciada em algumas passagens.

Por exemplo, no momento em que o bando de Joca Ramiro captura Zé Bebelo, julgam-no e libertam-no, há um momento na fala de Riobaldo, enquanto conversa com Diadorim após todo o ocorrido, que não deixa dúvida sobre isso, sobre a necessidade de afirmação. Ele quer a aprovação de Diadorim, e quer que Diadorim reconheça que ele, Riobaldo, foi o responsável pela libertação de Zé Bebelo.

Aí quando eu acabei até à pontinha meu cigarro, ainda perguntei: -“A ver, quem salvou Zé Bebelo da morte?” Diadorim, o que quis me dizer foi em tanto segredo, que ele puxou a beira da minha rede, para a gente ficar quase cara a cara: -“Ah, quem salvou Zé Bebelo de morte? Pois, abaixo de Joca Ramiro, por começar foi ele Zé Bebelo mesmo. Depois, numa ponta do dito de Zé Bebelo, tomou figura Sô Candelário – homem esquipático e enorme de si, mas fiel, e que põe mais de trezentas armas. Cabras que, por um gesto dele, avançam e matam e matam” [...] Eu queria que ele tivesse explicado o fato de outro jeito. (GSV, p. 284)

Riobaldo, aos poucos, vai renunciando sua vontade, seu desejo de se tornar um líder. Quando ele afirma que gostaria que Diadorim contasse diferente sobre a salvação de Zé Bebelo, Riobaldo na verdade quer ouvir, de imediato, da boca de Diadorim as seguintes palavras: “Foi você, Riobaldo, quem salvou Zé Bebelo.” Contudo, Diadorim elogia e exalta a figura dos líderes. E Riobaldo, por mais que tenha tido uma atitude de liderança, ao ordenar que não matassem Zé Bebelo, quando de sua captura, ele não tem, aparentemente e imediatamente, o reconhecimento dessa liderança. Fato que o entristece. Fato que o impele a buscar

se destacar entre o bando, nem que para isso ele tenha que fazer o pacto com o diabo. Nem que para isso ele tenha que recorrer ao mal para alcançar um provável bem: ser líder.

O pacto que Riobaldo estabelece (ou não) com o diabo aparece como um dos fios condutores em toda a narrativa. Disso não há dúvida. Porém esse fio condutor ficaria desacreditado e sem força caso o pacto não tenha se confirmado e se estabelecido? Seria, obviamente, diminuir a obra *Grande Sertão: veredas* se apenas permanecêssemos girando em torno dessa polêmica de que houve o pacto ou de que não houve o pacto. O que podemos afirmar com certeza é que não há manifestação explícita do pacto na hora em que Riobaldo decide ir até certa encruzilhada e lá chega para invocar o demônio. Se fôssemos nos basear em manifestações sobrenaturais, ou sinais físicos evidentes para confirmar a realização do pacto, ficaríamos sem argumentos.

Riobaldo resume assim o final da noite, início de um outro dia já, em que decidiu pactuar com o diabo: “Arte- o enfim que nada não tinha me acontecido, e eu queria aliviar da recordação, ligeiro, o desatino daquela noite.”(GSV, p. 424). Mas, retornemos ao início da “cerimônia” que ele faz questão de cumprir, em atenção a uma tradição corrente entre aqueles que relatam a experiência do pacto com o demônio. Riobaldo descreve que para haver o pacto, o local deveria ter características específicas:

Adjaz o campo, então eu subi de lá, noitinha – hora em que capivara acorda, sai de seu escondido e vem pastar. Deus é muito contrariado. Deus deixou que eu fosse, em pé, por meu querer, como fui. Eu caminhei para as Veredas-Mortas. Vareei a quissassa; depois, tinha um lance de capoeira. Um caminho cavado. Depois, era o cerrado mato; fui surgindo. Ali esvoaçavam as estopas eram uns caborés. E eu ia estudando tudo. Lugar meu tinha de ser a concruz dos caminhos. A noite viesse rodeando. Aí, friazinha. E escolher onde ficar o que tinha de ser melhor debaixo de um pau-cardoso – que na campina é verde e preto fortemente, e de ramos muito voantes, conforme o senhor sabe, como nenhuma outra árvore nomeada. Ainda melhor era a capa-rosa – porque no chão bem debaixo dela é que o Careca dança, e por isso ali fica um círculo de terra limpa, em que não cresce nenhum fio de capim; e que por isso de capa-rosa-do-judeu nome toma. Não havia. A encruzilhada era pobre de qualidades dessas. (GSV, p. 419)

Se para haver o pacto, o local devia ser especial, podemos afirmar que o pacto não houve. Pois nenhuma das “exigências” requeridas, segundo ele descreve, foram observadas. Isso é um sinal que nos leva a descrer no estabelecimento do acordo? Encruzilhada fraca e, ainda mais, debaixo de uma “árvore mal vestida...”

(GSV, p. 420). Outro fator que nos leva a não crer nesse pacto é que seria um pacto entre iguais, como percebemos nas palavras de Riobaldo:

Eu não ia temer. O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim! Quem é que era o Demo, o sempre-Sério, o Pai da Mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue derramável. Viesse, viesse, vinha para me obedecer. Trato? Mas trato de iguais com iguais. Primeiro, eu era que dava a ordem. (GSV, p. 419)

Se o pacto é entre iguais, o que o outro teria a oferecer a Riobaldo? Ele mesmo afirma que se o “cão” viesse, viesse para obedecê-lo. Percebemos que Riobaldo se coloca em uma posição não de subserviência, como alguém que precisa de um recurso, de uma força especial, de um poder sobrenatural dado pelo outro, mas ele assume uma posição de mandante naquela circunstância. Isso tudo nos leva a pensar que, nem ele mesmo coloca muita fé naquilo que poderia receber como favor em troca da sua alma, ou do que quer que fosse lhe pedido em troca.

Riobaldo duvida da existência do diabo, motivo pelo qual ele afirma várias vezes durante a narrativa da não-existência do demônio. E mesmo no momento em que ele se coloca em posição de querer fazer trato com o diabo ele afirma que “Ele tinha que vir, se existisse.” (GSV, p. 420). Esse “se” que Riobaldo coloca em sua fala é típico da consistência de sua própria subjetividade: Riobaldo é indeciso. E mesmo diante de uma provável negociação, ele não acredita na existência do diabo e mais, ele nem sabe o que quer pedir caso o “outro” apareça.

Nem eu pensava em outras noções. Nem eu queria me lembrar de pertencências, e mesmo, de quase tudo quanto fosse diverso, eu já estava perdido provisório de lembrança; e da primeira razão, por qual era, que eu tinha comparecido ali. E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. (GSV, p. 420)

A potência de desejo de força de Riobaldo o leva a afirmar que querer tudo quase equivalia a não querer nada. O que, enfim, ele queria “era ficar sendo” (GSV, p. 420). Mas ele já não era? Entendemos pelo contexto do pacto que Riobaldo quer se tornar líder com a finalidade de conduzir um ataque a Hermógenes para vingar a morte à traição de Joca Ramiro. E está evidente que ele não quer isso, a vingança de Joca Ramiro, por causa de si próprio, mas sim por causa de Diadorim. Mas sabemos que Riobaldo não precisa de um pacto sobrenatural para ficar sendo (entendemos por “ficar sendo”, tornar-se líder, assumir a liderança), ele não precisa

dessa ratificação mística para demonstrar sua liderança, pois desde o início de seu relato, ele nos diz que os outros o viam como líder, apenas para ele mesmo essa condição potencial não era reconhecida.

Tanto é que no momento da morte de Medeiro Vaz, este olha fixamente para Riobaldo como que confirmando-o como o próximo líder. Riobaldo é assinalado por Medeiro Vaz. “(Medeiro Vaz) gaguejou: “- Quem vai ficar em meu lugar? Quem capitaneia?” Com a estrampeação da chuva, os poucos ouviram. Ele só falava por pedacinhos de palavras. Mas eu vi que o olhar dele esbarrava em mim, e **me escolhia.**” (GSV, p. 78 – grifo nosso).

Ora, quem melhor do que Medeiro Vaz para confirmar a liderança de Riobaldo? “Medeiro Vaz – o Rei dos Gerais” (GSV, p. 64). Desde o princípio, Riobaldo tem a confirmação do chefe e dos outros que o “aprovavam” (GSV, p. 80) como chefe. Diadorim ainda confirma, dizendo: “Mano Velho, Riobaldo: tu crê que não merece, mas nós sabemos a tua valia” (GSV, p. 81). Mas por que essa necessidade de fazer pacto para ficar sendo?

Será que o pacto era apenas para ratificar a liderança de Riobaldo ou ele desejava mais alguma coisa? Talvez por saber que Hermógenes era pactuário (pelo menos era isso que ele ouvia dos outros), Riobaldo queria ter o mesmo tipo de proteção sobrenatural para quando chegasse a hora do seu derradeiro confronto com o mal, com Hermógenes, Riobaldo tivesse pelo menos o mesmo nível que Hermógenes, ou seja, ser pactário também.

Enfim, se podemos entender, explicitamente pelos acontecimentos descritos por Riobaldo do momento do pacto, que o pacto não houve, mas como justificar algumas ações (e reações) que Riobaldo começa a ter após aquela noite em que invoca o demônio? Começando pela noite do “pacto”, percebemos algumas atitudes dele que não condiziam com seu modo natural de agir, como por exemplo, sentir o frio de uma maneira exagerada, beber água como um animal, abraçar uma árvore... A impressão que temos é a de que foi ativado em Riobaldo uma espécie de supersensibilidade à natureza a partir daquela noite. Mas o que mais nos chama a atenção para o fato de uma provável aliança com o mal, foram alguns acontecimentos inusitados que começaram a suceder a partir de então.

O primeiro deles foi o fato de que “de lá em diante, jamais nunca eu não sonhei mais, nem pudesse; aquele jogo fácil de costume, que de primeiro antecipava meus dias e noites, perdi pago. Isso era um sinal?” (GSV, p. 424). Riobaldo afirma

que sonhar não conseguiu mais. Poderíamos dizer que o demônio teria dominado a vida de Riobaldo a ponto de controlar até o seu subconsciente enquanto o jagunço dormia?

O segundo acontecimento importante, relacionado ao pacto e que nos leva a acreditar na sua validade, é o fato de que os modos de Riobaldo agir mudaram. De uma hora para a outra ele torna-se falador e começa a contar certas passagens de sua vida de maneira floreada. Faz piada dos trejeitos de Zé Bebelo, com a finalidade clara de afrontar sua liderança, e de enfraquecê-la, diante de seus companheiros (embora possa parecer não perceptível essa afronta aos demais jagunços, mas sim ao leitor mais atento). Mas o que é perceptível aos demais é o fato de Riobaldo estar mais falador do que nunca, tanto que Alaripe comenta: “- Uai, tão falante, Tatarana? Quem te veja” (GSV, p. 425).

Lembrando que a noite que Riobaldo passa solitário no meio do mato, atando um “provável” pacto, diz muito a respeito do evento, fica claro que evidências externas de um pacto com o diabo não houve, durante a “cerimônia pactuária”. Mas algo que não podemos negar foi a mudança interna operada em Riobaldo. Aquela noite foi decisiva para ele e o que podemos observar foi que Riobaldo teve uma espécie de tomada de consciência muito forte em pelo menos dois aspectos, os quais passam a se externar através de suas ações e por meio de acontecimentos, no mínimo, estranhos.

Em primeiro lugar, depois do “pós-pacto”, Riobaldo se apropria de uma firme consciência de que pode ser líder do grupo de jagunços. Em segundo lugar, há um despertar para uma apropriação do conhecimento que ele tem da natureza (um tipo de pacto com a natureza) e de como lidar com ela, de como observar as pistas que a natureza dá para que ele possa, por meio dela, sobreviver e se guiar.

Essa segunda tomada de consciência se mostra muito real, evidente e importante quando Riobaldo, já líder, guia, com sucesso, os jagunços pela travessia do Liso do Sussuarão (coisa que nem Medeiro Vaz conseguiu fazer com êxito em momento anterior do relato). Riobaldo atravessa “Nos nove dias.” (GSV, p. 508) aquele deserto no meio do sertão. E essa travessia eles fazem “sem preparativos nenhuns, nem cargueiros repletos de bom mantimento, nem bois tangidos para carnação, nem bogós de couro-cru derramando de cheios, nem tropas de jegues para carregar água. Para que eu carecia de tantos embaraços?” (GSV, p. 506).

Fica-nos evidente que Riobaldo tem uma confiança exagerada em alguma coisa, talvez pressentimento, para concluir a travessia do Liso do Sussuarão. Talvez a esse pressentimento nós possamos chamar de tomada de consciência de um pacto com a Natureza. E sem forçar muito uma interpretação, vemos que até o céu deu uma trégua naqueles dias, pois “com a sorte nos mandada, o céu ennuveou, o que deu pronto mormaço, e refresco. Tudo de bom socorro, em az.” (GSV, p. 508).

Percebemos que durante a travessia do Liso, Riobaldo faz algumas leituras inusitadas daquela região. Ele consegue perceber que havia barulho de abelhas, presença de formigas, de aranhas, ou seja, havia naquele deserto: vida. Riobaldo vê também que naquele lugar havia carrapatos. E com isso provisão de carne para os jagunços, pois:

Que é que chupavam, por seu miudinho viver? Eh, achamos reses bravas – gado escorraçado fugido, que se acostumaram por lá, ou que de lá não sabiam sair; um gado que assiste por aqueles fins, e que como veados se matava. Mas também dois veados a gente caçou – e tinham achado jeito de estarem gordos... Ali, então, tinha de tudo? Afiguro que tinha. (GSV, p. 508)

Através de uma tomada de consciência por meio da leitura da natureza que o cercava naquela travessia, Riobaldo, corajosamente, consegue liderar seus homens nessa passagem. E ele afirma que “de sede não se penou demais. Porque, solerte subitamente, pra um mistério do ar, sobrechegamos assim, em paragens [...] com plantas.” (GSV, p. 508). Riobaldo afirma que viram naquele deserto muitas plantas e animais, mas o que mais nos chama a atenção é o fato de, no meio do Liso, eles encontrarem água.

Digo – se achava água. O que não em- apenas água de touceira de gravatá, conservada. Mas, em lugar onde foi córrego morto, cacimba d’água, viável, para os cavalos. Então, alegria. E tinha até uns embrejados, onde só faltava o buriti: palmeira alalã – pelas veredas. E buraco-poço, água que dava prazer em se olhar. Devido que, nas beiras – o senhor crê? – se via a coragem de árvores, árvores de mata, indas que pouco altaneiras: simaruba, o aniz, canela-do-brejo, pau-amarante, o pombo; e gameleira. A gameleira branca! Como outros tempos se cantava:

Sombra, só de gameleira,
Na beira do riachão... (GSV, p. 509).

Impressionante como Riobaldo “descobre” tudo isso no meio daquele deserto e consegue obter êxito durante a temida travessia desse deserto. Deserto que na verdade não se demonstrou deserto, pois eles puderam lá encontrar de tudo para a

própria sobrevivência, provando que no grande sertão há veredas escondidas em todas as partes. Isso tudo, esse êxito todo na travessia, podemos entender como uma provável tomada de consciência que Riobaldo teve naquela noite em que se torna um provável pactário.

Retornando ao nosso pensamento sobre a primeira tomada de consciência “pós-pacto”, a de que ele pode ser líder, fica evidente através de algumas atitudes de Riobaldo. A primeira foi que ele começa a expor suas ideias. Mas isso ele já fizera outras vezes, o que pareceria ser normal. A diferença é a forma como ele faz isso a partir daquela noite em que passa sozinho no meio do mato.

Ele expõe suas ideias, ao mesmo tempo em que demonstra impaciência de estarem inertes naquelas paragens, e isso podemos entender como uma forma de desafio à liderança de Zé Bebelo. Riobaldo em outras palavras está querendo dizer que Zé Bebelo não sabe o que faz e não tem nenhuma estratégia de comando para o bando naquele momento. Riobaldo com uma conotação de chefia, de quem manda, de quem lidera e de que ordena, diz em um primeiro momento: “Urgentemente é se mandar portador, a lugar de farmácia, comprar adquirido remédio forte, que há, para se terminar com a maleita, em definitividade.” (GSV, p. 426). E com isso Zé Bebelo “concordou, de imediato. Portador foi.” (GSV, p. 426)

Vemos que Riobaldo dá uma ideia prática, com a finalidade de ajudar todo o grupo (que poderia ter sido dada pelo próprio Zé Bebelo) e é de pronto atendido. Talvez isso tenha lhe dado confiança para expor mais uma ideia, na sequência, a qual foi rechaçada veementemente por Zé Bebelo. Riobaldo, com “enjoo de toda pasmacez” (GSV, p. 426), falou:

- “Chefe, o que tem de se obrar: enviar algum comparsa esperto, que cace de entrar para o bando dos Judas, para no meio deles observar o serviço que se passa, e remeter para a gente as notícias e deixar traços nos lugares. Ou que mesmo dê jeito de liquidar mãomente o Hermógenes – proporcionando venenos, por um exemplo” (GSV, p. 426)

Zé Bebelo, com essa ideia, não concorda e contesta Riobaldo: “- A maluqueira, Tatarana, isso que **Você** está definindo.” (GSV, p. 426 – grifo nosso). Percebe-se, nesse momento, um embate verbal entre os dois e, após Riobaldo confrontar novamente a resposta do líder, Tatarana nos apresenta o seguinte balanço: “ – eu atalhei, curto; porque eu naquela hora achava Zé Bebelo inferior” (GSV, p. 426). Está evidente que a noite em Riobaldo passa sozinho no mato dá a

ele um poder de confronto, de demonstração de liderança, de coragem para liderar que antes ele não possuía, ou melhor, que não era por ele exteriorizado.

Notamos, pelas atitudes de Riobaldo, que ele passa a desafiar mais e mais a liderança de Zé Bebelo. Entendemos, com isso, que a noite do “pacto” gerou em Riobaldo um desejo muito forte de assumir a liderança do grupo. E ele não tarda para querer demonstrar isso e não tarda também a ser reconhecido, pois das duas ideias que dera a Zé Bebelo uma foi aceita, a outra rejeitada, mas o que mais nos chama a atenção como resultado desse primeiro confronto com Zé Bebelo, foi que este reconhece que ele e Riobaldo “são garrotes remarcados” (GSV, p. 426), dando a entender que Riobaldo também era remarcado para ser líder, e Zé Bebelo continua dizendo: “Riobaldo, tu é um homem de estúrdia valia.” (GSV, p. 426). E pela narrativa, sabemos que isso não tarda a aparecer e a acontecer. Riobaldo, de Tatarana, passa a ser Urutu Branco.

Afirmamos que essa determinação de Riobaldo, para “ficar sendo” foi fruto daquela noite de um provável encontro consigo mesmo e não com o demônio. A partir desse momento inicial de desafio à liderança de Zé Bebelo, um clima tenso passa a envolver as atitudes de Riobaldo, dando a entender que a qualquer momento ele teria uma reação inconveniente e provocativa a fim de desestabilizar a liderança de Zé Bebelo.

A narrativa, nesse momento, passa a configurar um clima de mistério e de sobrenaturalidade e estranheza relacionando-se com o que acontece a Riobaldo. Uma cena importante, que pode nos direcionar à conclusão de que um provável pacto com o demônio teria acontecido, é o momento em que uma tropa de companheiros de Riobaldo chega até o local em que estavam Riobaldo, Zé Bebelo e os outros jagunços. Os cavalos daqueles que chegavam, fazem um rebuliço descomunal na presença de Riobaldo.

Dou confesso o que foi: era de mim que eles estavam espantados. Aí porque a cavalaria me viu chegar, e se estrepoliu. O que é que cavalo sabe? Uns deles rinchavam de medo; cavalo sempre relincha exagerado. Ardido aquele nitrite riso fininho, e, como não podiam se escapulir para longe, que uns suavam, e já escumavam e retremiam, que com as orelhas apontavam. Assim ficaram, mas murchando e me obedecendo... (GSV, p. 429)

Riobaldo nos dá a entender que aqueles cavalos estavam, provavelmente, enxergando alguma outra coisa nele naquele momento, talvez algo sobrenatural que

os homens não enxergavam, mas que os animais conseguiram perceber. Esse relato nos faz lembrar de uma passagem bíblica semelhante que se encontra no livro de Números, capítulo 22, do versículo 22 ao 33, a qual serve apenas para ilustrar esse momento da narrativa de *Grande Sertão*. É a história de Balaão e a jumenta. No caso bíblico, o animal além de ver algo sobrenatural, o Anjo do Senhor, ela ainda fala com o profeta Balaão.

Voltando à narração de Riobaldo, o fato é que ele pula no meio dos animais e ordena: “Barzabú! Aquieta, cambada!” (GSV, p. 429). Os cavalos de pronto se amansaram e Riobaldo, pondo “a mão no lombo dum, que emagreceu à vista, encurtando e baixando a cabeça, arrufava a crina, conforme terminou o bufo de bufôr.” (GSV, p. 429). Os companheiros de Riobaldo notaram a bizarrice daquela cena. Parece que Riobaldo demonstrava ter um poder sobre a natureza, sobre os animais. Tanto é que disseram no momento “Tu sendo peão amansador domador?” (GSV, p. 430).

Sobrenaturalidade e domínio da natureza aparecem na cena descrita? Essas duas ideias se mesclam. Mas o que podemos observar é que quando pensamos numa possível tomada de consciência, por Riobaldo, do conhecimento da natureza (pacto com a natureza), tendemos a acreditar que esse episódio se configura como uma boa demonstração da espécie de “pacto” que houve para Riobaldo. Esse tipo de demonstração de poder sobre os animais se dá mais uma vez na sequência desse primeiro episódio de controle da natureza por Riobaldo. Mas neste caso, além da demonstração de poder sobre os animais, Riobaldo demonstra poder de influência sobre os homens. Inclusive sobre Zé Bebelo, é e nesse momento que Tatarana passa a ser Urutu Branco.

Seô Habão, fazendeiro rico e dono daquelas terras em que se encontravam naquele momento, chega montado em um cavalo exuberante. No momento em que o animal se aproxima de Riobaldo, logo após Seô Habão apear, o bicho “se empinou: de dobrar os jarretes e o rabo no chão; o cabresto, solto da mão do dono, chicoteou alto no ar.” (GSV, p. 430). Riobaldo, novamente, demonstra seu domínio sobre o animal (natureza). “Barzabú”- xingou. “E o cavalão lã lã, pôs pernas para adiante e o corpo para trás, como onça fêmea no cio mor. Me obedecia. Isto, juro ao senhor: é fato de verdade.” (GSV, p. 430).

Não precisamos nos esforçar muito para entender a imagem da cena: o cavalo, num primeiro momento fica quase que em pé na frente de Riobaldo, (uma

possível adoração?) e na sequência, totalmente dominado, se ajoelha aos pés do dominador. O que ocorre na sequência da narrativa, também demonstra uma projeção enorme da figura de Riobaldo diante de todos os jagunços que estão presentes naquela reunião bizarra, mas principalmente há a exaltação da figura de Tatarana diante do líder Zé Bebelo. Pois Seô Habão, que alguns dias atrás pouco caso fez de Riobaldo, conversando o tempo todo na fazenda com Zé Bebelo, o que era natural naquele momento, pois “chefe conversa com chefe”, nesse momento em que a sua montaria se dobra a Riobaldo, Seô Habão diz: “- Se este praz ao senhor...Se ele praz ao senhor...Lhe dou amigavelmente, com bom agrado: assim como ele está, moço, ele é seu” (GSV, p. 430)

Um presente tão nobre como esse, normalmente seria oferecido a um líder. Mas algo que chama a atenção é o fato de Seô Habão, “homem só vendido ao dinheiro e ao ganho” (GSV, p. 430), homem tão apegado ao dinheiro se desfazer de um animal, muito valioso, nestas condições: presenteando um jagunço. Causa-nos estranheza essa atitude de Seô Habão. O que o teria levado a presentear Riobaldo? Riobaldo mesmo se questiona:

[...] por que seria que Seô Habão se engraçava de me presentear de repente com uma prenda dum valor desse, eu que não era nem amigo nem parente dele, que não me devia obrigação, quase que nem me conhecia? Aos que projetos ele engenhava em sua mente, que possança minha ele adivinhava? (GSV, p. 431)

Com certeza, o fazendeiro viu no jagunço algo que não vira dias atrás, caso contrário, tê-lo-ia tratado da mesma maneira: como mais um jagunço. Talvez tenha a ver com o “pacto” realizado naquela noite. Pois Riobaldo fica desconfiado de que Seô Habão esteja vendo nele algo que ninguém percebe. Mas quanto a isso é apenas especulação de Riobaldo, o fato é que depois do recebimento desse presente, ele é tratado com mais distinção ainda por seus companheiros. E é isso que percebemos nas falas deles: “-É deveras [...] Animal de riqueza: graúdo, farto, manteúdo” “- Sorte é isto. Merecer e ter” “Ainda bem que foi bem empregado” (GSV, p. 431). Todos os que presenciaram a cena demonstravam regozijo por Riobaldo e ele mesmo aproveita o momento para refletir que “as coisas influentes da vida chegam assim sorrateiras, ladroalmente.” (GSV, p. 431).

Riobaldo tinha plena consciência de que aquele presente recebido, proporcionaria a ele influência. E ele percebe também que “...oferecer e receber um

presente daquele, naquelas condições, era a mesma coisa que ofender Zé Bebelo. Um dom de tanto quilate tinha de ser para o Chefe.” (GSV, p.432). Reparemos que “chefe” está grafado com letra maiúscula, demonstrando uma certa supremacia no bando. Podemos ler de duas maneiras que o presente tinha de ser dado ao chefe: que Riobaldo recebera o presente por engano e por isso daria o presente ao verdadeiro chefe (o que nessa altura da narrativa soaria inverossímil); ou uma leitura mais condizente com o cenário que se armou: Riobaldo já se considerava chefe.

E o que acontece na sequência é a consumação do desejo de Riobaldo de “ficar sendo”. Riobaldo, agora, cheio de confiança em si mesmo e com a aprovação dos outros que o rodeavam, lança uma pergunta, quando da chegada àquele arraial de um dos jagunços mais influentes no bando de Zé Bebelo: João Goanhá.

Eu caminhei para diante. E, ô gente, eu dei mais um passo à frente: **tudo agora era possível**. Não era de propósito, o senhor não julgue. Nem não fizeram espantos. Não exclamei, não pronunciei; só disse.

- Ah, agora quem aqui é que é o chefe?

Só perguntei. Sei por que? Só por saber, e quem-sabe por excessos daquela minha mania derradeira, de me comparecer com as doidivãs bestagens, parlapatal. De forma nenhuma eu não queria afrontar ninguém. Até com preguiça eu estava. A verdade, porém, que um tinha de ser o chefe. Zé Bebelo ou João Goanhá. Um para o outro olharam. (GSV, p. 435 – grifo nosso)

Quem era o chefe? Riobaldo naquelas alturas já tinha certeza de quem era o chefe era ele mesmo. Mas insiste e ainda por mais cinco vezes pergunta: Quem é o chefe? Até que o próprio Zé Bebelo diz: “A rente, Riobaldo! Tu o chefe, chefe, é: tu o Chefe fica sendo [...] Ao que vale! (GSV, p. 437). E mais adiante, já com a aprovação de todos os jagunços do bando e com o consentimento de João Goanhá também, Zé Bebelo ainda confirma a liderança de Riobaldo Tatarana, rebatizando-o como Urutu-Branco.

Daí, riu, e disse, mesmo cortês:

- Mas, você é o outro homem, você revira o sertão [...] Tu é terrível, que nem um urutu branco. O nome que ele me dava, era um nome, rebatismo desse nome, meu. Os todos ouviram, romperam em risos. Contanto que logo gritavam, entusiasmados: “- O Urutu-Branco! Ei, o Urutu-Branco! (GSV, p. 438)

Poderíamos tentar entender todo esse percurso, desde o provável pacto de Riobaldo com o demônio, nas Veredas-Mortas, até o momento da sua tomada de chefia, através dos conceitos de linhas de força. Há uma forma rizomática de

entendermos que uma provável conexão com o mal, o que para Riobaldo se configura em uma linha de fuga, seja-lhe capaz de proporcionar o bem, por meio de ações da natureza. Poderíamos propor isso em forma de pergunta.

Riobaldo, durante toda a narrativa, tenta encontrar uma maneira de negar o pacto que talvez tenha realizado com o demônio. Afinal de contas, ele não gostaria de conviver com a ideia de ter vendido a alma ao diabo. Porém, isso se configura como uma forte probabilidade. Uma forte linha maleável que se oferece a Riobaldo, a fim de proporcionar a ele o que ele desejaria. Riobaldo tem uma confiança exagerada nessa possibilidade que lhe aparece. Tanto é que ele cede a essa linha de força. E em um segundo momento, a ele se apresenta como uma linha de fuga, em certo ponto de sua caminhada. Por isso ele vai até às Veredas-Mortas.

Vejamos isto, Riobaldo tem dentro de si um enorme desejo de se tornar líder. Talvez possa até não ter ficado tão claro ao interlocutor o porquê desse desejo imenso de tomar a liderança do bando, mesmo porque quais são os atos grandiosos de Riobaldo após a tomada da chefia? O maior de todos eles foi a travessia do Liso Sussuarão. Até mesmo no confronto final com Hermógenes, objetivo maior de sua vingança, Riobaldo fica de fora. Não participara ativamente. Ele descreve a cena do confronto final, mas confessa “E eu estando vendo!” (GSV, p. 595). Enquanto o seu maior amigo na vida lutava e era morto, ele estava desmaiado dentro da casa em que se protegiam alguns jagunços, o menino Guirigó, o cego Barromeu e a mulher de Hermógenes. “Como retornei, tarde depois, mal sabendo de mim, e querendo emendar nó no tempo, tateando com meus olhos, que ainda restavam fechados.” (GSV, p. 596). Enfim, o que Riobaldo quer é se tornar líder.

Para alcançar essa liderança, Riobaldo, ao expor-se a uma linha de fuga, ao provável pacto, tem em mente um tipo de conexão que está prestes a realizar: unir-se ao mal para alcançar seu objetivo, que é tornar-se chefe do bando e derrotar Hermógenes. Aparentemente, a aliança com o mal não se dá, porém mudanças subjetivo-identitárias são perceptíveis na vida de Riobaldo Tatarana, após o provável pacto. A lógica rizomática entra em cena nesse momento, pois ao querer estabelecer um tipo de conexão com o mal, Riobaldo, provavelmente, saiba do risco que esteja correndo. Porém, essa linha de fuga “estoura”, arremessando-o para uma outra forma de vida. Riobaldo, ao tentar encontrar-se com o mal, encontra-se consigo mesmo e evidencia uma espécie de experiência sobrenatural, ligando-se à

natureza. Isso foi o que pudemos observar e sobre isso já escrevemos anteriormente neste texto.

A dinâmica das linhas de força são claramente evidenciadas, pois Riobaldo expõe-se a certa linha maleável que o vem “tentando” durante boa parte da narrativa. Ao “concretizar” seu pacto, ele vivencia uma linha de fuga que o impele para um contato mais intenso com a natureza. Podemos perceber que a busca de Riobaldo pelo mal, que na narrativa é a figura do demônio, faz com que ele se conecte com uma nova forma de vida e de relação com a natureza. A busca do mal fez com que Riobaldo descobrisse uma nova maneira de vivenciar o bem?

Lembre-mo-nos de que Riobaldo está no sertão, onde o acesso às liturgias tradicionais do cristianismo estão fora do seu alcance, no entanto, a natureza, a mata, os rios, de alguma forma propiciam elementos capazes de conectá-lo com uma outra transcendência: o demônio. Já que ele mesmo, em sua imanência, não pode manifestar a força de que precisa, ele busca o demoníaco, aquele que o liberará das regras éticas restritivas do comportamento. No entanto, ao buscar pela liberdade proporcionada pelo pacto com o demônio, Riobaldo encontra a ele mesmo, num plano mais profundo. O que o tornará capaz de relativizar, rizomaticamente, as forças naturais com as quais tem que se ver no meio do sertão. O sucesso da travessia do Liso do Sussuarão é um exemplo disso. A figura do demônio é um emblema rizomático na experiência de Riobaldo. É a figura do demônio, sua potencialidade de liberdade, suas linhas de segmentaridade dura, maleável e de fuga que operam a lógica rizomática que fará Riobaldo compreender os movimentos do mundo sem separá-los, maniqueisticamente, em bem e mal.

Riobaldo, após o provável pacto vê o mundo de outra maneira. Vê a natureza de outra maneira. Vê seu líder, Zé Bebelo, de outra maneira. Relaciona-se com Diadorim de outra maneira. Mas acima de tudo, vê a si próprio de outra forma, a ponto de provocar a toma da liderança para si. Um novo Riobaldo, claramente, nasce após horas sozinho no meio do mato nas Veredas-Mortas. Após invocar o maligno, o que Riobaldo encontra é o silêncio. E é nesse silêncio que Riobaldo encontra a si mesmo. “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.” (GSV, p, 422).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há tanta profundidade em *Grande Sertão: veredas*, nas histórias narradas por Riobaldo, na busca subjetiva do narrador, na dinâmica do bem e do mal proposta por sua reflexão ética, que se torna difícil, diríamos impossível, esgotar a potencialidade significativa que o livro suscita. O nosso trabalho, na escrita desta dissertação, foi perceber (e analisar) que a dinâmica do bem e do mal ganha significação própria e estabelece movimentos de reversão capazes de questionar qualquer lógica maniqueísta. Esta dinâmica está entranhada em diversos momentos específicos do romance e também no relato maior de Riobaldo, em que ele questiona todo o movimento de sua vida.

Por meio da voz do narrador, do qual duvidamos em vários momentos, mas pelo qual nos deixamos (inocentemente?) ser guiados, pudemos perceber que a vida vivida por ele, e por vários dos personagens presentes nessa história de sertão e veredas foi a todo momento atravessada por linhas de forças que os impeliam a tomadas de decisões o tempo todo. Mesmo que inconscientes, muitas vezes, do perigo a que estavam expostos, os personagens decidiram se lançar nas correntezas desse rio chamado “vida” e por ele se deixaram levar a diversas paragens, talvez muito distintas das que imaginadas ou desejadas. Quem poderia afirmar que uma paixão avassaladora por outro homem iria conduzir as decisões da vida do narrador Riobaldo? O Tatarana que virou Urutu-Branco, apaixonado por um Diadorim homem-mulher, onipresente em sua memória, transforma as contradições de seu passado e de seus sentimentos em motor para um relato capaz de relativizar e recolocar os sentidos de bem e mal, seja na própria experiência, como também naquilo que observa ao seu redor, na vida dos outros e também nos movimentos da natureza.

Quem poderia acreditar em períodos de tréguas e paz no meio das batalhas vividas por bandos de jagunços rivais, por que a agonia de morte dos cavalos, quando do episódio do massacre, afetou de forma tão grandiosa a vida do “humano” que se escondia atrás da dureza daqueles homens raivosos? A lógica da reversão opera em todos os momentos do romance, o mal se transformando em bem, a guerra em paz. No entanto, é importante dizer que a reversão não é um princípio de pacificação, pois o Riobaldo que conta é um homem que não está totalmente

pacificado, a linguagem é seu campo de guerra, seu exercício ético é o seu movimento permanente entre as margens do bem e do mal.

A beleza da escrita de Guimarães Rosa pôde ser potencializada e, em alguns momentos esclarecida, pela anotação dos conceitos filosóficos propostos pela escrita do nosso trabalho. A filosofia não foi tomada como mera ferramenta de análise de um texto literário, o que pudemos perceber é que o homem, através da produção de conhecimentos consegue se completar a si mesmo em múltiplos movimentos: por meio da literatura, por meio da filosofia, por meio da religião, por meio da ciência... E esse ser humano completo, ideal, tem dentro de si questões com que lidar que ultrapassam os limites do bem e do mal. E é trabalhando com essa potencialidade existente em nossas vidas que descobriremos que nem todo mal, aparentemente, será a causa de nossa destruição; e por outro lado poderemos entender que aquilo que soa aos nossos ouvidos como um provável bem nem sempre nos elevará a um lugar de desfrute de paz e de utilidade, como diria Spinoza.

Grande Sertão: veredas é para nós uma prova disto: que o mal e o bem estão, possivelmente, andando lado a lado, e será sempre o ser humano que poderá ativar um ou outro, um e outro, um pelo outro... Cabe ao homem humano estar atento à sua caminhada, à sua travessia, para que não se deixe enredar pelo diabo, afinal de contas ele não existe?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

Bíblia Sagrada português – inglês = Holy Bible potuguese – english. São Paulo: Editora Vida, 2003.

Bolle, Willi. **Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, 2004.

BOYER, Orlando. **Heróis da fé**. Rio de Janeiro - 5ª impressão: CPAD, 2002.

CANDIDO, Antonio. **O homem dos avessos**. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: INL/Civilização Brasileira, 1991, p. 294 - 309. (Coleção Fortuna Crítica, n. 6)

COUTINHO, Eduardo F. **Grande Sertão: veredas. Travessias**. São Paulo: Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda, 2013.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996 (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996 (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles. Spinoza, Benedictus de. **Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

GARRET, Don (org.). **Spinoza**. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, JOÃO GUIMARÃES. **Grande sertão: veredas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e cosmos. Leituras de Guimarães Rosa**. São Paulo: Secretaria de Cultura, 1976.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

VEREDAS, de Rosa. Seminário Internacional Guimarães Rosa. 1998-2000. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2000